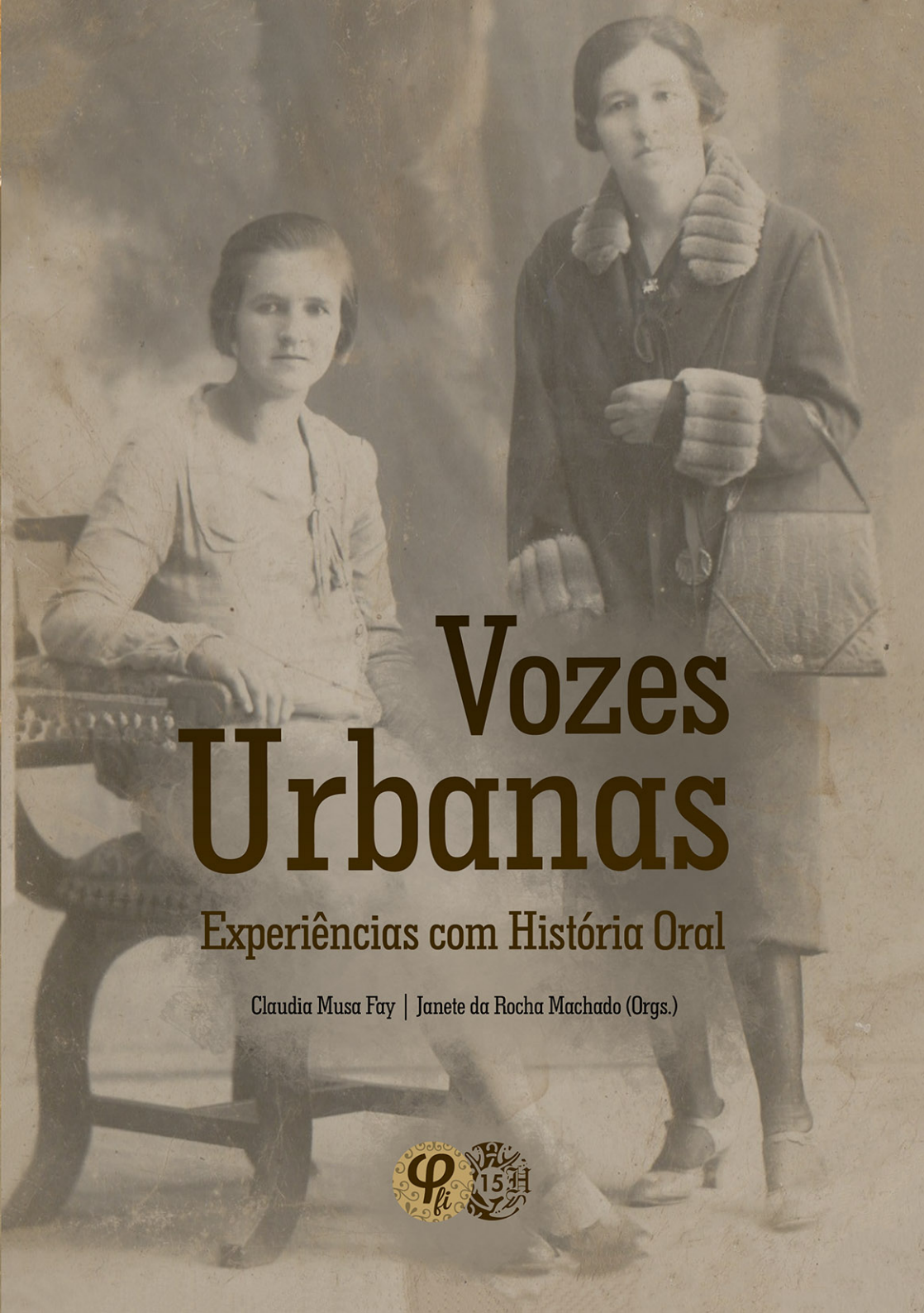


Vozes Urbanas

Experiências com História Oral

Claudia Musa Fay | Janete da Rocha Machado (Orgs.)

No transcorrer da sua história, o homem se utilizou da tradição oral (lendas, histórias infantis e fábulas) para perpetuar um saber construído ao longo de milhares de anos. As fábulas remontam a tempos antigos, vindas da tradição oral de diferentes culturas pelo mundo, na forma de histórias curtas contadas de pai para filho e, dessa maneira, acabaram perpetuando-se no imaginário coletivo. Escritas em prosa ou verso e tendo como personagens animais com características antropomórficas, as fábulas sempre tiveram fins educativos e morais. Da mesma forma, os provérbios, as canções e as cantigas de ninar eram transmitidos sem um sistema de escrita. Esse conhecimento aprimorado, ao longo da trajetória da humanidade, pela capacidade racional e intuitiva e pela investigação indiciária, possibilitou ao homem a decifração da realidade do passado em sua complexidade. Assim, o trabalho com a oralidade se caracteriza por ser produzido a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, que podem versar sobre um determinado fato ou conjuntura que se quer investigar. Além disso, a história oral faz parte de todo um conjunto de documentos do tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

9 788556 966131

editora Fi .org

CC BY SA

Vozes Urbanas

Série Historicus

Comitê Editorial

CAROLINE TECCHIO
Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DANIELE BROCARDO
Doutoranda em História, Universidade do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon-PR

DOUGLAS SOUZA ANGELI
Doutorando em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

EVERTON FERNANDO PIMENTA
Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

GUILHERME FRANCO DE ANDRADE
Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LEANDRO DE ARAÚJO CRESTANI
Doutorando em História, Universidade de Évora, Évora (Portugal)

LUIS CARLOS DOS PASSOS MARTINS
Doutor em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

LUIZ ALBERTO GRIJÓ
Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL GANSTER
Mestre em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL HANSEN QUINSANI
Doutor em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

RAFAEL SARAIVA LAPUENTE
Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

TIAGO ARCANJO ORBEN
Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS

VINÍCIUS AURÉLIO LIEBEL
Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ

Vozes Urbanas

Experiências com História Oral

Organizadoras:
Claudia Musa Fay
Janete da Rocha Machado

Diagramação: Marcelo A. S. Alves
Capa: Carole Kümmecke - https://www.behance.net/CaroleKummecke

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Todos os livros publicados pela Editora Fi
estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

http://www.abecbrasil.org.br

Série Historicus - 15

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FAY, Claudia Musa; MACHADO, Janete da Rocha (Orgs.)

Vozes Urbanas: experiências com história oral [recurso eletrônico] / Claudia Musa Fay; Janete da Rocha Machado (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

155 p.

ISBN - 978-85-5696-613-1

Disponível em: http://www.editorafi.org

1. História; 2. História oral; 3. PUCRS; 4. Imigrantes; 5. Brasil; I. Título; II. Série

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:
1. História 900

Sumário

Apresentação 9
Janete da Rocha Machado

1 13
Grupo de Estudos em História Oral da PUCRS
Claudia Musa Fay

2 15
Breve reflexão sobre a prática em história oral
Biane Peverada Jaques

3 29
Vozes urbanas que falam da saúde
Cristina Furlan Zabka

4 43
Fugindo da Guerra: a trajetória da família Ducceschi desde a Itália até Porto Alegre
Egiselda Brum Charão

5 67
Memórias de uma peregrina no Caminho de Santiago de Compostela
Flavia de Brito Panazzolo

6 79
Memórias de Fernando Gay da Fonseca: uma trajetória de sucesso na vida pública
Janete da Rocha Machado

7 97
Do Sul da Itália para o Brasil Meridional: a trajetória do imigrante Nicolò Cassarà nos anos do pós-guerra (1946-1976)
Leonardo de Oliveira Conedera

8 113
Entrevista com o imigrante italiano Renzo Biondani e um diálogo teórico-metodológico interdisciplinar
Regina Zimmermann Guilherme

9 139
A resistência antifascista entre os imigrantes italianos em Porto Alegre
Tamara Zambiasi Superti de Oliveira

Apresentação

Janete da Rocha Machado [1]

No primeiro semestre de 2018 tive o prazer e a alegria de participar de um grupo de estudos sobre História Oral com a Professora Dra. Claudia Musa Fay. A satisfação foi ainda maior quando reencontrei antigos colegas e amigos do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e também estudiosos em memória e oralidade de outras universidades. No transcorrer do curso, foram compartilhadas experiências com memorialistas e discutidos textos de autores diversos cujo eixo norteador era a memória e a oralidade, sempre mediados pela professora orientadora. À medida que avançávamos no curso, éramos tomados por uma expectativa regada pela satisfação de poder publicar um livro. Neste, contemplaríamos toda a nossa produção textual, resultado das entrevistas realizadas ao longo do semestre.

Com a dedicação, a competência profissional e o conhecimento da professora Claudia Fay, responsável também pelo Laboratório de Pesquisas em História Oral (LAPHO) da PUCRS, concluímos os estudos: análise e discussão de textos, realização e transcrição das entrevistas, e, por fim, a produção textual. O comprometimento dos alunos no Laboratório contribuiu, sobremaneira, para a evolução dos estudos, uma vez que o grupo se empenhou não só na coleta de memórias e na documentação, mas também na participação em seminários.

É importante enfatizar que o trabalho com História Oral tem se apresentado como uma eficiente metodologia utilizada desde os

[1] Doutoranda em História/PUCRS. Apoio CAPES. *E-mail*: janeterm@gmail.com.

anos de 1950 por diferentes pesquisadores. No Brasil, esse método foi introduzido na década de 1970, com a criação do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Com o tempo, a prática cresceu e conquistou muitos adeptos: em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que reúne membros de todo o país; em 1996, surgiu a Associação Internacional de História Oral, responsável também pela realização de congressos, os quais resultam em uma extensa publicação em revistas, boletins e livros; e atualmente, existem inúmeros programas em universidades que utilizam as entrevistas e os relatos pessoais sobre o passado para um estudo mais investigativo sobre variados temas.

É de domínio público que a compreensão dos fatos históricos pode ser viabilizada por meio de entrevistas e de memórias de pessoas, as quais são utilizadas como fontes, assim como os documentos escritos e imagens, entre outros. Com certeza, a possibilidade de trabalhar com bons narradores enriquece a temática, ampliando as abordagens. Também é digno de nota que o trabalho com a oralidade desperta, na maior parte das vezes, o lado afetivo e de gratidão das famílias entrevistadas. Consequentemente, criam-se "laços", os quais se fortalecem, permitindo a liberação de novos e interessantes acervos e memórias, antes guardados ou esquecidos.

No transcorrer da sua história, o homem se utilizou da tradição oral (lendas, histórias infantis e fábulas) para perpetuar um saber construído ao longo de milhares de anos. As fábulas remontam a tempos antigos, vindas da tradição oral de diferentes culturas pelo mundo, na forma de histórias curtas contadas de pai para filho e, dessa maneira, acabaram perpetuando-se no imaginário coletivo. Escritas em prosa ou verso e tendo como personagens animais com características antropomórficas, as fábulas sempre tiveram fins educativos e morais. Da mesma forma, os provérbios, as canções e as cantigas de ninar eram transmitidos sem um sistema de escrita.

Esse conhecimento aprimorado, ao longo da trajetória da humanidade, pela capacidade racional e intuitiva e pela investigação indiciária, possibilitou ao homem a decifração da realidade do passado em sua complexidade. Assim, o trabalho com a oralidade se caracteriza por ser produzido a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, que podem versar sobre um determinado fato ou conjuntura que se quer investigar.

Além disso, a história oral faz parte de todo um conjunto de documentos do tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretaram acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

O trabalho com a história oral compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. Exige, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Os processos de construção e de análise das memórias e dos documentos (fontes oficiais) requerem sempre muita dedicação, tempo e um trabalho acurado. Isso porque confrontar os depoimentos com as fontes escritas implica conhecimento, resultando no trabalho final, ou seja, um novo documento histórico. A desconstrução, a crítica e a comprovação dos depoimentos, juntos, resultam no documento fiel, completo, e, consequentemente, com qualidade de uma produção documental e acadêmica.

O livro que agora estou apresentando é, portanto, o resultado de uma produção textual feita a partir de entrevistas diversas realizadas por historiadores e seus depoentes, cada qual com sua temática própria. Biane Peverada Jaques trouxe a história do jornalista e professor universitário Maximiano Pombo Cirne, originário da cidade de Pelotas; Cristina Furlan Zabka ouviu a comunidade acerca

de um projeto que prioriza a saúde; Egiselda Brum Charão recuperou, por meio do depoimento de Francesca Ducceschi, a trajetória da família Ducceschi desde a Itália até Porto Alegre; Flavia de Brito Panazzolo transcreveu as memórias de Adriana Reis, uma peregrina no Caminho de Santiago de Compostela; minha entrevista trouxe a trajetória de sucesso de Fernando Gay da Fonseca, político, professor e diplomata gaúcho, com uma extensa e profícua carreira na vida pública; Leonardo de Oliveira Conedera escreveu sobre a trajetória do imigrante Nicolo Cassara nos anos pós-guerra (1946-1976) da Itália ao Brasil; Regina Zimmermann Guilherme efetuou uma transcrição de acordo com o método de Narrativas Biográficas da socióloga Gabriele Rosenthal e, para isso, entrevistou o imigrante italiano Renzo Biondani; e, finalmente, Tamara Zambiasi Superti de Oliveira fez um trabalho sobre a resistência antifascista entre os imigrantes italianos em Porto Alegre, utilizando os depoimentos de Norma Superti. Todas as entrevistas foram catalogadas, transcritas e estão disponíveis para consulta no Laboratório de História Oral da PUCRS (LAPHO).

É importante salientar ainda que alguns depoentes da presente obra possuem idades avançadas, porém todos em perfeitas condições intelectuais. Para Ecléa Bosi, estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, "há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social, resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar"[2]. Para a autora, "os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara"[3]. Eles são os guardiões do passado e a eles é dada a função social de lembrar e aconselhar, pois para esses grupos, a lembrança é a sobrevivência do passado, o qual se conserva no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens e de lembranças.

[2] BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. **Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 63.

[3] *Ibidem*, p. 18.

1

Grupo de Estudos em História Oral da PUCRS

Claudia Musa Fay [1]

A História Oral revigorou-se nas últimas décadas, tornando-se aporte inovador à investigação no âmbito das Ciências Sociais, em decorrência da compreensão de uma necessidade de recuperação sistemática da memória. A História Oral supõe tal recuperação e a organização de um *corpus* documental a ser utilizado pelos estudiosos de diversas áreas do conhecimento, *corpus* esse constituído por um conjunto de relatos que podem preservar fatos não passíveis de registro por outro tipo de documentação. Ademais, é através da produção de História Oral que surge a possibilidade de recuperar os testemunhos de todos os protagonistas do processo histórico, isto é, pessoas de diferentes sexos, nacionalidades, religiões ou diferentes classes sociais. A História Oral recolhe, na experiência efetiva dos depoentes, muito das tradições, das crenças, dos costumes existentes nos grupos sociais e que conferem identidade aos mesmos grupos.

O Laboratório de História Oral da PUCRS foi criado pela Professora Dra. Núncia Constantino no final da década de 1990, com o propósito de criar novas fontes, com a ajuda dos alunos do curso de graduação e pós-graduação, com a produção e guarda dos depoimentos. Na época, a fonte oral era praticamente ignorada pela historiografia brasileira, no entanto acreditava-se na sua importância, e tinha-se a certeza de que os depoentes, ao terem seu

[1] Doutora em História/UFRGS. Professora adjunta em História/PUCRS. *E-mail*: cmusafay@pucrs.br.

direito reconhecido, tomam posse de um passado, o qual também lhes pertence, pois os auxilia na construção de uma identidade. Ademais, é através da narrativa de suas memórias que surge, para as pessoas entrevistadas, a possibilidade de dar um sentido ao que passou.

O Grupo de Estudos em História Oral foi criado em 2018, com o propósito de dar voz à parte da sociedade, a qual não consegue exprimir a si mesma, ou seja, não consegue acrescentar sua voz à História. Deseja-se poder (e saber) ouvir essas vozes. Deseja-se criar momentos inexistentes no seu cotidiano, como é o momento de contar o que passou, e, consequentemente, poder reconstruir a própria história, mas se a reconstrução auxilia no plano individual, no plano coletivo oferece elementos para uma compreensão mais ampla da realidade; são fios do nosso tecido social que finalmente aparecem, se identificam. As experiências dessas pessoas são de grande valor quando entendidas como diferentes formas de viver, de conhecer, de construir a nossa mesma realidade.

Desse modo, o grupo de estudos do Laboratório de História Oral da PUCRS, ao realizar as entrevistas, analisá-las e publicá-las, amplia suas possibilidades de investigação e de estudo, assim como amplia também seu acervo, produzindo e custodiando documentos que servirão como fontes a futuros estudos interdisciplinares. Abre-se, portanto, a possibilidade de viabilizar a colaboração nas pesquisas do fenômeno da urbanização com novos relatos, com diferentes concepções, resultantes de experiências vividas.

Assim, justifica-se o presente livro, reforçando que a ampliação do estudo do meio urbano brasileiro também requer a redefinição de conceitos e a utilização de novas abordagens, analisando suas intervenções e prestando atenção à sua narrativa que reúne as dificuldades impostas pela sociedade.

2

Breve reflexão sobre a prática em história oral

Biane Peverada Jaques [1]

A Entrevista

Entrevista realizada com Maximiano Pinheiro Cirne – concedida à autora, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 2013 – sobre a trajetória do seu pai, o Jornalista Maximiano Pombo Cirne.

Qual o seu nome?

Maximiano Pinheiro Cirne.

A sua data de nascimento?

Dois de maio de mil novecentos e cinquenta.

A sua profissão?

Professor Universitário.

[...]

Agora nesse momento da entrevista a gente passa para uma abordagem mais específica em relação ao seu pai, tá?

Tudo bem.

[...]

A cidade de nascimento do seu pai?

Meu pai nasceu em Bunheiros, Freguesia da Murtosa, distrito de Aveiro, em Portugal.

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPGH/PUCRS. Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq. *E-mail*: jaquesbiane@gmail.com.

Você falou uma coisa muito interessante, na Ficha de Qualificação Profissional, que eu tenho lá no Núcleo de Documentação Histórica, quando ele solicita a Carteira de Trabalho diz exatamente isso.

É como seria o distrito do Capão do Leão, vamos dizer, distrito da Cascata, cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul. Só mudaria como é Bunheiro, Murtosa e Aveiro, Aveiro seria o estado, que eles chamam de Distrito.

Como eu lhe disse, lá na ficha consta que ele é de Portugal, o senhor sabe de onde, bom de onde o senhor já disse, mas por que motivos ele veio para o Brasil?

Ele veio para o Brasil... Primeiro quem veio para o Brasil foi o meu avô, motivado pela Primeira Guerra Mundial, pouco trabalho. Lá a agricultura e pesca a que a família se dedicava no inverno a agricultura, não, perdão, primavera, verão, agricultura, e inverno, a pesca, não tinha emprego, ele veio para o Brasil tentar ficar rico, vamos dizer assim, que eles achavam na época. Ele veio para cá, colocou um armazém na, hoje é Santos Dumont esquina Voluntários, armazém Cristal. Dizem que era um armazém muito forte, armazém de secos e molhados e ele precisava quem ajudasse, daí ele chamou o filho, que tinha na época dez anos aproximadamente. Veio para trabalhar com o pai como caixeiro da venda, entregando as compras de carroça, balaio. E aí, aqui ele ficou um bom período até que ele quis estudar. O meu avô dizia que não havia necessidade de estudar porque ele tinha todas as condições de continuar com o trabalho que ele tava tendo e com o negócio. Mesmo assim, ele insistia em estudar e começou a estudar escondido, à noite, no colégio Universal, que é na Biblioteca Pública, funcionava na Biblioteca Pública. Dizia que ia dormir, pulava a janela, estudava e voltava. Nisso, o meu avô pegou ele duas vezes, estudando durante o dia atrás de sacos de arroz, de grãos, rasgando os cadernos e, como ele dizia, dando uma "taria" de laço nele. Até que, na terceira vez, ele disse: - Ou tu fica no Brasil e trabalha, ou te mando para Portugal, e ele retornou para Portugal.

[...]

E onde a família morava no período em que o Seu Maximiano trabalhava no Diário Popular?

Ele morava exatamente nesse era, chamava-se Marquês de Caxias, hoje, Santos Dumont não é? Não, Barão de Santa Tecla esquina Voluntários, onde era o Armazém Cristal, que pertencia ao pai.

A minha pergunta agora seria qual a escolaridade dele, o senhor já disse que ele começou a fazer Direito lá em Portugal? Mas ele não chegou a terminar?

Não. Aí quando ele veio para o Brasil por causa da mãe, ele tentou fazer Direito aqui, mas como era estrangeiro, ele não podia cursar, simplesmente transferir o Direito de lá, porque hoje pode, né? Naquela época não tinha esses acordos internacionais. E ele, para poder entrar no Direito, tinha que fazer uma prova específica de seleção para saber se o liceu que ele tinha tirado lá, o segundo grau dele, tinha validade aqui. Aí, ele fez a prova, passou na prova e então entrou para a faculdade de direito de Pelotas.

E aí, ele se formou em Direito.

Aí, ele se formou em Direito aqui.

E a formação dele é essa, advogado? Não jornalista?

É essa, advogado, não, naquela época acho que nem existia jornalismo, acho eu.

Porque na ficha ele se declara jornalista, ele poderia ter se declarado advogado.

Mas eu acho que quando ele pediu, mil novecentos e trinta e quatro (1934), a ficha?

Trinta e nove (1939).

Trinta e nove (1939), ele tava se formando em Direito, ele se formou em Direito em mil novecentos e quarenta (1940). Então, ele na verdade não era advogado ainda. E mesmo assim, ele não podia exercer a profissão porque ele era estrangeiro e estrangeiro não pode, naquela época não podia exercer a profissão. Então, ele tinha que se naturalizar, fazer tiro de guerra que seria o NPOR, solicitar a naturalização e depois de naturalizado brasileiro, português naturalizado brasileiro, aí ele poderia exercer a profissão. Então, ele teve que ir para o Rio de Janeiro trabalhar no Rio de Janeiro, fazer tiro de guerra aos fins de semana, fazer uma série de coisas, porque era a capital, para poder se naturalizar e depois retornar para Pelotas.

Nossa.

É no negócio foi meio complicado.

Foi, foi bem complicado. Daí então em trinta e nove (1939), ele solicitou a Carteira de Trabalho, e em trinta e nove (1939), ele já era diretor do Diário Popular.

Isto, porque, pelo que me lembro, ele começou como revisor voluntário, depois foi convidado a trabalhar no Diário Popular como revisor ganhando vinte reais por

semana, um ano depois ele passou para revisor contratado, efetivo, ganhando parece que era quatrocentos reais. Daí, ele se entusiasmou e casou com a minha mãe, quatrocentos reais deveria ser muito dinheiro, creio eu, ele casou. E, nesse "inteirinho" que não me recordo bem como é que é, mas é mais ou menos assim: o Getúlio Vargas fechou diversos jornais no Brasil porque eram contrários ao partido dele. Eu não sei se eu tomei nota aqui, deixa eu dar uma olhadinha aqui, era o partido... O Diário Popular era Órgão do Partido Republicano e o Getúlio Vargas fechou todos os jornais que diziam Órgão do Partido Republicano. Ficou fechado, o pai estudava Direito nessa época.

E seu pai era o que do jornal nesse época?

Ele era revisor. Aí, ele ficou estudando Direito e foi contratado pela Associação Comercial de Pelotas como secretário, e numa reunião da diretoria, ele propôs que a Associação Comercial comprasse o Diário Popular que estava fechado. E a diretoria solicitou que ele visse o preço e trouxesse para a reunião, ele fez isso junto aos proprietários, trouxe e a Associação Comercial comprou o Diário Popular, mas compraram o Diário Popular, se não me falha a memória, com uma cláusula: dele assumir como diretor do Diário Popular. Só que ele, como estrangeiro, não podia perante a lei existente assumir como diretor, então ele assumiu como redator e o Jaime Wetzel, que era já um antigo do Diário Popular, assumiu como diretor. E a partir daí, ele ficou como repórter como redator como tudo. Não sei até que ano, não sei te dizer, mas foi bastante tempo, ele deixou pilhas de recorte, de fotos de coisas do jornal que ele fez. Então a reativação do Diário Popular partiu das mãos dele junto com esse que era Jaime Wetzel, que depois foi até vereador de Pelotas, eu cheguei a conhecer o Jaime Wetzel.

[...]

A minha próxima pergunta seria sobre a trajetória dele no jornal que o senhor já falou né? Que ele começou como voluntário e depois efetivou. Então sobre a rotina de trabalho dele o senhor sabe como era?

Se eu me lembro?

É.

Ah, isso é muito interessante, ele levantava, oito horas saia de casa, voltava onze e meia, almoçava pontualmente ao meio dia, pontualmente ao meio dia, e sempre tinha que ter duas coisas na mesa, pão e sopa; se não, ele não almoçava, pão e sopa, bem coisa de português. Depois do almoço, ele botava o seu pijama dormia meia hora, quarto fechado, tapado, com as cobertas por cima, que ele dizia que era para matar o sono, descansar meia hora. Mais ou menos uma e meia ele saía e voltava lá pelas seis, sete horas da noite. E de noite, ele sempre

estava envolvido com alguma coisa, que era o que a gente mais reclamava dele, ou ele tinha o Lions Clube ou ele... que foi ele que trouxe o Lions para Pelotas, foi ele que introduziu o Lions aqui, ou ele tinha o Centro Português, ou ele era presidente, ou era do conselho do Centro Português. Ele tinha a Beneficência Portuguesa, que ele nunca foi presidente porque não quis, mas sempre, foi trinta e não sei quantos anos presidente do conselho. Ele tinha a comunidade não sei o que portuguesa, sociedade, comunidade, não recordo como é mais, isto. Ele tinha a maçonaria, que ele era grau trinta e três, grau máximo da maçonaria. São seis coisas, tinha mais coisas, então ele sempre tinha uma reunião, ele sempre tinha... ele foi vereador, vereador foi de mil novecentos e cinquenta e seis (1956) a sessenta (1960) do tempo que vereador não ganhava nada e trabalhava à noite, as reuniões eram todas à noite. Então nessa época, sessenta (1960), eu tinha dez anos, eu não me lembro de muita coisa, me lembro de atender o telefone e dizer que o meu pai tava na cama, não era na câmara, era na cama. Isso eu me lembro, gravou porque todo mundo mexia comigo. Mas, mil novecentos e sessenta (1960), então, as reuniões de noite, então, ele tava sempre... estava envolvido, ele sempre esteve envolvido, ele era muito ativo nesse sentido e tinha o consulado de Portugal ainda que ele atendia.

[...]

E o senhor lembra ou sabe se ele teve algum tipo de participação em sindicatos e movimentos sociais?

Ah, faltou esse, ele fundou aqui em Pelotas o Sindicato dos Bares, Hotéis Restaurantes e Similares. Acho que é esse o nome, foi ele que fundou aqui, junto com o João Rodrigues Manta e o Samir Curi, eles fundaram o sindicato e ele foi presidente, acho que nos três primeiros anos, quatro primeiros anos do sindicato, esse é o único, que eu saiba, que ele esteve ligado.

E relacionado ao jornalismo não?

Não, só gostou muito, sempre, de escrever e de ser orador, fazia discursos de improviso, solenidades e tudo, ele estava sempre envolvido nisso aí.

E movimentos sociais, ele não teve nenhuma participação?

Teve, Lions Clube não deixa de ser um movimento social, o Centro Português como presidente durante quatro anos, também, o quê mais, ele esteve envolvido em clubes, no Parque Tênis Clube foi um dos sócios fundadores, quê mais, sempre teve...

[...]

Como ele conciliava a vida profissional com a vida pessoal? Você já falou um pouco...

É, a gente tinha um pai presente, mas como é que eu podia dizer, presente não atuante, uma coisa assim. Presente no sentido, sempre que ele podia, ele tava em casa, mas ele não interagia com os filhos. Não sei se era uma forma de criação, o que era, ele gostava dos filhos, ele vibrava com os filhos, ele se interessava por saber se a gente estava estudando, se sabia, mas ele nunca jogou, vamos dizer, ele nunca jogou futebol comigo, todo pai, eu não me lembro dele chutar uma bola comigo, por exemplo, isso aí eu não me lembro. Eu me lembro de, depois, já adolescente nós irmos pescar, porque ele gostava muito de pescar, e eu ir com ele pescar, isso eu me lembro. Mas ele não era uma pessoa que demonstrava carinho, ele gostava da maneira dele, mas não demonstrava carinho, abraçar, beijar, essas coisas, ele não era muito. Mas o resto, ele estava sempre presente em casa. Depois nós compramos, ele comprou, uma casa no cassino, veraneávamos no Cassino, ele ia e estava sempre na beira da praia junto com os pescadores que puxavam rede, a gente ficava com ele e tudo. Esse tipo de entrosamento, de vivência, a gente tinha, agora aquele negócio de ficar agarrado beijando e abraçando não era dele, não era próprio dele. Cada um com os seus cada um, né?! Não quer dizer que não gosta.

Claro, lógico.

[...]

Ele comentava sobre o que acontecia no trabalho, sobre os colegas do Diário Popular?

Ah não, isso comentava, ele era bem crítico, comentava, comentava.

Comentava? O que ele comentava?

Comentava tudo o que ocorria, ele comentava os fatos, histórias, isso ele gostava de falar, eu lembro, uma vez, de uma vez que ele falou de um historiador aqui em Pelotas, Francisco, não, Fernando Luis Osório se não me falha, é isso, que era historiador aqui em Pelotas. Esse Fernando Luis Osório escrevia os artigos, mandava para o Diário Popular para fazer a revisão e depois ser impresso. E uma vez caiu nas mãos do meu pai, e eu me lembro dele falar que estava corrigindo e ele teria colocado uma vírgula separando o sujeito do predicado, e ele tirou a vírgula, publicaram, sete horas da noite do outro dia estava lá o seu historiador querendo saber quem é que tinha feito a revisão e tinha tirado a vírgula. Ele disse que tinha sido ele, ele disse: - “mas porque que tu tirou a vírgula”? Ele disse: “– porque onde eu estudei, tanto em Portugal quanto no Brasil, diz que não se separa o sujeito do predicado por vírgula. E a partir daquele momento todos os artigos desse historiador ele entregava no Diário Popular ou diretamente para o meu pai e deixava dito que era para o meu pai fazer a correção. Não queria mais ninguém que fizesse a correção.

[...]

E o senhor lembra de mais alguma outra história?

Ai, outra história, essa eu me lembrei assim, é que são tantas, história... Ele fez uma época uma viagem logo que abriu, reabriu o Diário Popular, ele fez uma viagem – até eu tenho uma foto, com aqueles, foto de bigode, que era o carro da época, não é, aqueles Ford de toldo, capota de toldo. Ele fez uma viajem junto com o fotógrafo e a minha mãe estava junto, nos municípios da região Sul até Santa Maria, Uruguaiana, por aí. Naquela época não existia estrada praticamente, eram picadas, ele conta até que tinha algumas delas em que tinha que passar o carro por pinguela, balançando, e que ele chegou à noite numa fazenda, numa propriedade rural, com os faróis ligados, estacionaram o carro, bateram na porta, e ninguém abria a porta, ninguém abria a porta, eles batiam, as pessoas estavam lá dentro, eles viam que falavam, e batiam e ninguém abria, ninguém abria. Até que, lá pelas tantas, apareceu um pelos fundos da casa armado, escondido, se agachando, eles não... falou com o cara, o indivíduo não queria chegar perto, eles não sabiam o porquê. Ai eles: "– o que está acontecendo"? "Esse bicho que está com essa luz, esses olhos, como é... esses olhos com fogo", uma coisa assim, que era o carro, eles não sabiam, nunca tinham visto um automóvel, um carro. Aquilo fazendo barulho com dois holofotes, que eram dois olhos, então para eles era um bicho.

Pegando fogo!

Pegando fogo, uma coisa assim, então ele sempre contava isso aí como curiosidade interessante para a época, tinha mais coisas. Ele contava bastante coisas.

E ele comentava bastante sobre os colegas?

Comentava, comentava sim, aqueles que ele gostava, ele comentava muito mais quando gostava do que quando não gostava. Mas comentava, é que os nomes, eu não vivenciei esse período, eu sei alguns nomezinhos, eu sei, mas a maioria não.

É que quando eu fiz a pesquisa, junto com o nome do seu pai, eu achei o nome de Pedro Campos. Não sei se lhe é familiar...

Não sei quem é...

No período que o seu pai era diretor do Diário Popular, o Pedro Campos era diretor da redação.

Não sei.

Não recorda?

Não.

E nenhum outro colega o senhor lembra o nome?

Me lembro de Jaime Wetzel, esse eu me lembro, aqui eu tomei nota... Gerente quando o pai começou a trabalhar era o Seu João Souto. Não é o caso, foi ele que ofereceu o emprego para o pai. Não sei, eu tirei isso aqui assim os dados do currículo dele, que ele mesmo fez. Mas não sei, não conheço esse.

[...]

Tá certo. Quando ele se aposentou? Foi em mil...

Se aposentou... Se aposentou de quê? De tudo?

É, eu tento centrar mais para o Diário Popular.

O Diário Popular, ele deixou o Diário Popular em mil novecentos e trinta e oito (1938).

Mas ele retorna depois?!

Não, trinta e oito (1938), ele deixa por causa do curso de Direito em que o Diário já tinha sido fechado. Ele volta em trinta e nove (1939), trinta e nove (1939)? Não, trinta e sete (1937) fechou o Diário Popular, trinta e oito (1938) ele retornou. E aí ele fica até quando eu não sei, creio eu que tenha sido até quarenta (1940) ou quarenta e um (1941) quando ele se formou e tinha que fazer a naturalização dele. Que aí deve ter sido em quarenta (1940), quarenta e um (1941), ele encerrou as atividades no Diário Popular e foi para o Rio de Janeiro.

E no geral?

Geral?! Pois é, esse geral é muito relativo, ele foi gerente do Banco Português, Banco Português que ele se aposentou, aposentou como trabalhador no Banco Português. Deve ter sido na década de oitenta (1980) mais ou menos, é década de oitenta (1980), ele se aposentou. Bom, aí ficou no INSS, naquela época era INSP, INPSP, bom, INSS, mas ele continuou ainda com o Consulado de Portugal que ele era vice-cônsul de Portugal, trabalhando. Ele continuou um bom período ainda como presidente do IPERG, que ele foi um dos fundadores do IPERG, como representante da maçonaria para criar a faculdade de medicina leiga. Enquanto a leiga não foi federalizada, era o IPERG, Instituto não sei o que, não sei qual é o nome, que mantinha, era a mantenedora da leiga e ele era o presidente. Ele que assinava as folhas de pagamento, os cheques e tudo mais, então enquanto a medicina não foi federalizada, ele estava trabalhando. No consulado, isso aí, o que mais, acho que era só, Centro Português ele sempre esteve envolvido, mesmo aposentado, a Beneficência Portuguesa ele sempre esteve envolvido, botava o nome de Portugal e ele estava junto, ele não abandonava, parecia que ele gostava muito mais de Portugal do que do Brasil, na verdade não, era igual, mas a terra natal dele era a terra natal dele. Então dizer que ele parou mesmo... foi o início do fim da vida,

quando ele parou, ele se entregou. Ãh, ele morreu com oitenta e dois anos, ele deve ter parado lá pelos setenta e seis, setenta e sete anos, que aí, vamos dizer assim, ele ficou em casa só lendo, dormindo e comendo. Aí ele foi, aquela vida toda ativa que ele tinha manhã, tarde e noite quando ele parou, ele definhou. Muito interessante isso aí, isso que eu tenho medo de mim, porque eu sou muito parecido com ele nesse sentido.

[...]

Noventa e dois (1992), tá. Tem mais alguma coisa que o senhor queira falar antes de eu fazer a última pergunta? Alguma coisa que pareça relevante, ou mesmo que não pareça relevante.

Não, uma coisa que eu poderia dizer, que eu acho que é relevante para o teu trabalho, é que ele tinha adorações pelo Diário Popular. O Diário Popular, para ele, pareceria ser um filho dele, ele gostava de Diário Popular, ele vibrava com o Diário Popular, ele vibrou com cem anos do Diário Popular, chegar aos cem anos. Quando vieram fazer uma reportagem com ele aqui, que eu perdi esse raio desta reportagem, eu guardei e perdi, mas a Biblioteca Pública tem. Saiu um caderno especial do Diário Popular sobre os cem anos e eu acho que duas páginas ou três páginas dele contando as histórias do Diário Popular.

É?!

Isso é uma coisa que tu pode ver.

Vou olhar.

[...]

Então só para encerrar aqui, o senhor acha que a trajetória profissional do seu pai no jornal aqui de Pelotas no Diário Popular, foi um diferencial para o jornalismo aqui?

Se nós olharmos o sentido de que não existia o jornal, porque tinha sido fechado, e o jornal foi reaberto e ele foi um dos que provocou a reabertura do jornal, eu acho que sim. Eu não sei se nós teríamos outro jornal, até poderíamos ter outro jornal, mas um jornal com cento e vinte e três anos de vida, se nós tirarmos um em que ele esteve fechado, vinte e dois anos de vida circulando sem parar. Uma projeção dentro da parte sul do estado bastante grande, tanto é que a Zero Hora não comprou o Diário Popular, comprou tudo o que tem em volta aí, né, em Caxias, mas por outro lado não conseguiu comprar. Eu acho que ele fez alguma coisa bastante importante neste sentido, alguém tinha que ser o "quinás", tinha que ser o ativador, propor, ele propôs e eu acho que só por isso aí já vale o mérito.

[...]

Então, era isso?

Isto.

Então só para constar aqui na gravação, eu queria saber se o senhor me autoriza a utilizar esta entrevista para trabalhos acadêmicos?

Tranquilamente, se tu precisar mais de algum dado pode entrar em contato comigo, se eu puder te fornecer eu te forneço. Não tem problema nenhum.

Tá certo então.

Tá?!

Reflexões

O ano era 2013, mediante o desenvolvimento de um projeto de pesquisa de história oral temática, aquela que "[...] se dispõe à discussão em torno de um assunto central definido" (MEIHY & HOLANDA, 2011, p. 39), acerca da trajetória profissional do jornalista Maximiano Pombo Cirne. Afinal, é o projeto que delimita a rede de entrevistados e as perguntas do questionário. O narrador é seu filho, Maximiano Pinheiro Cirne, em entrevista de 46 minutos e dez segundos de duração, realizada pela autora na residência do entrevistado, transcrita em um total de 21 páginas pela entrevistadora com o termo de cessão assinado e gravado no áudio.

Pensando em uma estrutura diferente da usual, menos academicista, mais acessível e didática, esse capítulo se impõe como recurso pedagógico para o desenvolvimento da prática em história oral. As considerações e reflexões tecidas seguem, sobretudo, os pressupostos estabelecidos por Verena Alberti (2008) e Alessandro Portelli (1997). Além disso, baseia-se na experiência pessoal com a metodologia, principalmente, em relação à entrevista exposta. Sendo assim, através da sua observação é possível elencar alguns aspectos que merecem ser mencionados frente à sua relevância.

O desenvolvimento da metodologia de história oral se dá desde o momento de elaboração do projeto, antes mesmo do estabelecimento do primeiro contato com o narrador (ALBERTI, 2008). Entretanto, é o trato humano, entre entrevistador e entrevistado, que pauta o trabalho da história oral. Dessa forma, é desejável que seja desenvolvido um vínculo entre os agentes e o estabelecimento de uma relação de confiança mútua entre eles (PORTTELLI, 1997). A importância desta proximidade pôde ser atestada, inclusive, na ampliação de projetos e pesquisas subsequentes.

A entrevista de história oral apresentada anteriormente já foi exaustivamente analisada, principalmente, no desenvolvimento da pesquisa de dissertação de mestrado da autora (JAQUES, 2017). Ainda assim, é possível afirmar que as possibilidades de sua utilização, a partir de diversas perspectivas, entre elas: intelectual, acadêmica, social e didática, não foram extenuadas. Questionava-se, portanto: Afinal, como lidar com uma entrevista que parece não se esgotar? De fato, desde que sejam modificadas as perguntas, o olhar e/ou a perspectiva, uma mesma entrevista pode ser utilizada diversas vezes sem nenhum prejuízo de análise.

No que tange à prática em história oral, inicialmente salienta-se a importância da realização de pesquisa, bibliográfica e em fontes primárias, antes do encontro com o narrador. No caso da entrevista apresentada, foi realizada uma busca prévia sobre o objeto de pesquisa no banco de dados do acervo da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul. A investigação prévia possibilita o acesso a informações úteis para a elaboração do questionário, bem como para melhor compreensão das questões apontadas pelo narrador no decorrer do diálogo.

No mesmo sentido, o transcorrer da entrevista deve ser repleto de informações adicionais e inéditas ao projeto. Normalmente são esses os fatores que definem a validade científica da história oral. Dessa forma, o narrador contribui para o desenvolvimento da pesquisa; por outro lado, cabe ao

entrevistador, permanecer atento às sugestões de leitura e de fontes primárias apontadas no diálogo. Na entrevista de Maximiano, por exemplo, surgiram duas informações extremamente valiosas.

Durante a gravação, Maximiano comentou brevemente sobre a existência de uma série de documentos guardados por seu pai. Essa informação foi ressaltada com veemência após a entrevista, com os gravadores desligados. Neste caso, o pedido para examinar a documentação foi automático, por parte da entrevistadora. Maximiano também compartilhou, de forma mais sutil, a existência de uma reportagem "de duas ou três páginas", no Diário Popular, realizada com seu pai. Essas duas informações/sugestões sobre fontes de pesquisa se transformariam, mais adiante, nos pilares para o desenvolvimento da dissertação de mestrado: "Eis, aí, como tomei contato com o Diário": ascensão social-profissional do imigrante português Maximiano Pombo Cirne a partir do Diário Popular. Pelotas 1922/1949.

Ainda em relação ao questionário, as perguntas devem ser pensadas pelo entrevistador a partir de uma ordem lógica, no entanto não necessariamente de forma cronológica. A melhor forma de elaborar as questões é levar em consideração as peculiaridades do objeto de estudo e do entrevistado, não existe um modelo correto de questionário. É natural ter perguntas respondidas antes mesmo de serem verbalizadas, este é um dos motivos da maleabilidade do roteiro. Por outro lado, existem algumas que não são respondidas, ou sem o entusiasmo que se esperava. Neste sentido, o roteiro deve ser pensado como um guia, mas, na medida em que acontece a entrevista, novas perguntas podem surgir e, inclusive, algumas podem ser abandonadas.

A história oral temática possibilita, através de uma liberdade condicionada, que as perguntas direcionem a entrevista para os aspectos desejados. Ainda assim, é interessante que o narrador possua um conhecimento prévio, ainda que breve, acerca dos objetivos da entrevista. Este fator possibilita, como observado em

alguns momentos da entrevista apresentada, que ele reflita e explore questões que considere relevantes para o projeto. No entanto, é importante ressaltar que quando se trata de história oral de vida, esses aspectos são compreendidos de forma mais ampla.

A narrativa acontece a partir de uma memória evocada, ou seja, o sujeito fala na medida em que lembra. Esse é apenas um dos fatores que torna o estudo dos conceitos acerca da memória fundamental quando se trabalha com história oral. Afinal, a análise deste tipo de entrevista exige que se leve em consideração os aspectos da memória a que se refere (PORTELLI, 1996). Não existe um conceito de memória único, o pesquisador deve valer-se daquele que melhor se aplicar à realidade da entrevista e do objeto de estudo.

No caso apresentado neste capítulo, apesar de se tratar de uma entrevista com uma temática bem específica, a trajetória profissional do jornalista Maximiano Pombo Cirne, o narrador aborda diversos assuntos. São eles: Portugal, imigração, governo Vargas, política municipal, vida privada e maçonaria, entre outros. Esses aspectos, bem como a relação do entrevistado com o objeto da entrevista, devem ser analisados nas discussões acerca da memória.

Conclui-se afirmando que nas últimas décadas a história oral tem se estabelecido de forma irrefutável na academia. No entanto, por ser um processo de trato humano coloquial, muitas pesquisas não cumprem com as formalidades básicas da metodologia. Esse tem sido um dos maiores desafios dos historiadores que trabalham com a história oral, conscientizar sobre a existência de um rigor, ainda que maleável, acerca da metodologia.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In.: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

JAQUES, Biane Peverada. **“Eis, aí, como tomei contato com o diário”**: ascensão social-profissional do imigrante português Maximiano Pombo Cirne a partir do Diário Popular. Pelotas 1922/1949. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017..

MEIHY, José; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro , v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética em história oral. **Projeto História**, n. 15, São Paulo, p. 13-50, 1997.

3

Vozes urbanas que falam da saúde

Cristina Furlan Zabka [1]

> Talvez a medicina deva se reformar e aprender a compartilhar a fala sobre a experiência com a doença com as pessoas, em vez de impor a fala da doença às pessoas
> (Arthur Frank, 1991, apud MCWHINNEY; FREEMAN, 2010).

Preâmbulo

O presente trabalho procura demonstrar que a medicina e a história oral têm interfaces de ação que podem complementar ambas. As reflexões aqui descritas surgiram da observação do quanto ouvir a comunidade pode contribuir para mudar o atual cenário em que a prática médica é ainda centrada e planejada apenas a partir de modelos preestabelecidos de listas de doenças e frequência de ocorrência dessas.

De fato, estudos acerca de experiência com a doença em comunidades revelaram que os médicos percebem apenas uma pequena fração dos problemas de saúde vivenciados pela população em geral. Em uma pesquisa por entrevistas em Glasgow, Hannay mostrou que, além de sintomas físicos, problemas respiratórios, cansaço e dores de cabeça, 51% dos adultos têm um ou mais sintomas mentais no período de duas semanas, e quase 25% apresenta pelo menos um problema social (desemprego ou dificuldades financeiras). Assim, um entendimento do comportamento com a "experiência" da doença

[1] Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

pode mudar a perspectiva do médico (MCWHINNEY; FREEMAN, 2010).

Via de regra, os médicos veem a experiência com a doença em termos de distúrbios de funções do corpo. As pessoas entendem essa experiência como uma ruptura de seu "estar no mundo". Nas palavras de Kay Toombs (1992, *apud* MCWHINNEY, FREEMAN, 2010, n.p.) "mais do que ter uma experiência com a doença, uma pessoa existe como uma experiência com a doença". Ela leva ao médico um problema de existência, mas percebe que a atenção do médico está direcionada para seu corpo em vez de direcionada a seus problemas com a existência. A pessoa sente-se "reduzida a um organismo biológico defeituoso" (*ibidem*).

De fato, minha própria experiência como médica, no contexto que será analisado a seguir, corrobora as reflexões anteriores.

Um breve contexto do Centro de Extensão

O trabalho no Centro de Extensão existe desde agosto de 1980, tendo sido resultado de uma discussão institucional na PUCRS sobre a criação de uma obra social que visava envolver toda a comunidade universitária, numa vila popular próxima ao Campus Central. O projeto seria chamado de Campus Aproximado Vila Nossa Senhora de Fátima (BERGAMASCHI, 1998).

Conforme o relato do Irmão Avelino Madalozzo, tal projeto tornou-se realidade e um grupo de professores assumiu a missão de sua execução. Após estudos, contatos, pesquisas e diálogos com as lideranças da vila, iniciou-se uma atuação efetiva (MADALOZZO, 1990).

Nos dois primeiros anos de funcionamento, o Centro era localizado em uma unidade cedida junto a uma escola da comunidade (Escola de Ensino Fundamental Lea Rosa). A partir de 1982, após a construção do Centro Comunitário da localidade, o Centro de Extensão foi transferido para o local onde funciona até hoje.

Dessa forma, as atividades de atendimento à comunidade nas áreas da Saúde e do Direito são mantidas desde então, de forma ininterrupta, sempre associadas ao ensino, o que determina ainda a presença de alunos nos diferentes tipos de serviço.

O trabalho da medicina no Centro de Extensão é, fundamentalmente, atender à demanda clínica daqueles que conseguem agendar uma consulta. Retomando o que foi dito no início, pouco se sabe sobre a forma como as pessoas adoecem, como a comunidade se organiza em relação a esse processo e como acessa os serviços disponíveis e, em consequência disso, também pouco se faz para interferir de forma positiva nesses aspectos.

Tais inquietações resultaram na proposta de pesquisar a história do Centro a partir das memórias da comunidade, através da realização e análise de entrevistas com moradores do bairro e funcionários do Centro.

Assim, é analisada aqui uma entrevista com uma moradora do bairro que também é funcionária do Centro, e lá trabalha como agente administrativa. O objetivo da entrevista foi conhecer a história dessa fonte oral em sua relação com o Centro de Extensão, e na análise da narrativa, procurou-se identificar representações do Centro que ultrapassam apenas o aspecto de dar suporte durante o adoecimento.

Ainda, é preciso lembrar que este é, sobretudo, um trabalho com fontes orais. Assim, deve-se considerar que, na dinâmica da produção de documentos orais, a questão das identidades adquire uma dimensão que se traduz pelo reconhecimento das similitudes e das diferenças, mediante o afloramento de lembranças e a construção das representações sobre o passado (DELGADO, 2010).

Além disso, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992). É importante ressaltar tais aspectos para ter em mente que a

narrativa aqui analisada tem mais relação com a fonte em si do que com o trabalho do Centro de Extensão como um todo.

A Entrevista e Sua Análise

Entrevista realizada na casa da fonte oral, concedida à autora, no bairro Bom Jesus, Porto Alegre, em 18 de abril de 2018.

A ideia é tu contares a tua história com o Centro de Extensão, daí o que que tu lembra da tua infância, adolescência, do trabalho.

"Eu lembro do Centro de Extensão num primeiro contato quando era criança, que fui consultar quando ainda era pequena, o Centro de Extensão ficava dentro do pátio da igreja, eu consultei com dr. B. algumas vezes numa salinha pequena que tinha no cantinho, à esquerda. De consulta, eu lembro que foram poucas mesmo, assim não, não lembro de ter ido muitas vezes por motivo de doença. Mas lembro de ter ido algumas vezes".

"Depois o meu contato com o Centro de Extensão passou a ser através da igreja, onde eu fui fazer a catequese então, era no mesmo pátio da igreja, quando eu fazia catequese eu via o movimento. Durante a catequese, nós usávamos a sala do Centro para catequese na época da Irmã Amélia, quando eu tinha nove anos. As salas... eram usadas as salas do canto, do lado da farmácia, eram usadas para catequese e eu fiz a minha catequese dentro do Centro de Extensão, eu fui evangelizada ali, nos finais de semana, às vezes no sábado à tarde, às vezes no domingo de manhã, aí dependia da disponibilidade da Irmã Amélia. E depois desse processo de evangelização, eu permaneci dentro da igreja com o desejo de ser catequista, fiquei ali me preparando, fiz Crisma, fiz tudo ali, e foi dentro da igreja que conheci o irmão Avelino, que sempre esteve presente na comunidade. Para mim, o primeiro contato que eu tive com ele foi dentro da igreja, era uma pessoa muito querida, se preocupava muito e conversava. E quando eu vinha subindo a Vila, já encontrava ele no caminho e já vinha conversando até a frente da igreja. Ele subia a Vila andando, sempre, sempre vinha andando, nunca de carro. E aí dentro da igreja, eu tive bastante contato com o irmão Avelino, até que com 13 anos de idade eu falei, ele sabia já que eu queria ser catequista, mas eu conversei com ele e ele me disse que me ajudaria com o curso de catequista, então ele pagou pela Pastoral o curso, me deu de presente. Aí eu fiz o curso e tudo mais e menos de seis meses depois do curso, eu já comecei a evangelizar as crianças da comunidade me beneficiando também do espaço do Centro de Extensão, porque não tinha espaço na capela. A capela era pequena, não tinha

passado por reforma nenhuma, e o padre morava no fundo, numa peça pequena que tinha, então aquela peça não dava para a gente usar como sala de catequese".

Para essa fonte oral, a construção das representações sobre o passado pouco se apoiam na questão do acesso à saúde, mas principalmente no sentido da identidade da depoente com o aspecto religioso da sua formação, que esteve relacionado ao Centro durante um período da sua vida.

Usa-se aqui o termo representação no sentido de que, ao admitir o uso pouco rigoroso, metafórico, da identidade (cultural e coletiva), a considera certamente uma "representação". De maneira constantemente renovada, os indivíduos percebem-se membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo (CANDAU, 2012).

Mais do que um local para buscar alívio para o adoecimento, a fonte oral traz nessas memórias a representação do Centro como um local de identidade e formação religiosas. Tal representação pode ter sua origem no fato do Centro integrar uma instituição marista, que tem no preceito religioso um dos alicerces da sua fundação e ação, como vê-se em um excerto do texto da Comissão Interprovincial de Educação Marista (2003), que baliza as ações das instituições a ela ligadas: "Importa evangelizar... a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus... A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas".

Continuando com a narrativa, a fonte oral conta sobre o início da sua relação de trabalho no Centro.

"E aí, em 2011, eu comecei a trabalhar no Centro de Extensão como recepcionista. Foi através de uma funcionária do Centro que falou com padre Rubens, perguntou a ele se eu tava trabalhando ou não, ele disse que não e ela veio aqui em casa me dizer que estava precisando de recepcionista. Ela veio aqui em casa, disse pra eu ir lá e levar um currículo".

Novamente tem-se uma representação do Centro que não está relacionada diretamente com o acesso à saúde, como para essa fonte oral, o Centro funciona como local de trabalho para diversos moradores do bairro, uma vez que muitas funções são exercidas por esses (agente administrativo, secretaria, serviços gerais, segurança).

E sobre os cursos de formação que houve no Centro?

"Há alguns anos atrás tinha. Esse espaço que foi construído, o espaço novo ali [a ampliação], ele foi construído com esse objetivo, para fazer os cursos de capacitação ali, e aconteceram em algum momento, durante alguns anos, aconteceram os cursos, e pessoas da família também fizeram, algumas primas fizeram curso de manicure, outras fizeram de hotelaria, tinha alguma coisa de nutrição também porque fizeram o refeitório. Eu não sei exatamente por quanto tempo esses cursos aconteceram, mas acontecia no prédio na parte nova ali do Centro de Extensão. Aquela sala grande que tem os computadores, em algum momento ela foi usada, mas foi bem pouco".

Também a formação ou educação para o trabalho aparece na narrativa da fonte oral relacionada ao Centro de Extensão. Esse aspecto formativo de algumas atividades do Centro ficou registrado também em outra fonte. Em 1998, houve uma publicação, realizada pelo curso de Comunicação da universidade. Distribuído gratuitamente na forma de folheto, o material falava sobre o projeto da Escola Profissional Marcelino Champagnat, uma iniciativa que contava com financiamento de entidades nacionais e internacionais. Segundo o folheto, o objetivo do projeto era amenizar o problema do desemprego através da qualificação profissional, ofertando em torno de 100 vagas em diversos cursos (folheto em anexo).

Pode parecer estranho pensar que a profissionalização da população tenha alguma correlação com o trabalho da medicina, mas a interdependência entre trabalho e o processo saúde-doença já é conhecido há décadas. Uma das causas desse estranhamento pode ser o fato de que os médicos estão acostumados a ver a si

mesmos como parte da rede de atendimento médico, que distribui o serviço de numerosos especialistas para o benefício de seus pacientes. Sua familiaridade com o sistema médico surge da educação centrada em hospitais, que é a norma na maioria das escolas médicas. O ambiente educacional, entretanto, não os ajuda a entender que o médico é apenas um dos muitos recursos dentro da comunidade para ajudar as pessoas a lidarem com suas inter-relações entre saúde e problemas sociais (MCWHINNEY; FREEMAN, 2010).

Além das questões de religiosidade, trabalho e formação, um outro aspecto ainda pode ser analisado na narrativa desta fonte oral, que está relacionada com o conhecimento, por parte da equipe, das necessidades da comunidade e sua organização em relação a isso.

Quem precisa chegar e consultar lá, é fácil?

"Não, não é fácil. Eu falo pelo o que eu sou como profissional. A pessoa chega ali, e eu tento dar um jeito mais rápido, encontrar solução mais rápida para ajudar aquele usuário. Mas existem momentos em que eu preciso dizer: 'Vem no final do mês para ver como vai estar agenda', isso no início do mês, assim como eu presencio a questão de venda de fichas ali. No dia do agendamento, vem uma pessoa e marca um clínico e um gineco para ela mesma, e no dia da consulta ela chega aí e diz: 'Ah, ela está mais doente do que eu, dá a minha consulta para ela. E aí eu não posso comprar briga com aquele usuário, porque aquela consulta estava marcada, ela só tá trocando o nome do paciente, a vaga tá na agenda. Então eu não vou comprar briga com usuário na sala de espera, às 7 horas da manhã. Faço isso: 'Se não vai consultar, tudo bem, a vaga está livre, pode entrar no lugar dela'. Isso acontece, isso é venda de ficha. Os usuários têm outras opções de atendimento que são opções mais rápidas, hoje em dia a opção mais rápida para eles é burlar o sistema do acolhimento, essa é a opção rápida de atendimento. Mentir ali na recepção dizendo que quer renovar uma receita, entrar lá e se queixar de dor no estômago, se queixar de dor não sei o quê, ou já entrar com envelope de exames na mão, para sensibilizar o dr. B. e passar para a consulta. Essa é a opção mais rápida de conseguir um atendimento pra qualquer área".

"O que eu percebo ali é que tem um grupo de usuários que são um grupo que pertence aos grupos que participam de diabéticos e hipertensos, grupo de

idosos, essas pessoas são as pessoas que mais buscam o posto, que mais procuram atendimento para eles mesmos, eles não ficam fazendo esquema nem nada, e para eles a questão toda aqui é que esses pacientes, eles não precisam consultar a cada 15 ou 20 dias como eles consultam, e até então tinham esse benefício na agenda de consultar a cada 15 dias numa agenda específica para agenda de grupo. Essas pessoas eram beneficiadas sem necessidade alguma. E a enfermeira que fazia isso foi embora e essas pessoas seguem com esses pensamentos de achar que podem chegar ali tem uma agenda específica liberada para eles".

A narrativa revela o aspecto da organização da comunidade em relação ao acesso às consultas. Permitir que apenas alguns grupos de pessoas com alguma doença conhecida tenham acesso privilegiado ao atendimento é deixar outros grupos privados desse mesmo benefício. É desconcertante pensar que, em nenhum momento da narrativa, houve qualquer menção a trabalhos feitos com a comunidade sobre a questão do tráfico e uso de drogas ilícitas, o que talvez seja o maior problema social do bairro durante a última década. Conhecer e tratar seus diabéticos e hipertensos é uma função primordial da medicina, mas nem só de hipertensão e diabetes sofre uma comunidade...

E tem ainda a questão da organização interna, da gestão de um serviço e o quanto isso interfere no processo de saúde, de adoecimento, de uso do serviço, que podemos analisar a seguir.

Olhando de fora parece tudo que tudo funciona às mil maravilhas, né?

"Tem tudo para funcionar dessa forma, tem sempre o que melhorar, não é só a questão da gestão, tem sempre o que melhorar, mesmo que mude a gestão, vai ter sempre o que melhorar. A questão toda é que, de certa forma, o Centro de Extensão está abandonado há muitos anos. [As pessoas não conseguem] se escutar, né? Por que se tudo o que é dito como queixa, na enfermagem por exemplo, no acolhimento, no serviço social, se tudo que é feito de queixa, de alguma forma, fosse levado para um momento de discussão, porque não tenha não existe esse momento, de levar à discussão os assuntos, né, nem da comunidade, nem interno, não existe isso. Tanto que a questão toda do agendamento ali, todo mundo vive querendo mexer e mudar o agendamento, mas ninguém me ajuda, ninguém me diz: 'Olha quem sabe a gente tenta assim,

tenta assado'. As pessoas ficam indignadas quando chegam no dia do agendamento que tem aquela fila que vai lá no mercadinho, que é o dia que eu consigo beneficiar a comunidade com as minhas possibilidades de atendimento, eu atendo àquelas pessoas com duas, três pessoas me observando, achando aquela fila um absurdo. Mas durante todo o mês essas mesmas pessoas me escutam dizendo isso para comunidade: 'Olha, tal dia vai abrir agenda, e ninguém me fala nada, ninguém me dá uma sugestão, ninguém me ajuda com nada. Aí no dia que tá lá, que eu tô nervosa, que eu tô tensa, que eu tô vendo aquela baita daquela fila lá, minha mão tá tremendo, ninguém vai ali sentar para me ajudar, nem me dá uma outra opção melhor de agendamento, de ajudar a comunidade, mas sabem criticar, durante o agendamento, e durante todo o próximo mês que eu vou divulgar de novo dia do agendamento ninguém me fala nada".

Aqui, a organização e a gestão internas do Centro parecem configurar uma representação negativa em relação a ele. E de que forma isso se relaciona com nossa discussão? Se temos o adoecimento como ponto de partida e a consulta médica como ponto de chegada do processo saúde-doença, a organização do acesso à consulta, a otimização do processo de agendamento e a priorização dos casos conforme a necessidade e a equidade são etapas do "meio" desse caminho que podem comprometer o desempenho desse sistema. Assim, para essa fonte, lembrar de alguns aspectos da sua função, que na sua opinião prejudicam a comunidade ou dificultam seu acesso aos serviços, surgiu como uma representação negativa das atividades do Centro. Mas é preciso ressaltar aqui que a construção narrativa dessa fonte provavelmente estava influenciada pelo momento de sofrimento psíquico pelo qual ela própria estava passando, relacionado ao seu trabalho no Centro e à gestão deste. Assim, conforme escreveu Halbwachs (1990), devemos considerar que nossas lembranças são construídas no âmbito social e se mantêm mediante as trocas e intercâmbios com grupos de pessoas.

Nesse sentido, pode-se dizer que aqui a memória tem um caráter construtivo. As lembranças que se traduzem em narrativas são reconstruções que se apoiam no passado, mas orientadas em

função de necessidades e interesses do presente. Seus conteúdos nunca são, assim, simples reproduções do passado, mas representações construídas a partir deste (BARTLETT, 1995). Nesse caso, uma representação negativa construída a partir de um contexto de sofrimento.

Além disso, a construção de uma identidade ligada a contextos históricos e culturais e a trajetórias individuais se constitui como resposta a uma experiência (ALBERTI, 2008). Nessa narrativa, a identidade e as representações não foram dadas de antemão, elas se construíram ao longo do tempo. Daí a dificuldade de extrair o passado do presente: não só porque os fatores presentes tendem a influenciar - alguns diriam mesmo distorcer - as recordações do passado, mas também porque os fatores passados tendem influenciar, ou a distorcer, a vivência do presente (CONNERTON, 1993).

Nessa construção narrativa, a fonte oral traz aspectos de religiosidade, de trabalho, de formação, de ajuda e de adoecimento, todos relacionados a um serviço que é entendido muitas vezes como apenas um serviço de saúde, principalmente pelos profissionais que lá exercem seu trabalho. É preciso que entendamos aqui que a narrativa é uma das ferramentas utilizadas pelos indivíduos para construir suas representações do mundo. Filosoficamente falando, a narrativa é construtivista – uma visão que tem como premissa que a principal função da mente é a construção do mundo. A representação de nossa experiência de vida é, portanto, uma narrativa, e nós utilizamos a narrativa como uma ferramenta, a fim de organizar nosso contato com o mundo em termos de uma experiência inteligível. História e linguagem são dois elementos fundamentais à construção narrativa da identidade. É através da narrativa que o sujeito dá significado à sua história e planeja suas ações futuras. Cada indivíduo ocupa determinadas posições históricas ou desempenha determinados papéis ao longo de sua história, os quais se organizam em um processo de desenvolvimento que delimita o campo interpretativo de seu

entendimento e define a sua versão narrativa da história de vida. Essa dialética entre indivíduo e contexto historicamente situado parece ser fundamental para a compreensão de como o sujeito constrói significados a partir da realidade vivida (VIEIRA; HENRIQUES, 2014). Assim, a construção narrativa não será tida como certa ou errada, mas sim, como uma expressão daquilo que faz sentido para a fonte oral, naquele momento.

Como a narrativa da fonte oral representa uma construção a partir das suas percepções e lembranças, precisamos ter sempre em mente que as memórias que se escolhe para recordar e relatar (e, portanto, relembrar), e como se dá sentido a elas, são coisas que mudam com o passar do tempo. Assim, as reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas pela identidade pessoal, o que leva o raciocínio a um segundo sentido, mais psicológico, da composição: a necessidade de compor um passado (e um presente) com o qual se possa conviver (THOMPSON, 1997).

Pode-se pensar que, sem qualquer poder de alteração do que passou, o tempo, entretanto, atua modificando ou reafirmando o significado do que foi vivido e a representação individual (ou coletiva) sobre o passado (DELGADO, 2010).

Conclusão

O uso da memória, no presente, para a construção do passado, bem como a construção de representações que lhe confiram sentido, contribuem para a constituição da identidade dos indivíduos. E é essa identidade que funcionará, com efeito, como matriz para a construção narrativa desses indivíduos acerca de sua vida cotidiana, suas relações, suas experiências.

Pôde-se analisar aqui a construção narrativa de uma fonte oral em relação às representações que esta tem de um Centro de Extensão para além de sua função de suporte ao adoecimento. Tais representações, sejam elas positivas ou negativas, revelam aspectos mais amplos da vida na comunidade ao redor de um serviço de

saúde, aspectos estes relacionados à experiência do adoecimento, à organização da comunidade e do serviço e do acesso a ele. As vozes urbanas que falam da saúde, e de tudo o que está relacionado com ela, podem ajudar a melhor qualificar a prestação de serviços à comunidade, e podem muito bem ser melhor ouvidas e compreendidas a partir da história oral.

Referências

ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. Possibilidades das fontes orais: um exemplo de pesquisa. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 73-98, dez. 2008.

BARTLETT, F. C. **Remembering**: a study in experimental and social psychology. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1995.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGAMASCHI, J. F. Histórico do campus aproximado. In: CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA FÁTIMA. **Uma realidade revisitada**: II diagnóstico de comunidade e avaliação do Campus Aproximado da Vila Fátima. Porto Alegre: PUCRS, 1998.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

COMISSÃO INTERPROVINCIAL DE EDUCAÇÃO MARISTA (1995-1998). **Missão educativa marista**: um projeto para nosso tempo. São Paulo: SIMAR, 2003.

CONNERTON, P. **Como as sociedades recordam**. Oerias, PT: Celta, 1993.

DELGADO, L. A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MADALOZZO, A. Ação conjunta universidade-comunidade. **PUCRS Informação**, Porto Alegre, v. 13, n. 39, p. 7, 1990.

MCWHINNEY, I. R; FREEMAN, T. **Manual de Medicina de Família e Comunidade**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

THOMPSON, A. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 51-84, 1997.

VIEIRA, A. G.; HENRIQUES, M. R. A construção narrativa da identidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 163-170, 2014.

4

Fugindo da Guerra: a trajetória da família Ducceschi desde a Itália até Porto Alegre

Egiselda Brum Charão [1]

Transcrição do depoimento de Francesca Ducceschi[2]

Quando a senhora veio para Porto Alegre?

Eu vim em abril de 1948. [...] Sozinha, porque meu marido, Ermano Duccheschi[3] tinha imigrado[4] no primeiro navio que saiu de Gênova, logo depois da guerra.

[1] Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Depoimento da imigrante italiana Francesca Coniglio Ducceschi, contendo sessenta e três minutos de gravação, coletado na residência da depoente por Egiselda Brum Charão e Leonardo Conedera em Porto Alegre no dia 22 de outubro de 2010.

[3] Ermano Ducceschi nasceu em Pistoia, Itália, em 10 de junho de 1920, e cursou Pintura e Artes Gráficas no Real Instituto de Arte de Florença. Na Europa, obteve destaque com obras em tons escuros e foscos que expressam o sofrimento provocado pela Segunda Guerra Mundial. Em 1947, depois do nascimento do primeiro filho, mudou-se para o Brasil. Seu trabalho ganhou mais cor. Pintou paisagens urbanas e rurais, naturezas mortas e figuras humanas, entre outros temas. Viajou diversas vezes para o Peru e o Paraguai. Nas pinturas mais recentes, a realidade mistura-se ao surrealismo. Em Porto Alegre, Ducceschi firmou-se como pintor e escritor – deixou cinco publicações sobre psicologia analítica. Foi professor de desenho e decoração na Escola Estadual Ernesto Dornelles, formou-se em Psicologia pela PUCRS e apresentou tese de livre docência no Instituto de Artes da UFRGS. Nos anos 1980, teve a obra analisada no *Quaderni di Pinttura – I Contemporanei*, Piperno Edizioni, Roma, Itália. Expôs em Florença, Pistoia, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, onde conquistou prêmios e reconhecimento. (PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. **Mostra póstuma reúne pinturas de Ermanno Ducceschi**. Publicado em: 30 abr. 2012. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=16914&p_secao=56&di=2012-04-27>. Acesso em: 22 out. 2018).

[4] Imigrar é o ato de deslocamento de diferentes pessoas em diferentes tempos e espaços, qualificados em muitos sentidos, isto é, econômica, política e culturalmente. Revista de Estudos Ibero-Americanos. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXXII, n 1, p. 63-73, jun. 2006.

Estava mais traumatizado do que eu, então, ele não via a hora de ir embora da Itália. Ele partiu no ano de 1946, quando chegou aqui (Brasil) onde começou a fazer exposições de arte, porque havia estudado no Instituto de Belas Artes em Firenze (Florença). Trouxe suas obras, colocou as molduras e começou a fazer exposições de arte e vendendo seus quadros. Depois, mudou do Rio de Janeiro por causa do clima e mais tarde foi para São Paulo, onde seguiu fazendo as suas exposições de arte, mas achou a cidade muito úmida. Seus conterrâneos informaram que os italianos das zonas frias geralmente iam para o Rio Grande do Sul, mas lá tem um problema, tem os gaúchos "de faca na bota" [risos]. Ele pensou que no sul não poderia ser pior do que os cinco anos de guerra que havia passado na Itália e decidiu mudar para experimentar. Veio e ficou instalado em Porto Alegre. Depois de um tempo, quando se viu em condições, juntou o dinheiro e enviou passagem para mim e para o meu guri. Porque ele esperou que nascesse o filho. Bem você leu o Livro[5]! E viu que o meu casamento foi um casamento de emergência, porque a minha mãe, como boa siciliana, pensava que ela deveria cuidar de mim e não o meu noivo. Até porque nós apenas poderíamos morar juntos depois de nos casarmos. E como ele já tinha 21 anos e eu também, ele me disse: "Francesca, eu e você temos já 21 anos, *si sposiamo perché non bisognamo di permesso di nessuno*[6]". [...] Então casei com ele.

Casamento de Francesca e Ermano

Fonte: Ducceschi (2010, p. 56)

[5] Livro bilíngue autobiográfico: DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida** (*La Girandola Della Vita*). Porto Alegre: Prosapiens. 2010.

[6] Casamos-nos porque não precisamos da permissão de ninguém.

E seu pai...

O meu pai estava na Sicilia. Ele era oficial de carreira, por isso com cinco anos saímos de Palermo e mudamos para a Líbia, indo residir em Trípoli, que era a capital, tomada por rebeldes. Bem, na verdade, eram rebeldes para nós, pois eles eram patriotas lutando por sua terra, só que naquele tempo a Líbia era colônia nossa! Era um país que a Itália havia tomado. E lá havia uma cidade chamada *Leptis Magna* que possuía muitas construções romanas, como teatros, entre outras erigidas no período dos romanos. Após sete anos de estarmos estabelecidos, íamos de licença para a Itália a cada dois anos ou a passeio ou para mamãe dar à luz um neném.

Sua família era toda de Palermo... E a senhora também nasceu em Palermo...

Sim, eu e toda a minha família somos de Palermo, mas parece que a nossa origem é espanhola. Busquei verificar a origem quando estava na faculdade, onde descobri que todas as pessoas com o nome de plantas e animais são de origem judaica. Então, digamos que somos dos novos católicos, que fugiram na época da Isabela católica para a Sicília. (vestígios de herança judaica no nome – Isabela da Espanha e a perseguição aos Judeus).

O seu sobrenome é...

Coniglio, que quer dizer coelho, sobrenome comum em Porto Alegre, assim como Pereira, Oliveira etc. Algo muito engraçado aconteceu quando minha mãe casou-se com meu pai, logo meu pai era Coniglio (Coelho), minha mãe era Lupo (Lobo) [risos], a mãe de meu pai era Foresta (Floresta), e a irmã de minha mãe casou com D'urso (do Urso), e então, em certo ponto, minha mãe contou-me que o padre parou e disse *Scusate segnora, ma io mi sento in um serraglio*[7]·, [risos] (continua comentários sobre origem dos nomes).

[...] *Eco* e depois de sete anos morando na África, voltamos para a Itália, normalizando a nossa vida, pois lá nem sempre tínhamos aula. De Trípoli[8], o meu pai foi transferido para Azizia[9], depois para Iefrem[10]. Em Azizia havia uma

[7] Desculpe-me senhora, mas eu me sinto em um harém.

[8] Trípoli é a capital, maior e mais populosa cidade da Líbia, sendo a sede do governo central e administração. O nome Trípoli vem do grego antigo que significa "três cidades". e está situada a noroeste da Líbia, na costa mediterrânica. (ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA. **Uma breve história da Líbia**. Publicado em: 21 mar. 2011. Disponível em: <http://antroposimetrica.blogspot.com/2011/03/uma-breve-historia-da-libia.html>. Acesso em: 20 out. 2018).

[9] Aziza ou El-Azizia é uma pequena cidade e capital do distrito de Jafara, localizada no noroeste da Líbia, a 41 quilômetros a sudoeste de Trípoli. (*Ibidem*)

[10] Iefren é cidade do noroeste da Líbia do distrito de Jabal Algarbi, a oeste dos montes Nafusa (*Ibidem*).

escola ítalo-arabe, mas havia apenas meia dúzia de crianças frequentando a aula, onde estudavam aqueles que eram filhos de oficiais, dos que tomavam conta da luz do vilarejo, de donos de armazéns, já as demais crianças eram todos árabes. E lá [Azizia] ficamos por três anos.

Mapa da Líbia

Fonte: http://noticia-final.blogspot.com/2014/10/libia-do-mais-rico-estado-da-africa-sob.html

E isso tudo ocorreu na Líbia...

Sim, tudo aconteceu na Líbia. Depois nos mandaram para Iefren. [...] Para se chegar lá era necessário atravessar uma montanha, onde a largura da estrada era a mesma do caminhão militar que nos transportou até lá. Mal entrava o caminhão, de um lado a encosta, do outro lado um precipício com vários metros de profundidade. Lembro-me de minha mãe chorando o tempo todo da viagem abraçada a meu irmão pequeno de colo. Estávamos apavorados, porque mamãe chorava, e papai tentando nos acalmar. Logo que chegamos à cidade de Iefren, nos deram uma casa de campo, nela tinha uma patente[11] que ficava a cinquenta metros, mas era tão tranquilo que se podia deixar a porta aberta. Tínhamos medo dos rebeldes [...]. No fim, havia três ou quatro famílias de militares e o resto era árabe, por isso meu pai é que nos dava aula. Passávamos muito tempo com os soldados, saíamos para colher sementes de cinamomo para fazer colares e brincar. Também em Azizia, eu fazia recitações para os soldados. Tenho uma fotografia onde aparece meu irmão com três anos de idade fazendo exercício com os soldados. Aprendi com os soldados em quantas partes se divide um fuzil daquela época, 1925 a 1930.

[11] Latrina.

Exercícios militares em Azizia
(em destaque, o irmão de Francesca, Pippo, com três anos)

Fonte: Duccesqui (2010, p. 20)

A nossa casa em Azizia era no mesmo quartel dos militares que nos deram duas peças para que usássemos na casa. Possuía um corredorzinho que levava até o quartel, era a nossa cozinha, onde foi colocado um fogãozinho que funcionava com querosene. Morávamos lá, junto com eles! Na frente de casa havia dois canhões onde brincavam os soldados para se divertir, fritavam ovos em cima dos canhões, pois a temperatura lá chegava a cinquenta graus, Azizia era um dos lugares mais quentes do mundo.

Quando a senhora veio para Porto Alegre em 1948, o seu marido já estava instalado aqui?

Sim, mas quando eu cheguei, ele disse: "agora que você chegou aqui, eu vou ir fazer uma exposição em Buenos Aires, para ver se vamos ficar na Argentina ou no Brasil." Acontece que meu marido havia feito uma exposição de arte em Porto Alegre e um senhor judeu veio procurá-lo, pois queria que ele (o marido) pintasse alguns quadros para que pudesse vendê-los. E eu lhe respondi, falando mal o português e com a ajuda de uma vizinha, mas que também não entendia o italiano; disse que também tinha estudado no Instituto de Belas Artes e poderia pintar os quadros. Não me importaria que ele os vendesse de casa em casa, mas meu marido não faria [...]. Comecei a pintar e escrevi para meu marido contando-lhe a história, ele ficou impressionado, mas como? Pensou... a minha mulher mal sabe falar o português e como fica essa história de pintar quadros para um judeu? Assim retornou rapidamente para casa. [risos] (Circulação dos artistas no Brasil e países vizinhos, trabalho feminino).

O seu marido adaptou-se rapidamente no Brasil...

Sim, até porque não tinha problemas em se adaptar, mas o principal motivo era que aqui não havia bombas. Na primeira noite que eu dormi em Porto Alegre, ouvi o barulho de um avião e chamei meu marido: – Ermano, está passando um aéreo! Ele me disse: "dormi, dormi qui sei Brasile non c'è pericolo![12]" Quando se ouvia o mínimo barulho de avião, fugia do jeito que estava!

E quando ele chegou a Porto Alegre havia um conhecido, ou um amigo que tivesse esperando por ele na cidade?

Não, meu marido chegou com pouco dinheiro, tão pouquinho que eu até vou contar um particular [...] quando ele chegou à alfândega, no Rio de Janeiro, viram os quadros dele e disseram que eram trabalhos de arte e que ele precisaria pagar imposto. Meu marido disse: "Eu não tenho dinheiro para pagar imposto, estou vindo com isso aqui porque sou artista plástico, para fazer uma exposição. Estes quadros são meus! Fui eu quem os pintou!" Retrucaram: "não nos interessa, são quadros e o senhor precisa pagar!" Então meu marido disse: "se vocês quiserem, podem me colocar de cabeça para baixo, se cair alguma coisa peguem!" E na alfândega lhe falaram: "somente um italiano para ter uma atitude destas!"

Em Porto Alegre, onde vocês se instalaram?

Aqui meu marido alugava uma casa de madeira, inclusive quando vi fiquei apavorada, pois nunca havia morado em um chalé feito de madeira. Eu conheci o chalé na praia para se tomar banho, não para moradia. Localizava-se na Rua Praia de Belas, em frente ao estádio Beira Rio, no terreno do Walter Guingue e da irmã dele. Eles haviam construído neste terreno meia dúzia de casas de madeira. Inclusive, ela também morava lá, mas claro que a casa dela era a melhor de todas. A casa tinha poucas peças: o quarto, com espaço para a cama, a cozinha, uma salinha e o banheiro ou latrina que ficava na rua e era utilizado por todos. Os moradores do local eram uma senhora polaca que se chamava madame Lisa, uma senhora fugida da Rússia nos tempos da Revolução Russa, uma família alemã que morava em cima da casa da dona do lugar e nós, italianos. Logo, era um lugar, como dizem por aqui, um cortiço. Todos que ali moravam eram estrangeiros de vários lugares, logo ali se falava todo tipo de língua. Ficamos amigos, nos reuníamos no Natal, elas – as mulheres – me ajudavam a comprar as coisas na venda, porque eu não sabia falar português. Havia um armazém perto de casa, que era de um italiano que estava há muitos anos no Brasil. E meu marido disse: "tu vens aqui que este senhor te entende!" Então um dia fui até lá, e quando cheguei pedi: *io vorrei una forma di burro*! Que é manteiga! E havia um grupo de pessoas que estava ali tomando cachaça, e que depois que falei, começaram a sair. Eu não havia entendido nada.

[12] Dorme, dorme, que no Brasil não há perigo!

Quando o senhor, dono do lugar disse: "não precisa sair, ela não está chamando-os de burro, ela só quer um pouco de manteiga!" [risos] E tudo era assim! Eu precisava sair com o dicionário na mão. (Choque entre culturas, diversidade étnica, dificuldade com a língua e Revolução Russa).

[...] Voltando ao judeu que comprava os seus quadros, ele residia próximo da senhora?

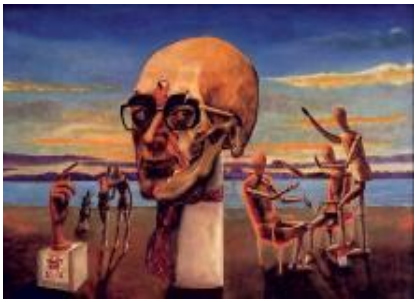
Não, ele viajava por todo o Brasil de avião com o lucro da venda dos meus quadros. Com o dinheiro que ganhamos com ele, compramos um sítio em Viamão, o primeiro sítio, que foi custeado pelos quadrinhos. Mas eu, como já tinha um guri, pois esperei terminar a guerra para ter um filho [...] queria ter uma menina, [...] E de fato depois veio à menina! Em Viamão, eu seguia fazendo os meus quadros em cima da mesa, e meu marido completava colocando os paspatur[13] para os quadros ficarem acabados. Eles [os quadros] tinham uma variedade de espécies de flores: papoulas, margaridas, cravos, rosas, ou seja, todo tipo de flor [...]. Quando estava para ganhar a minha filha, meu marido mandou um telegrama para o judeu dizendo que teria de suspender um pouco os quadros, pois iria ganhar neném. Mas eu tinha feito para ele uma reserva de 60 quadros. Ele me mandou um telegrama com felicitações pelo nascimento da minha filha, e sumiu com esses 60 quadrinhos até hoje. (Família, o trabalho em Viamão e o logro) [...]. Nesse meio tempo, viram a exposição do meu marido em Porto Alegre, e o convidaram para lecionar arte na escola Ernesto Dorneles [...]. Ficamos pouco tempo em Viamão, então disse a meu marido: Eu não deixei Firenze, para vir morar aqui em Viamão, "então, escolha: vamos embora daqui, ou vou voltar para a Itália". Meu marido falou: "vamos embora então!" Nós saímos e fomos para o bairro Guarujá, e como ele gostava de água comprou um *cutter*[14], e nos fins de semana saía com os amigos navegando pelo Guaíba.

[13] O Paspatur (*passe-partout*) é o nome dado a uma das peças mais importantes na conservação dos impressos no momento de emoldurar um quadro. Ele possui duas funções: a primeira é garantir a segurança da imagem impressa, já que o paspatur geralmente possui uma espessura maior (em média 1,5 mm) que garante um espaço entre a obra e o vidro, evitando que ela possa aderir (colar) nesse vidro e se estrague. já a segunda é realizar a transição harmônica entre a obra a moldura no ambiente, além da elegância na montagem do quadro, para que tenha uma garantia maior de durabilidade dos impressos. In: BLOG ON-LINE QUADROS. **O que é paspatur**? Disponível em: <https://onlinequadros.com.br/blog/o-que-e-paspatur/>. Acesso em: 30 out. 2018.

[14] Veleiro de um só mastro.

Obras de Ermano Ducceschi

As Batatas - 1943[15]
MARGS/Porto Alegre



Autorretrato com os filósofos S/D[16]
Câmara Municipal/Porto Alegre

E dona Francesca, como foi a sua viagem para Porto Alegre? A senhora veio pelo Rio de Janeiro?

Vim de navio, e quando cheguei, vou lhe dizer que saí de Gênova e passei pela França, no *Golfo Del Leone*[17], até que quebrou uma turbina do navio, e tivemos de voltar e ficar uma semana parados em Gênova. Porém, eles nos levavam para um passeio onde pudemos conhecer toda costa lígure, era belíssima, e à noite, dormia no navio. Meu marido foi até o Rio de Janeiro buscar-me, esperou uma semana e ficou preocupado, pois o navio não chegava. Procurou a Companhia Italiana e o Consulado onde informaram que havia acontecido um problema. Foram dezoito dias de viagem, mais aquela semana parada em Gênova. Quando desembarcamos no Rio, junto desembarcou uma senhora que conhecia o meu marido, porque era de Pistoia (local onde meu marido nasceu) também. E então, gritou para ele: Ermano questo è *il tuo figlio*! Ermano este é o seu filho! Ele havia deixado à Itália quando o *guri* tinha quarenta dias.

O seu filho se chama...

Se chama Giovanni, o mesmo nome do meu irmão que faleceu na guerra. E quando nós descemos do navio pode-se imaginar como foi a emoção, pois estávamos há dois anos distantes! Meu filho me chamava de Francesca, porque, na casa da minha sogra, nós, sicilianos, chamamos os sogros de mãe e pai, então

---

[15] MARGS. **Catálogo de obras**: a apresentação do n. XXIX, 1986. Disponível em: <www.margs.rs.gov.br/es/catalogo-de-obras/A/17062/>. Acesso em: 22 out. 2018.

[16] Obra compilada do *site* da Câmara Municipal de Porto Alegre. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=16914&p_secao=56&di=2012-04-27bra>. Acesso em: 22 out. 2018.

[17] Golfo do Leão é uma pequena parte do mar Mediterrâneo situada diante do litoral arenoso das regiões francesas do Languedoc-Roussillon e da Provence, entre os Pireneus e Toulon.

ele chamava a minha sogra de mãe e o meu sogro de pai [...]. Meu marido veio embora por causa da guerra, mas uma das consequências da guerra foi a queda do fascismo[18], e então veio o comunismo[19]. No comunismo o que era dos outros era de todo mundo. Naquele flagelo de fascista matando comunista e vice-versa, foram à minha casa [...], a senhora tem que dar uma peça da sua casa para mim. E eu disse: "como eu tenho que dar uma peça para o senhor!" [...] Naquele momento, as autoridades eram comunistas. E foi aí que meu marido disse: acabou! Vamos embora, vamos embora! Levou-me para a casa dos pais dele. Tive que entregar a casa e outras coisas. A minha família, que morava perto, foi lá tentar salvar algumas das minhas coisas. Então esta foi uma das razões que fez com que fossemos embora.

> Fascismo ou nazi-fascismo foi um fenômeno histórico específico ocorrido no mundo europeu entre 1922 e 1945, situado especialmente na Alemanha e Itália caracterizou-se pela ascensão de regimes políticos totalitários que se opuseram, ao mesmo tempo, às democracias liberais e ao regime comunista soviético, este também de caráter totalitário, e cuja repercussão atingiu numerosas nações que adotaram regimes semelhantes[20].

---

[18] O fascismo foi uma revolução empenhada em mudar a natureza das relações entre indivíduo e coletividade, mantendo a procura do lucro, a propriedade privada e a economia de mercado. O nacionalismo fascista, que aspirou ao universalismo, como disse, baseou-se, assim, nas ideias binárias de violência e pátria; guerra e nação; ideologia nacionalista e belicista; "patriotismo revolucionário"; nacionalismo antitradicionalista e antiburguês. O fascismo é o antimaterialismo nos seus contornos mais nítidos. Mas, se ergue contra o liberalismo e o marxismo, ele recolhe do liberalismo o respeito pelo poder e a vitalidade dos mecanismos da economia de mercado e vai buscar no marxismo a convicção de que a violência é o motor da História, unicamente regida pelas leis da guerra. (STERNHELL, Zeev. **Nascimento da ideologia fascista**. Lisboa: Bertrand, 1995, p. 21). Em síntese, o regime autoritário tem concentração total do poder nas mãos do líder do governo. Esse líder deveria ser cultuado e poderia tomar qualquer decisão sem consultar previamente os representantes da sociedade. Além disso, o fascismo defende uma exaltação da coletividade nacional em detrimento das culturas de outros países.

[19] O comunismo é, segundo Karl Marx, um movimento político da classe operária dentro da sociedade capitalista, iniciado na Revolução Industrial. Esse sentido do termo surgiu em 1830, com o crescimento da classe operária na Europa Ocidental. Seria também a sociedade criada pela classe trabalhadora em sua luta com as classes dominantes na sociedade capitalista. ou seja, o comunismo é, ao mesmo tempo, um movimento político e a sociedade que dele emerge. Pode ser entendido como uma ideologia, um conjunto articulado de princípios teóricos que fundamentam um tipo de sociedade e uma ação política. (SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 70). Em resumo, é a doutrina social segundo a qual se pode e deve restabelecer o que se chama "estado natural", em que todas as pessoas teriam o mesmo direito a tudo, mediante a abolição da propriedade privada. Esta palavra tem origem no latim *comunis*, que significa comum.

[20] SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

Depois de chegar aqui, vocês pensaram em retornar para a Itália?

Sim, retornamos em 1956, ano em que faleceu meu pai. Fiquei um tempo por lá [Itália], até porque se complicaram as questões entre a França e o Egito sobre o Canal de Suez[21]. Ermano se apavorou, pedindo para que eu colocasse a nossa filha no avião e a enviasse para ele, que estava no Brasil, pois ela era a única estrangeira da família [a filha nasceu no Brasil e estava na Itália]. Logo depois que terminou a guerra, as residências das pessoas eram visitadas, para verificar se haviam inimigos estrangeiros nesses locais. As autoridades foram à casa da minha mãe ver a menina estrangeira. Já em Gênova me disseram: "Por que não a batizou a filha no consulado italiano?" Disse: como fui para o Brasil pensei de registrá-la aqui na Itália, logo quando eu chegasse, mas não o fiz. [...]. Tudo porque havia uma série de problemas, por exemplo: uma conhecida minha que foi para a Grécia com o marido e seu bebê foram colocados em campos de concentração onde tiraram o seu nenê.

A senhora veio de navio?

Sim, vim de navio. Mas vou dizer uma coisa, quando eu cheguei ao Rio de Janeiro e vi o Cristo, me comovi muitíssimo. Sabendo de tudo aquilo que havíamos deixado para trás [...], vendo o Cristo de braços abertos, eu sabia quanta gente havia fugido para cá. É como se ele dissesse para mim: "vem para cá, tem lugar aqui para ti também!" Foi muito comovente! [...].

E aqui em Porto Alegre?

Encontrei o marido naquela casa de madeira. Estou feliz porque estou com ele, porém a casa me fazia pensar na madeira que colocava na lareira para queimar. Isso porque não era acostumada com casas de madeira.

E a senhora, logo que chegou, encontrou outros italianos, patrícios?

Sim, logo quando cheguei, meu marido me levou no consulado onde conheci todos aqueles que ali trabalhavam, inclusive deram-me uma mesa enorme que utilizava em casa para pintar os quadrinhos que fazia para o judeu [...] Depois

[21] O Canal de Suez, de início com um comprimento de 160 km e agora com 195 km, com uma largura de 190 m e uma profundidade de 20 m, foi escavado no território egípcio na altura em que o Egito dependia da soberania turca. Inaugurado em 17 de novembro de 1869, a concessão do canal, construído, explorado e administrado por franceses e ingleses, foi acordada por 99 anos, mas no dia 29 de outubro de 1956, o então presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, determinou o fim do acordo. (PORTAL SÃO FRANCISCO. **Canal de Suez**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/canal-de-suez>. Acesso em: 30 out. 2018).

compramos uma cama, inclusive quem nos auxiliou foi o amigo Angelo Ricci[22], que depois virou nosso compadre. Também tínhamos amigos no consulado italiano, que nos ajudaram muito: o senhor Petini, que era engenheiro e trabalhou no hospital Beneficência Portuguesa, sendo ele quem veio me buscar no aeroporto junto com a dona Cira, que, para mim, foram como pai e mãe.

E a senhora frequentava a sociedade italiana?

Claro! Além do mais, logo que cheguei comecei a ministrar aulas de italiano. Minha primeira aluna foi a Beatriz Oderich, da família proprietária da fábrica de salsichas[23], porque ela era nora da senhora Cira Petini e do engenheiro Petini. Também comecei a lhe dar aulas de pintura e de bordados, e a quem me procurasse. Ensinava bordados com técnica italiana de linha e agulha, pois na Itália, na minha época, se ensinava as meninas a fazer o enxoval, então mandavam as meninas aprenderem a bordar, tocar piano etc., ou seja, nos preparar para a vida de dona de casa.

Mas, o que levou a senhora vir a lecionar italiano?

Um pouco foi pela procura, porque também, logo que cheguei, meu marido me disse que teria de aprender logo a falar o português, pois as crianças têm que viver aqui, logo, elas precisam falar português. Portanto, disse ele: "sinto muito! Meus filhos vão aprender o português", o Giovanni já falava perfeitamente o italiano, já declamava poesias desde que tinha um ano e oito meses, era muito esperto! Disse-lhe: "meus filhos vão aprender o italiano! O português eles vão aprender na escola." Eu tinha uma empregada e foi com ela que comecei a aprender o português. No início, ela não entendia nada do que eu falava, era tudo através da mímica. Mas assim foi indo!

Nos anos 1950, aqui no Brasil a Itália estava no auge, devido às canções não?

Sim, tinha bastante! Havia uma "colônia" Italiana quando fomos morar no Guarujá e o meu marido comprou o barco, nos fundos da minha casa morava a

[22] Angelo Ricci, Professor de Língua e Literatura Italianas, veio para Porto Alegre a convite dos Cursos de Letras da PUCRS e da UFRGS em 1947. (CLEMENTE, Elvo. A crítica literária na Província de São Pedro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 153-159, jun. 2001).

[23] Fundada em 1879 por Adolph Oderich, em 1908 o filho mais velho de Adolph vai estudar conservação de carnes na Alemanha. Retorna entusiasmado para fazer nascer a primeira empresa no Brasil, e terceira do mundo, em gêneros enlatados, e funda a empresa Carlos H. Oderich & Cia. Em 1936 une-se a outras empresas do setor, e, assim, a Oderich deu origem à empresa Frigoríficos Nacionais Sul Brasileiros S.A., com o empreendimento instalado em Canoas. Em 1956, Carlos Henrique Oderich Sobrinho leva a empresa a outro patamar, quando sai do conglomerado de empresas Frigoríficas Nacionais S.A., e altera a razão social para Conservas Oderich S.A. lança ações no mercado. (ODERICH. **Institucional**: história. Disponível em: <http://www.oderich.com.br/pt/institucional/historia>. Acesso em: 20 out. 2018).

senhora Itália Feoli, que, para mim, também foi como uma mãe! Esta senhora me ajudou muito quando comecei a lecionar em Rio Pardo! Pois quando cheguei aqui já queria lecionar, somado ao fato de já era professora. [...] Naquela época, não tinha barca, tinha de levantar cedo para pegar um ônibus do Guarujá para a Assunção, depois para Rio Pardo e o inverso para voltar. [...] Como eu tinha que dar geometria e desenho artístico para três turmas, pedi para que me dessem um horário mais flexível [...] porque tinha de cuidar das minhas duas crianças. E me responderam: "não senhora, você vai cumprir o horário e antes de sexta-feira não vai para casa (em Porto Alegre)!" Então, tive de aguentar; a dona Itália, que tinha um marido tenente, oficial, e era minha amiga, me disse: "Não se preocupe vamos cuidar dos seus filhos! O meu marido pode levá-los e buscá-los na escola à tarde."

E a senhora trabalhava por que necessidade?

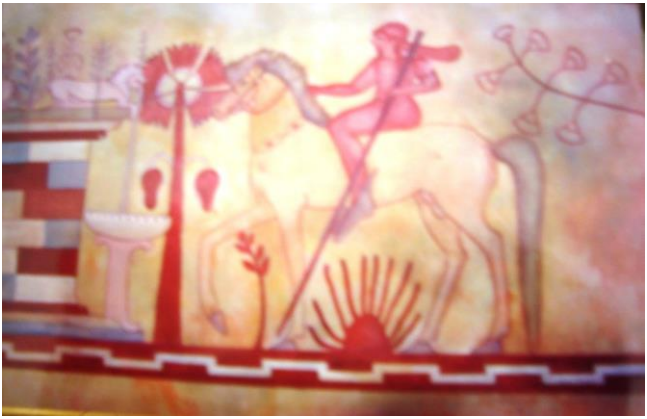
Não, eu queria era entrar no magistério, pois, afinal, era professora! E também o meu marido sozinho não dava conta. No Guarujá, compramos um terreno e tínhamos de construir a casa. E com que dinheiro? Era com o dinheiro que ele ganhava lecionando na escola. [...] O engenheiro Petini, que era um homem amicíssimo, fez o projeto da casa, primeiro a de madeira, e depois a de material, e nunca nos cobrou nada, mas meu marido, em retribuição, o presenteava com seus quadros. [...] Eu lembro que em Rio Pardo alugava um quarto na casa de uma aluna, então minha preocupação, à noite, era estudar e preparar a aula do dia seguinte de Português. Eu escrevia em português à minha maneira, para me fazer entender. E quero lhe dizer mais uma coisa: "adorei a turma que tive!" Até mesmo fui homenageada no final do ano que lá lecionei [...].

E quanto tempo a senhora trabalhou em Rio Pardo?

Em Rio Pardo trabalhei dois anos. Depois, até não me pagaram as férias, porque eu era professora contratada, e também já tinha gastado tudo com as viagens. Mas eu fiz aquilo para poder entrar no magistério. Mas como eu também tenho o diploma de assistente social, fui até a PUC e perguntei se poderiam me encaminhar para trabalhar na Santa Casa. E lá na Santa Casa me pegaram como assistente social, mas eu digo a verdade: eu fiz Assistenza Sociale Ospedaliero. Mas quando eu vi que havia muita gente na cama, que poderia fazer alguma coisa! Então, resolvi fazer com eles a laborterapia. [...]. Também ensinei os doentes a fazerem bonequinhas na Santa Casa. [...] Deixei a Santa Casa para trabalhar no Estado novamente, mas depois que revalidei os meus títulos no Belas Artes, fazendo prova de afresco. [...] Fiz um afresco em um apartamento que construíram aqui em Porto Alegre onde coloquei minha assinatura. Ele representava a origem etrusca do nome do meu

marido! Por isso coloquei o nome de Etruria[24] na obra. [nos mostra a foto do afresco realizado]

Afresco Etruria



Fonte: pintura localizada em parede de edifício
na Rua Marcelo da Gama, 594, em Porto Alegre

E a senhora então se aposentou como professora?

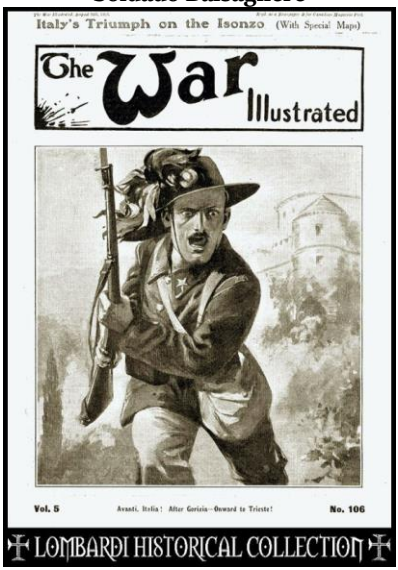
Não, depois ainda me formei em pedagogia e me aposentei como supervisora educacional. Enquanto meu marido fez psicologia, teve seu consultório, mas depois foi professor, na PUCRS, de psicologia. [...] Meu marido faleceu e perguntei para e meus filhos: "vamos voltar para a Itália? Ou vamos ficar aqui?" E a minha filha me disse: "mãe meu coração é verde amarelo. Daqui eu não saio!" Então disse também: "Vou ficar aqui, pois não vou deixar meus filhos sozinhos". E fiquei. De vez em quando vou a Roma, por causa da minha neta, aliás, meu filho já é vovô. A minha neta casou com um italiano e mora em Roma. Portanto, dois meses atrás, eu estava em Roma visitando-a. Ainda tenho os meus parentes. [...] (família entre dois continentes).

Quando a senhora veio o seu pai ainda estava vivo?

[24] Etrúria é uma antiga região da na península Itálica, ao sul do rio Arno e ao norte do Tibre, mais ou menos na área equivalente à atual Toscana, com partes do Lácio, Campânia e Úmbria. A cultura etrusca está documentada na Itália Central (atual Toscana e Lácio do Norte, anteriormente conhecido como Etruria), entre o oitavo e o primeiro século antes de Cristo. (GHIROTTO, Silvia et al. **Origins and Evolution of the Etruscans' mtDNA**. Publicado em: 6 fev. 2013. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0055519>. Acesso em: 20 out. 2018).

Sim, a minha esperança era de trazê-lo para cá. Meu pai tinha sido oficial voluntario *Del La milícia militar per La coriza nazionale* durante o fascismo, porque ele era *bersagliere*[25]. Na Itália havia o *bersaglieri*, é aquele artilheiro que tem o chapéu com as penas e marcha. É muito bonito! Mas acontece que para ele casar com a minha mãe... precisava ter o dote. Os oficiais que casavam naquela época tinham que ter 100 mil liras de dote. E o meu avô, tendo 10, 12 filhos, não tinha como dar 100 mil liras de dote.

Soldado Balsagliere



Fonte: Avanti Italia! **The War Illustrated**, v. 5, n. 106, aug. 1916

Meu pai, como estava na milícia, não queria nada porque o fascismo estava se formando há pouco tempo e não exigiam o dote. Então, quando passou o estágio de milícia voluntária pôde se casar por amor, porque ele era da milícia. [...] (Práticas culturais familiares).

[25]Os *bersaglieri* (atirador, artilheiro) são um corpo do exército italiano criado originalmente pelo general Alessandro La Marmora em 18 de junho de 1836 para servir ao exército do Reino da Sardenha, se transformando mais tarde no *Regio Esercito* (Exército Real Italiano). Sempre se caracterizou por ser uma unidade de infantaria de alta mobilidade. Os primeiros combatentes a combater no Norte da África foram os do 10º Regimento. Chegaram à Líbia no início de 1941 e mais tarde foram transferidos para o front da guerra das Potências do Eixo contra a União Soviética (8º exército italiano na Rússia). (MINISTERO DELLA DIFESA. **I Bersaglieri**. Disponível em: <http://www.esercito.difesa.it/organizzazione/armi-e-corpi/Fanteria/Le-Specialita/I-Bersaglieri>. Acesso em: 22 out. 2018).

- Podemos encerrar por hoje, Dona Francesca! Muitíssimo obrigado pela sua disponibilidade.

Reflexões sobre o depoimento[26]

A decisão de Ermano de imigrar para o Brasil deve ser entendida como uma viagem que pressupõe três momentos: a partida, o trânsito e a chegada[27]. A partida foi consequência do trauma[28] vivido durante a guerra e ao fato de que, mesmo após o término desta, havia um estado de guerra que persistia e causava medo.

> "Meu marido veio embora por causa da guerra, mas uma das consequências da guerra foi porque caiu o fascismo, e veio o comunismo. No comunismo o que era dos outros era de todo mundo [...] foram à minha casa [...], a senhora tem que dar uma peça da sua casa para mim. E eu disse: 'como eu tenho que dar uma peça para o senhor!' [...] Naquele momento as autoridades eram comunistas. E foi aí que meu marido disse: acabou! Vamos embora, vamos embora!"

Vale lembrar que, desde 1943, a Itália acabou dividida em duas partes: a partir de Nápoles, o Sul estava ocupado pelos Aliados e pelo Rei; Mussolini e os Alemães dominavam o centro e o Norte. O apoio de Hitler auxiliou Mussolini a Fundar a República de Salô, que serviu para atender os interesses dos Alemães. Tal contexto justifica a fala de Francesca e a decisão de emigrarem.

---

[26] Observa-se que, nesta parte, os excertos do depoimento de Francesca estão destacados em itálico.

[27] CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXXII, n 1, p. 63-73, jun. 2006.

[28] Atingem pessoas submetidas a maciças situações traumáticas de guerra, que desenvolvem graves consequências biológicas, psicológicas, sociais e existenciais, incluindo uma capacidade diminuída de lidar com futuros estresses psicológicos e biológicos ao longo da vida. In: SCHESTATSKY, Sidney et al. A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 25, supl. I, p. 8-11, 2003.

A partida de Ermano, em 1946, suscitou uma série de arranjos familiares, visto que Francesca ficou com os sogros. Não contaram com auxílio no Brasil, porque não havia ligação com patrícios no outro lado do Oceano. Conhecia o Brasil através das noticias dos jornais sobre a queda do preço do café antes da Guerra, noticiando que estavam usando café de combustível para trens. Sobre a travessia de Francesca em 1948, houve um contratempo com o navio. A chegada ocorre gradativamente na medida em que a família se insere socialmente, conformando uma rede de amigos que dão assistência e suporte afetivo que ajudam a construir sua trajetória.

Quanto à inserção cultural, esta ocorreu quando começaram a se integrar através da língua, da arte, da associação com outros patrícios, quando começaram a frequentar locais de sociabilidade como cafés, praças e cinemas, integrando-se à sociedade. A integração econômica ocorre com a participação gradativa no campo do trabalho e a aquisição de imóvel. Para Francesca chegar ao destino, no caso, Porto Alegre, se dá no momento do retorno ao lugar de partida; momento em que percebe a transformação do local onde vivera e mantivera congelado na memória do passado. Observando a mudança do lugar, ela entende que ao longo dos anos foi se transformando enquanto realizava a árdua tarefa de reconstrução de si. Francesca chega ao fim de sua viagem com a morte de Ermano:

> "Meu marido faleceu e perguntei para e meus filhos: 'vamos voltar para a Itália? Ou vamos ficar aqui?' E a minha filha me disse: 'mãe meu coração é verde amarelo. Eu daqui não saio!' Então disse também vou ficar aqui, pois eu não vou deixar meus filhos sozinhos. E fiquei".

Francesca faz referência à cidade *Leptis Magna* e às construções romanas no norte da África evocando uma ancestralidade marcada pela arte e manifestada nas suas obras, como o Afresco Etruria, elaborado em homenagem ao marido. A

construção de sua identidade[29] se assenta nesta base histórica. Esta identidade pode ser percebida quando se adentra em sua residência na Rua Duque de Caxias, pelos quadros pendurados na parede e pelos *souveniers* com motivos italianos distribuídos sobre os móveis. Por outro lado, Ermano retrata, além de imagens que remetem à sua origem, as impressões da guerra manifestadas nos tons cinzentos e nas cores pastéis escuras das suas pinturas, denotando, também, a elaboração de uma identidade vinculada ao passado.

Nota-se, tanto nas pinturas do Ermano como nas de Francesca, a presença de signos que remetem às suas raízes, eles são representativos das experiências interiores, que constituem a identidade, acabam projetados no mundo exterior, transformando a experiência de vida em representações perceptíveis que constroem uma identidade étnica buscando elementos na tradição[30].

As lembranças de Francesca sobre o tempo que a família morou no norte da África remetem ao período da colonização italiana na Líbia e a incorporação desta ao Reino da Itália (1939). Esta situação durou até à Segunda Guerra Mundial, quando as campanhas no Norte de África destruíram quase por completo a estrutura econômica do país. A colonização não alterou a economia do país, mas contribuiu para melhorar a infraestrutura, como a rede de estradas e o fornecimento de água às cidades[31]. Sobre este cenário, a italiana relembra os exercícios militares, as brincadeiras cotidianas em meio ao permanente estado de alerta e do medo dos rebeldes.

A narrativa aponta para as diferenças culturais e étnicas que provocam inquietação em Francesca: a primeira ocorreu quando era criança e morava na Líbia e tomou consciência que os italianos

---

[29] Identidade é o sentido da imagem de si, para si e para os outros, isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. In: POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

[30] DI CARLO, Angelo; DI CARLO, Serena (Org.). **I luogh dell'identità**. Milano: Agneli, 1986, p. 4.

[31] CIUFFOLETTI, Zeffiro et al. **Dentro la História**: eventi testimonianze e interpretazioni. Dalla riconstruzione alla globalizzazione. Messina-Firenze: Cassa Editrice G. D'Anna, 2008, p. 48.

eram minoria ocupando lugares de destaque; a segunda ocorreu na Itália quando os alemães tomaram sua casa levando o marido a vir para o Brasil; e a terceira sucedeu na escola em Rio Pardo quando se viu diante da inflexibilidade da diretora. Os três momentos apontam para a situação onde emerge a condição de dominado ou de dominador.

Algumas recordações de Francesca podem ser consideradas sociais porque, de maneira recorrente, aparecem tanto no seu relato como nas narrativas de outros patrícios com a mesma ênfase: "quando eu cheguei ao Rio de Janeiro e vi o Cristo, me comovi muitíssimo [...] vendo o Cristo de braços abertos, parece que sabia quanta gente havia fugido para cá. Era como se dissesse para mim: 'vem para cá, tem lugar aqui pra ti também' [...]". Em Porto Alegre, Francesca ficou feliz porque encontrou com o marido, porém achou desagradável a casa de madeira que na Itália era encontrada apenas na praia.

> Nessa interlocução podem ser identificados alguns fatos relacionados às lembranças de outros imigrantes, o que remete a uma memória social e, como todas as atividades humanas, podem ser compartilhadas com o mesmo grupo ou com outros, entretanto ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais.[32]

Com relação à estátua do Cristo Redentor, pode-se dizer que houve uma impressão positiva, comovedora, e quanto às casas, houve uma impressão negativa que deixou Francesca abalada.

A imigrante faz alusão a alguns eventos históricos como a Revolução Russa, Isabela da Espanha e a perseguição aos judeus, e ao Canal de Suez onde vivera um momento de conflito quando retornara à Itália em 1956, ano em que faleceu seu pai. "Fiquei um

[32] PORTELLI Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Morais (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

tempo por lá [Itália], até porque se complicaram as questões entre a França e o Egito sobre o Canal de Suez".

Relembrando eventos da II Guerra, Francesca conta que, logo depois que terminou a guerra, as residências das pessoas eram visitadas para verificar se haviam inimigos estrangeiros nesses locais. "Havia uma série de problemas, por exemplo: uma conhecida minha que foi para a Grécia com o marido e seu bebê, foram colocados em campos de concentração onde tiraram o seu nenê". O exemplo que emerge das lembranças de Francesca demonstra que "a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas"[33].

O depoimento sugere um circuito intenso de artistas na América Latina no qual seu marido Ermano ganha visibilidade participando de exposições de arte no Uruguai, Peru, Paraguai e Argentina. Francesca se insere nesse circuito de forma diferenciada produzindo e vendendo seus quadros no interior do Brasil. Ela elaborava pinturas decorativas para serem negociadas pelo senhor judeu que era vendedor ambulante. A italiana define o trabalho do marido como sendo uma arte maior, superior à sua, embora os dois tivessem estudado Arte em Florença. A justificativa de Francesca reflete o condicionamento dela ao pensamento machista da época que exalta o fazer masculino em detrimento ao feminino.

Visando se inserir na sociedade, ela procurou aprender a Língua Portuguesa, primeiro com a empregada da casa, depois quando lecionava em Rio Pardo. Ao mesmo tempo, demonstrou que existia a preocupação de preservar o idioma italiano utilizado como elo de ligação emocional entre o local de partida e o de chegada: "meus filhos vão aprender o italiano! O português eles vão aprender na escola! Eu tinha uma empregada e foi com ela que comecei a

[33] PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

aprender o português. No início, ela não entendia nada do que eu falava, era tudo através da mímica. Mas assim foi indo". A dificuldade de comunicação foi sendo superada através do convívio de trabalho ou das amizades, da convivência e da interação em espaços comunitários, como praças, ruas, mercados e trabalho.

Francesca constituiu relações que facilitaram sua entrada e adaptação em Porto Alegre. A rede começou a se formar no local onde foram morar quando chegaram onde havia polacos, alemães, russos e italianos. Tais imigrantes constituíram um grupo étnico com os quais se desenvolveram laços de amizade e afetividade. "Grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas"[34]. Quando mudaram para o Guarujá as relações se desenvolveram através da solidariedade com a senhora Itália, com o engenheiro Petini, Angelo Ricci e Beatriz Oderich, entre outros. Na fala de Francesca, suas relações com esses atores são identificadas e categorizadas segundo seu lugar de procedência.

Ao longo dos anos, Francesca consolidou uma rede de relações ligadas ao trabalho como professora e artista plástica que lhe permitiu afirmar: "eu digo a verdade, eu fiz Assistenza Sociale Ospedaliero". A afirmação confere a seu depoimento a certeza de portar uma carga que, segundo ela, tudo que foi vivenciado é verdadeiro. Assim, a referência às suas memórias e à sua vivência, apresentada na sua narrativa, é uma marca forte de enunciação que legitima a veracidade do seu relato, eu vi, eu vivi, logo, eu escrevo o que realmente aconteceu[35].

---

[34] BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998, p. 189.

[35] MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Tecendo memórias**. Gustavo Barroso e as escritas de si. **Ars Histórica**, Rio de Janeiro. Publicado em: maio 2009, p. 5. Disponível em: <http://revistadiscenteppghis.files.wordpress.com/2009/05/aline-montenegro-tecendo-memorias-gustavo-barroso-e-as-escritas-de-si.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

Francesca, ao narrar suas experiências, do alto dos seus noventa e tantos anos, colaborou na produção de um documento histórico que servirá de objeto de estudo, auxiliando na análise das transformações sociais e eventos por ela vivenciados. É nessa parte que reflito sobre o trabalho, buscando em Ecleia Bosi afirmar que eu e Francesca "fomos ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir suas lembranças"[36]. Este documento, bem como outros já produzidos, estão depositados, disponíveis e abertos a novos olhares no Laboratório de Pesquisa em História Oral (LAPHO) da PUCRS, coordenado pela Prof. Dra. Claudia Musa Fay.

Para encerrar, saliento que o depoimento de Francesca é indiciário de acontecimentos históricos. Ele apresenta um ponto de vista sobre eventos de ordem social e cultural que embora seja individual também é coletivo, porque é compartilhado entre os indivíduos de um determinado grupo e com outros grupos sociais. Por fim, observo que esta reflexão cumpriu o seu objetivo fundamental, ressaltar a importância dos depoimentos orais das mulheres imigrantes, trazendo à luz experiências que até então ficaram guardadas na memória da depoente.

Referências

ANTROPOLOGIA SIMÉTRICA. **Uma breve história da Líbia**. Publicado em: 21 mar. 2011. Disponível em: <http://antroposimetrica.blogspot.com/2011/03/uma-breve-historia-da-libia.html>. Acesso em: 20 out. 2018.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1998.

[36] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 38.

BLOG ON-LINE QUADROS. **O que é paspatur**? Disponível em: <https://onlinequadros.com.br/blog/o-que-e-paspatur/>. Acesso em: 30 out. 2018.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CIUFFOLETTI, Zeffiro et al. **Dentro la História**: eventi testimonianze e interpretazioni. Dalla riconstruzione alla globalizzazione. Messina-Firenze: Cassa Editrice G. D'Anna, 2008.

CLEMENTE, Elvo. A crítica literária na Província de São Pedro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 153-159, jun. 2001.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXXII, n 1, p. 63-73, jun. 2006.

DI CARLO, Angelo; DI CARLO, Serena (Org.). **I luogh dell'identità**. Milano: Agneli, 1986.

DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida** (*La Girandola Della Vita*). Porto Alegre: Pro Sapiens. 2010.

GHIROTTO, Silvia et al. **Origins and Evolution of the Etruscans' mtDNA**. Publicado em: 6 fev. 2013. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0055519>. Acesso em: 20 out. 2018.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Tecendo memórias**. Gustavo Barroso e as escritas de si. **Ars Histórica**, Rio de Janeiro. Publicado em: maio 2009, p. 5. Disponível em: <http://revistadiscenteppghis.files.wordpress.com/2009/05/aline-montenegro-tecendo-memorias-gustavo-barroso-e-as-escritas-de-si.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2012.

MARGS. **Catálogo de obras**: a apresentação do n. XXIX, 1986. Disponível em: <www.margs.rs.gov.br/es/catalogo-de-obras/A/17062/>. Acesso em: 22 out. 2018.

MINISTERO DELLA DIFESA. **I Bersaglieri**. Disponível em: <http://www.esercito.difesa.it/organizzazione/armi-e-corpi/Fanteria/Le-Specialita/I-Bersaglieri>. Acesso em: 22 out. 2018.

ODERICH. **Institucional**: história. Disponível em: <http://www.oderich.com.br/pt/institucional/historia>. Acesso em: 20 out. 2018

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Canal de Suez**. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/canal-de-suez>. Acesso em: 30 out. 2018.

PORTELLI Alessandro. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana 29 de junho de 1944): mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Morais (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. **Autorretrato com os filósofos**. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=16914&p_secao=56&di=2012-04-27bra>. Acesso em: 22 out. 2018.

PORTO ALEGRE. Câmara Municipal. **Mostra póstuma reúne pinturas de Ermanno Ducceschi**. Publicado em: 30 abr. 2012. Disponível em: <http://www2.camarapoa.rs.gov.br/default.php?reg=16914&p_secao=56&di=2012-04-27>. Acesso em: 22 out. 2018.

SCHESTATSKY, Sidney et al. A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 25, supl. I, p. 8-11, 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

STERNHELL, Zeev. **Nascimento da ideologia fascista**. Lisboa: Bertrand, 1995.

5

Memórias de uma peregrina no Caminho de Santiago de Compostela

Flavia de Brito Panazzolo [1]

A Entrevista

A entrevista de Adriana Reis foi concedida à autora em Porto Alegre, em 25 de abril de 2018.

Bom, gostaria que me contasse um pouco de ti e da tua experiência como peregrina no caminho de Santiago de Compostela.

Bom, eu sou Adriana Reis, tenho 50 anos, sou contabilista, mas nunca atuei como contadora. Eu resolvi fazer o caminho, apesar do Caminho de Santiago ter entrado na minha vida em 1992 em função do caminho do meu pai. Eu achava uma loucura e nunca cogitei fazer o Caminho de Santiago. Em 1992, eu estava recomeçando a minha vida, estava com um filho de dois anos no colo, sabe? Eu tinha 24 anos, e eu olhava meu pai, e ele botando uma mochila nas costas para ir para a Espanha caminhar, e eu dizia assim: meu Deus do céu, ele está com 57 anos e pirou, ele enlouqueceu, e aí me assustei com aquilo e na realidade também eu tive muita preguiça, eu sempre tive uma vida completamente sedentária, aquilo ali parecia uma coisa de outro mundo para mim. E nunca dei bola, aí toca a vida, meu pai foi e voltou e tal, e eu nunca, eu negava o caminho de ponta a ponta dele. E aí nunca dei bola para ele, foi passando, meu filho cresceu, me separei, casei, me separei e em 2012/2013 eu fui passar dois meses em Ibiraquera (SC) e comecei a caminhar toda a manhã, tinha me separado em 2012, caminhava, caminhava, caminhava todas as manhãs muito cedo, via o sol nascer todos os dias, e aí, um belo dia, eu digo que eu estou caminhando aqui, eu tinha que estar caminhando em outro lugar, aí me deu

[1] Bacharel em Turismo pela PUCRS, Mestre em Ciências Sociais pela PUCRS, Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais PUCRS. *E-mail*: flavia.panazzolo@acad.pucrs.br; http://lattes.cnpq.br/8819645761578946.

aquela coisa assim, vou fazer o caminho de Santiago, na época eu estava sozinha em Ibiraquera, liguei para meu filho e eu disse para ele: cara eu vou fazer o caminho de Santiago; e ele: – como assim; e eu disse: vou fazer, vou fazer o caminho, chegou a minha vez de ser a louca, teu avô foi o louco, agora a louca sou eu. E aí, eu fui, e naquela época não estava falando direito com meu pai, a gente estava meio estremecido. Então, eu acho que, na realidade, foi uma busca, eu buscando ele e buscando a mim mesma, mas o que aconteceu no final é que o caminho foi um divisor de águas na minha vida, sabe? Eu me dei conta de que o que eu pensava ser valores não eram valores, hoje não são mais valores para mim. O que eu pensava ser não era, eu sou diferente, eu posso ser melhor, eu posso viver e eu me apaixonei por duas coisas do Caminho de Santiago, tá assim, sem falar de outras [risos], as duas principais coisas que eu me apaixonei no caminho de Santiago: uma, por mim; e outra, pela liberdade. Eu descobri que botar uma mochila nas costas e me preocupar apenas com quanto vou caminhar é uma coisa maravilhosa. Eu descobri que eu sou uma baita companhia para mim mesma [risos].

Esses tempos eu citei como exemplo a liberdade e o caminhar sem compromisso para uma pessoa que eu conheci, e ele falou assim: – Bah, mas deve ser uma chatice, né? Tu ficar 30 dias caminhando sozinho; eu disse: bom, se tu acha que tu é um chato (muitas vezes as pessoas tem medo de ficar com elas mesmas), então como tu vai convencer alguém a caminhar ao teu lado se tu não consegue caminhar contigo mesmo? [risos].

Fui fazendo relações de vida, entendimento, e eu adorei aquilo, sabe? Foi uma maneira de descobrir várias coisas, de valorizar o que tem valor, e o caminho, como eu te disse, o caminho para mim principalmente não é um meio de vida, mas é um caminho de vida. Eu acho que o caminho me ensinou muito, e ele ainda me ensina, por isso que eu digo, que eu entrei no caminho em 2013 e eu ainda não saí do caminho. Não pretendo sair nunca mais, já tenho outros em plano para fazer, e o caminho de 2013 principalmente, talvez por ter sido o primeiro ou tudo, ele foi muito forte, um caminho muito forte para mim, muito significativo.

De pessoas que eu conheci, de situações que eu vivi, foi muito complexo. Das vezes que cheguei na frente da Catedral, sempre vi pessoas se atirando no chão, chorando porque chegou, conseguiu, eu nunca tive isso (chorar na frente da Catedral). Eu já cheguei quatro vezes na Catedral, eu choro que eu chego, mas eu choro porque eu cheguei, não por ter conseguido, eu sabia que eu ia conseguir, mas é porque o caminho que eu estava vivendo terminou ali, começa um outro, mas aquele terminou ali; uma semana antes, a maioria dos peregrinos sabe disso, uma semana antes de chegar, a gente se dá conta que o chegar não é tão importante, o importante é tu viver cada dia até tu chegar à Catedral, aquela experiência de vida durante o trajeto é impagável, é uma coisa

que ensina. O meu pai tem uma frase que diz que “fazer o caminho de Santiago é viver em cerca de 30 dias as experiências de toda uma vida”.

Interessante.

Tudo acontece ali, e a gente brinca muito, é que muita coisa na vida a gente procura entendimento de tudo, a gente procura entender tudo, na realidade a gente não entende nada [risos], a gente tem muita busca, muita coisa, mas não entende direito.

E foi uma viagem por ano?

Não, primeiro eu fui em 2013, porque eu consegui o dinheiro e resolvi que eu ia e fui. Eu voltei do caminho de Santiago completamente atordoada, completamente mais perdida do que fui.

Voltaste tentando entender...

Sim, tentando entender, mas muitas vezes nem dez dias ou três meses são suficientes para entender o que foi o Caminho.

Tu voltou e aí vai assimilar o que aconteceu

Tu vai depurar tudo o que passou, tu vai absorver coisas durante um ano ainda depois, ou mais, porque há lições na vida que na hora que tu recebe tu não te dá conta, quando tu vai precisar dela é que tu diz: poxa vida, mas eu aprendi isso lá no Caminho, já tive essa lição, estou precisando dela agora, então o Caminho... ele é muito forte nesse sentido, ele não sai mais da gente.

Falo seguido com peregrinos que já fizeram o caminho, sei lá, 20, 25 anos atrás (por exemplo, meu pai que fez o Caminho faz muito tempo), o caminho está nele, o caminho continua nele. Seguido falo com a Carla, ela também fez o Caminho faz muito tempo, e ele continua nela.

As experiências tu observa depois.

As experiências. Falando com outros peregrinos da associação, percebemos que não é que o caminho te mude, ele não muda, ele apenas potencializa aquilo que tu és.

Chama atenção para certas coisas que já estão em ti.

Sim, já está em ti. Ele não vai mudar ninguém, mas eu sou uma pessoa assim, ou assado, e aquilo vem à tona, pô, tal coisa me incomodou a vida inteira, então quem sabe eu vou resolver isso agora, este tipo de coisa o caminho faz muito, até porque ele te mostra que a vida é aqui e agora, ela vai terminar ali na frente, estou tendo esta experiência agora, tá caindo minha ficha, meu pai tem 80 anos, então o caminho tá terminando, a gente tem que aprender com isso, o caminho vai terminar, então aproveita ele o máximo que tu puder, seja os 30 dias em Santiago,

seja os 70 anos que a gente tem de vida, sei lá, mas aproveita ele, suprassumo dele, e é isso que a gente volta com muita ânsia de contar, de contar e dizer assim: entenda isso, faz isso porque vai terminar. Por isso que eu digo... essa lição toda para mim é que eu me apaixonei pelo Caminho, eu me apaixonei por mim, porque eu me acho muito legal [risos], porque o Caminho me ensinou que eu não estou sozinha, eu posso ficar sozinha.

As pessoas falam muito em solidão e da síndrome do ninho vazio, não sei o que é, eu curto um monte ficar comigo mesma em casa, vendo um programa, lendo um livro, o que for, um tempo meu. O caminho para mim é isso, um tempo para ti, é um tempo que tu prioriza, é um tempo que tu se disponibiliza para ti [risos]. Isso é muito forte no Caminho, esse tipo de vivência, eu chamo de mágicas no Caminho, mas principalmente porque a gente começa a prestar atenção na gente, então o Caminho tem muita coisa assim, ele é forte nesse sentido, ele é professor nas coisas que ele te ensina, ele é paciente quando tu estás impaciente.

Esses tempos um amigo meu disse que ele começou a estudar para ver se qualquer pessoa que fosse caminhar em outro lugar, se ela passaria exatamente por essas sensações que o Caminho de Santiago dá. Então, ele debate muito sobre o caminhar em outro lugar, ele tá chegando à conclusão que não. O Caminho tem um ponto energético, não sei se é magia, não sei se é energia, não sei o que é, tem muita coisa forte.

Conheci meu amigo Renato na segunda vez que fiz o Caminho francês. No Caminho, com minha mochila e tal, eu vou, tenho muita facilidade no caminhar, não tenho bolhas, não tenho nada. Fui caminhando e ele estava com bolhas, a mochila estava incomodando e ele reclamando. Ele olhou para mim e disse assim: – posso te fazer uma pergunta? Eu disse: pode. E ele perguntou: – o que tu estás fazendo aqui de novo? Não bastou para ti carregar a mochila 900 quilômetros, não bastou para ti cansar, não bastou isso...? E eu fiquei olhando para a cara dele e nem eu sabia o que eu estava fazendo lá de novo [risos]. Era uma pergunta que eu não tinha como responder, mas eu sabia que eu estava feliz demais por estar lá de novo, aí eu olhei para ele e disse assim: olha, faz o seguinte, me faz esta pergunta em Santiago. Nós estávamos no começo do Caminho.

Chegando a Santiago, eu disse para ele: tu tem uma pergunta para me fazer? Ele olhou para mim e disse: – não, eu não tenho, eu já tenho a resposta. Aí eu disse: ah, então tá bom (isso era novembro 2015). Em abril de 2016 o Renato estava lá de novo, caminhando, e em abril de 2017 o Renato estava lá de novo, caminhando. Então, ele já fez três caminhos e nunca mais me fez a pergunta "por que eu estava lá?". Ele entendeu melhor do que ninguém, só que diferente de mim, ele vai para lá com perguntas, com coisas a esclarecer, eu nunca fui, eu posso até ter as respostas depois, mas eu não vou com perguntas prontas,

porque na realidade eu não sei, eu não tenho perguntas para fazer, minha vida é um dia de cada vez, eu não sou uma pessoa de fazer grandes planejamentos porque eu confio muito.

E todos os caminhos, os quatro caminhos foram diferentes?

Foram diferentes, não, dois, eu fiz dois franceses, um português e um inglês.

E qual te deixou mais encantada? Tem algum que deixou ou todos eles?

Tem sim, eu seria hipócrita em dizer que não, mas o primeiro caminho francês de 2013, mas eu só não consigo definir se ele mexeu tanto comigo em função do caminho em si, ou de uma pessoa que eu conheci no caminho.

Ou por ser o primeiro?

Ou por ser o primeiro, eu não consigo ainda, tanto que eu voltei em 2015 para tentar exorcizar um pouco de tudo o que tinha acontecido no primeiro caminho.

E não conseguiu ou conseguiu?

Ah, ele foi completamente diferente do outro, apesar de ser o mesmo tramo, o mesmo trajeto, ele foi completamente diferente do outro, talvez porque eu já não era mais a mesma Adriana que fui em 2013.

Outras pessoas, outra época.

Outras pessoas, outra época, outro autoconhecimento, outro autorrespeito, se eu for hoje fazer o caminho francês pela terceira vez, ele vai ser diferente, sempre vai ser diferente.

E teu próximo caminho?

O meu será em 2019.

E qual vai ser?

Ai, eu estou em dúvida ainda, vou deixar acontecer, porque é aquilo que eu te digo, eu sei que eu quero ir em 2019, mas eu não sou de planejar, meu primeiro caminho ele aconteceu em dois meses, decidi em fevereiro e em maio eu estava lá. Já o Caminho de 2015 eu não planejava ir, mas quando eu vi fui em 30 dias. Eu fiquei dois meses, eu fiz o português e o francês juntos.

O caminho português eu adorei fazer, é um caminho que é uma graça, esse eu vou fazer de novo, mas aí eu vou sair de Fátima, não vou sair do Porto, eu quero fazer um caminho solitário, sozinha, pois nunca consegui isso.

Muitas vezes, eu digo para as pessoas não buscarem ninguém para fazer o Caminho com elas. Para darem a chance para Santiago escolher quem vai caminhar contigo. As pessoas têm medo de percorrer o Caminho sozinhas. Eu não tenho, eu sou uma pessoa que com 19/18 anos eu morava sozinha nos Estados Unidos, com 19 pra 20

anos eu já estava no... na Amazônia, entende, então não era o caminho de Santiago, depois, com 45 anos, que iria me assustar [risos], então, eu não entendo isso nas pessoas, as pessoas têm muito receio. Mas eu tenho que respeitar, são experiências de vida diferentes, são vontades diferentes, são várias coisas diferentes.

Então o ano que vem...

Ah, o ano que vem vai, eu me entrego muito, minha vida toda, eu não sou de planejar muito, às vezes eu vejo as pessoas planejando para daqui a 15/20 anos e eu fico até admirada, me dá até um pouco de inveja, mas eu não consigo ser assim.

Deixa acontecer?

Eu deixo acontecer.

Vai daqui um mês/dois e faz?

Eu tenho muita crença, muita fé que tudo vai acontecer pelo melhor, então eu deixo acontecer. Por isso, eu friso muito com as pessoas no caminho, que elas devem ir para o caminho, ir de braços e coração abertos, se entregar para aquela experiência, não ficar querendo reservar isso, reservar aquilo, porque daqui a pouco vira uma excursão, vai, te joga! Se tiver que dormir na rua, durma. Tudo o que tiveres que passar lá, tu vai passar. Eu vejo muitas pessoas organizando épocas e datas, e sempre sai tudo errado, e a pessoa não vai, ou seja, não era para ela ir.

E as dificuldades? Teve alguma?

Quais? [risos] Sabe? As pessoas me perguntam muito sobre isso.

Tem pessoas que falam que foi isso, que foi aquilo?

Eu, estes tempos, pensei nisso, eu não tenho bolhas, não sei porque. Meu pai não teve bolhas, tenho duas irmãs que já fizeram o caminho e também não tiveram bolhas. Mas tem perguntas assim: e as dores? Como assim não doía?, e eu fiquei pensando: doía, claro que doía, no meu primeiro caminho, dizem que eu dormia e gemia de noite, eu sentia muita dor nas pernas, mas é que a felicidade que eu estava, de euforia, a alegria superava. Eu não focava nas dores, pelo contrário, eu esqueço que eu estou com a dor, porque eu estou tão feliz, tão feliz, que eu passo batido pela dor, existe a dor, ah! existe, mas eu não me lembro dela, nem quando eu estou caminhando, e nem depois.

Tu supera!

É como se fosse uma balança, tá a dor dum lado e a euforia e alegria do outro, é tão maior, mais forte, que a dor some.

E caminhar por aqueles caminhos medievais, o que passou pela tua cabeça, assim, sabendo que o Caminho não foi feito ontem?

É, tu sabe que eu, depois do primeiro caminho, eu comecei, eu voltei e me apaixonei muito pela história da Espanha. Ah, os reis católicos, Isabel, Fernando, os templários, isso tudo me fez entender que, pô, eu devia ter prestado atenção, mas não estava na sala de aula isso, sabe? E é muito forte tu entrar num lugar que tu olha e se diz: nossa, esse lugar tá aqui mil anos, o Brasil foi descoberto a 500 e isso está aqui a mil. Aí tu pensa assim: pô, é um bebê este país, o nosso aqui é um bebê, né [Brasil]? Tu fica pensando quanta coisa que já estava acontecendo na Espanha e onde é que eu estava? [risos] Sabe? É muito questionamento, não sei, é muito questionamento, e apaixonante tu falar no Velho Mundo para mim, hoje é tudo apaixonante. Eu vejo os jovens no Brasil, eles não possuem o hábito de ir para o Caminho, a principal idade do brasileiro que vai para o Caminho de Santiago é aquele dos 40 e poucos anos que está se questionando quem ele é? O que ele fez? Aquele questionamento de vida. Na Europa não é assim, lá tem muitos peregrinos quarentões, cinquentões e também tem os jovens que saíram da faculdade e querem dar uma rodada para depois encarar a vida de verdade.

É uma cultura diferente

É, muito, e eu fico olhando, os nossos jovens são muito americanizados, então eu fico assim, que pena, mas eu te digo assim: é pena, mas eu tenho um jovem dentro de casa e eu não consigo dizer para ele, eu tenho que respeitar o tempo dele também, né? Então... a Espanha é maravilhosa, é uma viagem barata, sabe, relativamente barata, mas o caminho mudou tudo na minha vida, eu mudei até de profissão, eu nunca pensei em ir para a associação dos peregrinos, quando eu vi, estava na associação, mas eu nunca pensei em estudar de novo, quando eu vi, eu fui fazer Guia de Turismo, foi mais um ano e meio de curso, e aí, eu digo: poxa vida, olha só o que ele movimentou e eu não planejei nada. Então, por isso que eu digo: confia. E eu sei que tem muito mais coisa para ver.

Com certeza, a tua experiência na volta é outra

Sim, estou repassando. Pois é, sou bem suspeita para falar, né? Porque eu sou uma apaixonada pelo Caminho, eu sou tão apaixonada que, no mínimo duas vezes por semana, eu me pego me perguntando o que eu estou fazendo aqui ainda. Mas eu sei que tudo tem seu tempo, eu aprendi isso no Caminho; agora, com meu pai doente, quando ele fica ansioso, eu digo: cara, tu ensinou para tanta gente que é um passo de cada vez, que tu não vai começar lá em San-Jean e amanhã tu já tá em Santiago, é um passo de cada vez. Então, isso eu aprendi, a me respeitar, dar o tempo que a vida me pede. Eu sempre fui muito ansiosa, eu sou muito ansiosa, e o Caminho me fez entender que é um passo de cada vez,

que a vida às vezes não é como a gente quer, ela é como ela tem que ser, e a gente tem que entender e aproveitar a maneira como ela se apresenta. Este ensinamento é uma coisa que ficou muito forte para mim, porque o Caminho é uma das coisas pelas quais me apaixonei.

Imagina tu estar em um lugar aonde tu vai conhecendo pessoas e que não importa que carro tu tem, não importa que roupa tu usa, não importa teu intelectual, não importa o que tu estudou, nada disso importa, o que importa no Caminho é tu olhar no olho da pessoa e tu ver sinceridade, porque ali todo mundo é igual, todo mundo tem dor, todo mundo tem bolhas, todo mundo precisa fazer xixi no mato, todo mundo dorme no mesmo quarto, todo mundo carrega sua mochila, e então aquilo ali te faz entender que a gente é um grãozinho de areia no universo e que nós somos todos iguais, não importa o ter, basta ser. As pessoas caem e elas precisam de ajuda de alguém que tem muito menos que elas nessa vida, vida louca da gente aqui, porque lá a gente é igual, todos são irmãos peregrinos, e essa experiência é que eu tento trazer para cá ou contar para os outros, que eu aprendi muito, que vale muito mais o ser do que o ter. Acho que o legado de uma grande lição é em quantas vezes eu escorreguei e escorrego ainda, mas eu vou de novo e eu aprendo de novo, ninguém volta de lá perfeito, mas basta que a gente, quando cometa o erro aqui ou escorregue, pense assim: eu já aprendi essa lição, não tem porque eu repetir, para mim é crucial isso, eu amo!

Análise da Entrevista

Em sua narrativa, Adriana começa falando um pouco de si, e vai mesclando sua vida pessoal com as experiências como peregrina no Caminho de Santiago de Compostela. Conta como o Caminho surgiu na sua vida, os seus casamentos, a experiência do seu pai como peregrino aos 57 anos, suas dúvidas e a decisão de largar tudo e ir em busca de alguma coisa lá em Santiago de Compostela. Até o momento, percorreu quatro vezes o Caminho, duas delas na mesma rota chamada Caminho Francês, e nas outras duas, fez a rota de Portugal. A peregrina pretende fazer outros caminhos, já que, pela sua análise, o Caminho tem ajudado a melhorar sua ansiedade, permite que ela conheça muitas pessoas e que possa melhorar a sua visão de mundo com ela mesma e com os outros.

Em toda a narrativa, Adriana fala em primeira pessoa, e em todo o momento tivemos a ideia de pertencimento ao lugar, como

se ela fosse parte do Caminho. Podemos citar Maurice Halbwachs (1990), quando afirma que "a memória do indivíduo forma-se ou mesmo se molda de acordo com a memória de determinado grupo ou segmento social". Neste contexto, percebi que a peregrina se encontra dentro deste segmento social, no qual ela vive somente para este objetivo. Seus passos são guiados conforme o Caminho diz que deverá ser, deixa-se levar pelo momento.

A experiência que tive com esta entrevista foi interessante. Por longos dias, tentei marcar um horário e todos eles foram desmarcados horas antes. Já tinha pensado em desistir, quando a entrevistada sugeriu de nos encontrarmos no salão da Associação dos Amigos e Peregrinos do Rio Grande do Sul (ACASARGS). Ela estaria neste local para organizar o ambiente para a próxima reunião que aconteceria no dia seguinte. Cheguei no horário combinado, e ela estava atrasada. Fiquei pensando que talvez ela tivesse esquecido. Resolvi aguardar mais 10 minutos, quando finalmente ela chegou. Estava com algumas sacolas e cartazes sobre o Caminho de Santiago. Me ofereci para ajudá-la. Logo ao entrarmos na sala, ela já foi organizando as cadeiras, então resolvi esperar um pouco, pois o barulho não ajudaria na entrevista. Quando percebi que ela já estava mais calma, perguntei se poderia começar a entrevista. Prontamente, ela disse que sim, mas que continuaria organizando as coisas, e perguntou se eu me importaria.

Como não tinha outra opção, comecei a gravar. Logo no início, deixei que ela falasse sobre sua vida e as suas experiências no Caminho de Santiago de Compostela. Não demorou muito, ela pediu que eu a direcionasse com perguntas, pois ela poderia facilmente mudar de assunto e se perder em seus pensamentos.

No primeiro momento, eu hesitei, pois achava que se eu me intrometesse muito seria uma narrativa direcionada às minhas perguntas. Mas não tive escolha, logo percebi que ela não iria muito longe, então optei por fazer algumas perguntas ou interferências. Conforme Michel Pollak (1989), a memória é seletiva e socialmente construída, e o autor coloca a fonte oral em uma contraposição, pois

ela também reserva elementos de espontaneidade na medida em que as falas dos entrevistados nem sempre estão carregadas de aspectos selecionados para a posteridade. Tive que, através de interrupções, conduzi-la a organizar suas memórias.

Percebi que, com minhas intervenções, a narrativa estava seguindo uma lógica, mesmo que, por vezes, a entrevistada se ocupasse em falar do momento ali vivido, a organização do local.

Em nenhum momento ela se sentou. No início da entrevista ela pegou um grande *banner* e começou a pintar. Em seguida, pendurou ao longo do salão mais *folders* e *banners* com imagens do Caminho de Santiago. Dava para notar seu envolvimento com o Caminho em todos os passos, desde a arrumação do local como também na forma como ela descrevia as suas experiências. No início da entrevista percebia-se uma memória vaga, mas com o passar do tempo, ela foi se sentindo mais segura e se deixou levar pelos belos momentos e sentimentos e aprofundando ou resgatando as memórias por ora esquecidas ou adormecidas.

A conversa/entrevista foi seguindo uma normalidade, imagino por ela estar mais envolvida com as memórias e estar mais tranquila com a situação, talvez porque já estavivesse se sentindo mais à vontade em contar para uma estranha memórias que gostaria de guardar só para si.

A narrativa é muito parecida com uma terapia, pois permite que o entrevistado traga à tona memórias, mesmo que estejam fora de um contexto ou ordem. Permite que a pessoa possa externar e entender um momento que passou, o que talvez não tenha tido oportunidade de fazer.

Sugestão de uma prática em sala de aula

Para motivar os alunos na aprendizagem e na prática da história oral, devemos envolvê-los nas atividades, possibilitando troca de opiniões e saberes, utilizando os recursos tecnológicos disponíveis.

A história oral permite, através da fala e da escuta e do registro de histórias narradas, entrar em contato com a memória do passado e a cultura do presente. (SANTHIAGO, 2015, p. 7)

Utilizando a metodologia da história oral, sugiro que os alunos façam um levantamento das pessoas que serão entrevistadas, entrar em contato com eles e expor suas intenções com o trabalho. Depois deste primeiro contato, devem elaborar um questionário com alguns dados básicos, para saber um pouco mais da vida dos entrevistados.

O tema sugerido, neste caso, seria a experiência em uma "viagem". Buscar entrevistar os avós, tios/tias ou pessoas conhecidas mais idosas, que possam contar um pouco de suas viagens e que tragam elementos diferentes dos atuais, como fotografias antigas, cartões postais ou *folders*, possibilitando um diálogo entre pessoas e gerações distintas com visões diferentes sobre o tema escolhido.

Trazer para a sala de aula, para ser apresentada aos colegas, a narrativa realizada utilizando as tecnologias existentes e disponíveis com o aluno (pode ser vídeo, fotos, áudio ou um filme com celulares ou câmeras). É importante deixar o aluno criar (usar a imaginação na hora de apresentar a narrativa aos colegas), não podendo mudar a forma como a narrativa foi contada, mas sim, a forma como ela deverá ser apresentada.

Por que entrevistar os avós ou pessoas mais idosas? Para que sejam agentes do conhecimento e para desenvolver uma curiosidade pela história, aprender a lidar com outras pessoas e emoções, para perceber que existem outras formas de ver o mesmo "tema" em outros contextos e momentos, e para aprender a conviver com diversidades.

Analisando as entrevistas/narrativas destas pessoas mais velhas, estes alunos poderão observar o que eles próprios adquiriram do passado (como gosto por viajar) e adquirir respeito pelos mais velhos em relação às experiências, além de exercitar a escrita e a oralidade.

No final, juntar todas as narrativas e fazer um livro utilizando como anexo o material apresentado, ou se o professor tiver interesse, criar um *blog* sobre história oral no qual os alunos possam discutir sobre novas ideias.

Referências

ALBERTI, Verônica. **Ouvir, contar**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice**. A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo, Contexto, 2007.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

SANTHIAGO, Ricardo. **História Oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

6

Memórias de Fernando Gay da Fonseca: uma trajetória de sucesso na vida pública[1]

Janete da Rocha Machado [2]

> *"Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar".*
>
> (Ecléa Bosi)

Fernando Affonso Gay da Fonseca nasceu em Porto Alegre em três de dezembro de 1923 e faleceu em três de fevereiro de 2017. Filho único de João Pereira da Fonseca, engenheiro da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, e de Odila Gay da Fonseca, responsável por inúmeros trabalhos sociais na cidade, Fernando teve uma infância feliz e tranquila ao lado de seus pais, inicialmente, residindo na Avenida Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre, em prédio da família, e, mais tarde, no bairro Ipanema, Zona Sul da cidade, local em que viveu até sua morte.

O menino Fernando concluiu seus estudos elementares no Colégio Anchieta ainda na década de 1930. Formou-se na universidade em ciências jurídicas e sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1947, e em 1950, finalizou os cursos de pós-graduação em Administração Pública e Sociologia pela universidade de Colúmbia em Nova Iorque. Quando

[1] Entrevista realizada com Fernando Gay da Fonseca, em sua casa no bairro Ipanema, Zona Sul de Porto Alegre, em maio de 2016.

[2] Doutoranda/PUCRS. Apoio CAPES. *E-mail*: janeterm@gmail.com.

esteve residindo em Nova Iorque para estudos, levou também sua mãe, Odila, e sua esposa, Denise.

Ao longo de sua trajetória acadêmica e profissional, Fernando exerceu atividades de destaque, não só em nível regional e nacional, mas também fora do país. Foi professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) por mais de quarenta anos, lecionando sociologia e filosofia e, posteriormente, na Faculdade de Direito da mesma instituição. Segundo ele, sempre gostou de dar aulas, pois acreditava que essa atividade abria caminhos, mostrando paisagens, e que o mestre nunca esgotaria os assuntos diante de seus alunos.

Quanto aos cargos públicos, foi assessor jurídico, por concurso, em 1946, e diretor administrativo do Tribunal de Contas do Estado, função na qual foi aposentado. Foi também Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça, sendo responsável pelas secretarias de Educação e Cultura, e Segurança Pública, Trabalho e Habilitação. Assumiu o governo do Estado por licenciamento do governador Ildo Meneghetti na década de 1960. Também esteve na diretoria da Novacap, em Brasília, e da Corretora de Valores do Banrisul.

Na política, destacou-se como deputado, senador e secretário de Estado. Em 1961 foi designado pelo Presidente da República para integrar a delegação brasileira na Assembleia Geral das Nações Unidas na ONU. Participou também de outras delegações brasileiras no ano de 1967 e de inúmeros seminários e encontros na África, Ásia e Europa, residindo em cidades como Paris, Genebra e Nova Iorque.

Em 1978, foi indicado a uma vaga no Conselho Federal de Educação, período em que integrou também a Câmara de Legislação e Normas do Conselho. Durante o período de redemocratização do país na década de 1980, Gay da Fonseca trabalhou pela abertura democrática. Fundou, no âmbito nacional, junto a outros colegas, o Partido da Frente Liberal (PFL), passando a integrar o Diretório Regional do Rio Grande do Sul. Em 1986, foi

eleito presidente do Conselho Federal de Educação, permanecendo nesta função até 1989, ano em que, designado pelo Presidente da República, ocupou a função de subchefe da Delegação do Brasil na 40ª Conferência Internacional da Educação, em Genebra.

No período em que Gay da Fonseca esteve à frente do Conselho Federal de Educação, realizou inúmeras viagens internacionais de estudos e pesquisas, integrando as delegações brasileiras na UNESCO, em Paris. Ao longo de toda a sua vida, Gay da Fonseca foi homenageado com prêmios e condecorações pelos serviços prestados como educador, político e diplomata. Entre os títulos recebidos, destaca-se a Ordem do Mérito Civil, Grau Cavaleiro, instituída pelo rei D. Affonso XIII da Espanha, e a Ordem Grande Oficial, atribuída pelos altos serviços prestados na educação. Na PUCRS, em 1987, recebeu, por eleição, o título de Docente Emérito, e, em 1993, por decisão unânime dos pares da Câmara Municipal de Vereadores, recebeu o título de Cidadão Emérito da Cidade de Porto Alegre.

A atuação nas questões diplomáticas do Brasil no exterior rendeu a Gay da Fonseca, em 1997, a condecoração da Ordem Soberana de Malta, Grau Cavaleiro. A Ordem de Malta é uma organização humanitária soberana internacional, reconhecida como entidade de direito, cujo objetivo é o de auxiliar pessoas, entre elas, idosos, deficientes, refugiados e crianças. Em 2003, assumiu como diretor da Faculdade de Direito São Judas Tadeu, em Porto Alegre. Nesse mesmo ano foi eleito para a cadeira de número quatro da Academia Brasileira de Educação. Fernando Gay da Fonseca também manteve boas relações com os membros da igreja católica.

Durante toda a sua carreira, Fonseca produziu documentos, livros e relatórios, os quais deram unicidade a suas ideias. Entre essas obras destacam-se: Retratos (2003), Fragmentos (2007), Cartas da ONU (1990), O Mundo em Manchete (1995), Presença na vida pública (1989) e Cartas de viagem.

Durante muitos anos, contribuiu com textos e artigos para alguns jornais de circulação como o Correio do Povo e a Zero Hora.

Fernando Gay da Fonseca herdou do pai o gosto pela Zona Sul de Porto Alegre. Aos dezessete anos, ele passou seu primeiro veraneio na praia de Ipanema, na Orla Sul da cidade, quando a região ainda era considerada um balneário. Desde então, ele e toda a família nunca perderam os laços com o bairro e com o Lago Guaíba. Apaixonado, assim como seu pai, João Fonseca, por Ipanema, Fernando, entre uma viagem e outra, sempre retornava para a zona sul e para o chalé de verão, local onde estavam suas raízes. Da confortável varanda de sua residência, podia ver e admirar o rio, e era lá que aconteciam as conversas entre ele e muitas personalidades da época.

Muito bem relacionado, Fonseca recebia em sua casa, em Ipanema, pessoas influentes, não só do meio empresarial, mas também político do Rio Grande do Sul e do país. O propósito de tais encontros era, normalmente, o de aconselhamento, em períodos de crise. Entre essas personalidades, pode-se citar José Loureiro da Silva, prefeito de Porto Alegre em dois momentos (1937 a 1943 e 1960 a 1964) e amigo particular de Fernando. Loureiro da Silva costumava visitar Gay da Fonseca em sua casa em Ipanema para conversarem sobre política. Os encontros aconteceram no período da segunda gestão de Loureiro na Prefeitura, quando, então, o prefeito alugou um chalé de verão vizinho ao de Gay da Fonseca em Ipanema. O propósito era o de estar próximo ao amigo e confidente.

Outros políticos também compartilharam da companhia e da experiência de Gay da Fonseca, entre eles, Jango, Brizola, Jarbas Passarinho, Affonso Arinos, Paulo Brossard, Teotônio Villela, Magalhães Pinto, Golbery do Couto e Silva, ex-presidentes do Brasil e ex-governadores do Estado. Todos mantinham com Fernando uma relação de respeito e amizade, sendo comum suas presenças em sua residência na Zona Sul de Porto Alegre.

Fernando Affonso Gay da Fonseca é uma fonte inesgotável para os arquivos de história oral das universidades. É memória viva de acontecimentos históricos, não só do século passado, mas também deste, vivenciados por ele, pois foi contemporâneo da própria história. Pela política ingressou na vida pública, e foi a partir dela que se tornou conhecido e respeitado. Na educação fez parada, e por sua dedicação, tornou-se membro importante do Conselho Federal de Educação. Nos depoimentos, procurou sempre retratar as pessoas, com as quais conviveu, como ele as contemplava e sentia, seja no âmbito do cotidiano, seja sob o impacto histórico. E quando ao ser perguntado sobre como estava, Fernando Gay sempre respondia, simplesmente: "Procurando envelhecer com dignidade". Dignidade e sabedoria.

A seguir a entrevista.

Seu Fernando, o Senhor autoriza que esse depoimento possa estar no LAPHO – Laboratório de História Oral da PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul?

Lógico. Não só autorizo como também me sinto muito orgulhoso porque a PUCRS faz parte da minha história de vida. Eu trabalhei na PUCRS tantos e tantos anos que faz parte de toda a minha história de vida. Pode divulgar, pode fazer o uso que a senhora achar oportuno.

Certo. Então o senhor trabalhou na PUCRS? O senhor foi professor na universidade?

Sim, mais de quarenta anos. Eu fiz pós-graduação na Universidade de Columbia em Nova Iorque. E quando voltei não havia professor de sociologia e eu fui lecionar lá. O irmão Faustino me colocou para lecionar na Faculdade de Filosofia, na Faculdade de Ciência Social, e, posteriormente, na Faculdade de Direito. Então eu tenho uma vinculação bem profunda com a PUCRS e com esses institutos aos quais eu me referi. Se bem que na parte de Ciências e Letras como chamavam na época, eu dei aulas em todos os cursos. Todos tinham a cadeira de Sociologia e nós reuníamos a cadeira. Tinham outros professores que lecionavam. O irmão Henrique Justo, o Antônio Cezar, todos davam sociologia. Todos são memórias, e a senhora sabe melhor das memórias do que eu. Porque eu mal conservo as minhas, quanto mais as dos outros.

Mas as suas memórias são ainda bem fortes. Eu gostaria de iniciar a nossa conversa pela sua trajetória profissional e formação acadêmica.

Eu me formei, fiz todo o curso de Letras, hoje que chamam de segundo grau, se não me engano, no Colégio Anchieta. Primeiro fiz o primário, a alfabetização, no Paula Soares. Porque eu morava ali na Praça da Matriz, e o Colégio Paula Soares era próximo. Em seguida, eu fui para o Anchieta e terminei o colégio. Fui até o fim no Colégio Anchieta. Educado e formado pelos padres jesuítas da época, que eu tenho uma profunda admiração e uma profunda gratidão. Eu sou grato por todos que me ajudaram, tanto pelos que me ajudaram muito quanto pelos que me ajudaram pouco. Eu acho que o mundo esqueceu o sentido e a profundidade da palavra gratidão. E eu faço questão de não esquecer. Todos que me deram alguma coisa eu guardo com muito carinho. E não poderia ser diferente com meus professores. Eu fui para o Anchieta em 1932 (eu sou de 1923) e fui até 1945, quando então era para fazer o vestibular. No ano que eu faria o vestibular o Ministério da Educação reformulou ou estudos e criou o Pré e então nos impôs mais dois anos. Era Pré-Jurídico, Pré-Médico e Pré-Técnico. E só era fornecido no Júlio de Castilhos. Aí passamos a ter aulas na João Pessoa, no Júlio de Castilhos. E eu ia para o curso Jurídico.

Nesse período, claro, os seus pais eram vivos. Poderia falar um pouco sobre eles?

Claro. A minha mãe, Odila Gay da Fonseca, era muito voltada para as obras de benemerência. Ela construiu, ela planejou, comprou o terreno, desenhou a planta da Creche Nossa Senhora dos Navegantes para filhos de operários, que era uma carência muito grande na época. E quem a ajudou foi o Renner, o velho Renner. E nos anos trinta ela se meteu naquela Revolução de Trinta, que os Rio-Grandenses todos se mobilizaram. Quem ia lá em casa para contar aos meus pais era o Sinval Saldanha, genro do Borges de Medeiros e Chefe da Casa Civil. A minha família toda era muito ligada ao Borges. Eu me lembro de que o Sinval ia lá tomar um cafezinho antes de ir ao Palácio. Eu sou fruto da Revolução de Trinta.

O seu pai era o Seu João?

Sim, João Pereira da Fonseca. O meu pai era uma criatura simpaticíssima. Ele trabalhava na Viação Férrea. Ele era engenheiro da Viação Férrea. Mas meu pai era tão alegre, tão brincalhão... Ele adorava Ipanema, como a minha mãe também adorava. Meu pai uma vez construiu um trapiche aqui na beira, dentro do rio, com baile. Um tablado com orquestra. Era baile de gala. Em benefício do Educandário São João Batista. Porque eles começaram o Educandário e estavam sem dinheiro. O Coufal deu o terreno. Foi uma festa que marcou época. A imprensa é capaz de ter registro. Eu me lembro que o Diário de Notícias é capaz de ter dado a notícia. Foi uma festa social muito bonita. Aqui em frente à casa do Coufal.

Vamos dar seguimento Sr. Fernando à sua trajetória? O senhor terminou o Anchieta e foi para a universidade?

Fui para a Faculdade de Direito. Ali da João Pessoa. Era a única que existia. Existia uma aqui e outra em Pelotas. Aí encontrei grandes figuras além de professores, o Armando Câmara, o Darcy Azambuja, o Schneider, o Santiago, o Pinheiro, vários colegas ilustres. O Darcy Azambuja veraneava aqui em Ipanema. Ele era meu padrinho de casamento e eu era padrinho de casamento do filho dele.

E aí seguiu essa carreira de advogado?

Em seguida eu fiz concurso para o Tribunal de Contas. Assim que eu me formei, eu fiz concurso para o Tribunal de Contas. Eu fui nomeado para uma vaga de substituto do Tribunal de Contas. Acabei me radicando no Tribunal para o resto da vida e me aposentei como conselheiro substituto do Tribunal. Eu entrei para o quadro por concurso, não foi pela porta do lado. E até hoje eu vou todas as semanas para encontrar os velhos companheiros.

Conta mais sobre essa sua carreira política e diplomática.

Em primeiro lugar, eu sempre vivi no meio da política. Eu nasci fruto da Revolução de 1923. A minha mãe era muito ligada à família do Dr. Borges de Medeiros. E o meu pai era também republicano. Tanto que quando foi a Revolução de 1923, diziam que o Setembrino de Carvalho vinha invadir Porto Alegre, a minha mãe já estava nos últimos momentos e foi mandada embora para casa, que era logo ali na Praça da Matriz e ali eu nasci, não sei se em casa ou se na General Portinho. E fui sempre criado nesse ambiente político. Meu avô era Conselheiro Municipal e foi vice-presidente da Câmara.

Qual era o nome do seu avô?

Afonso Pereira da Fonseca. Era Coronel. O Coronel era da Guarda Nacional. E depois acabou como um dos dirigentes do Banco do Estado.

O senhor me contou que recebia aqui na varanda do seu chalé, políticos, entre eles o Loureiro da Silva.

O Loureiro era meu amigo fraternal. E enquanto ele era prefeito (na segunda gestão), ele vinha todos os dias para Ipanema. Ele gostou tanto que acabou alugando uma casa aqui na Rua Leblon. A casa que era dos Truda, do Romeu Truda. Ele passou uma grande temporada de verão na casa dos Truda na Leblon. Ele vinha e sentava aqui com a esposa, com a Lizete. E eu achava encantador os dois, de mãos dadas, olhando o pôr do sol no Guaíba. Ele era romântico. Esse detalhe me chamava a atenção. E ele tinha muita confiança em mim. Então quando tinha qualquer problema, ele tomava o carro – enquanto não tinha casa na Leblon – e vinha para cá, no meu avarandado do chalé de

madeira. Ele vinha conversar, trocar ideia. E aqui em casa muitos políticos vieram. O Teotônio Vilela, o Magalhães Pinto, o Afonso Arinos de Melo Franco. Estiveram aqui em casa várias figuras. Agora não vou me lembrar de todos. E as conversas eram sempre sobre política. Muitas vezes, algumas crises a gente examinou aqui, antes e depois da ditadura – anos 1960, por exemplo, o Teotônio, antes de ir para a oposição, porque o Teotônio Vilela foi do grupo do governo antes de passar para a oposição. Agora o Magalhães Pinto foi na época em que era líder do governo e o Magalhães depois foi ministro das relações exteriores, inclusive no período em que ele foi Ministro das Relações Exteriores, ele me indicou para a Organização das Nações Unidas (ONU) na segunda vez. Na primeira vez, eu fui por causa do Afonso Arinos, que também era meu amigo. Eu era um dos integrantes da delegação da ONU. A delegação tinha dez delegados – cinco efetivos e cinco suplentes. Na segunda vez, eu fui como *adviser* – conselheiro. E morei nos Estados Unidos, em Nova Iorque. Eu já tinha morado antes, quando eu fiz o pós-graduação em Nova Iorque. Foi quando eu conheci a esposa do Roosevelt. Minha mãe foi junto. Aí, eu levei a minha mãe a Woodstock – Kipnis, onde morava a Eleonora Roosevelt. Ela nos convidou para almoçar. Nos conhecemos através do embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Muniz Aragão. Era a casa de veraneio dela em Nova Iorque. Eu, naquela época, era bem mocinho. Eu já fui mocinho também. Isso deve ter sido em 1940 e qualquer coisa. E o Roosevelt já era falecido.

Ainda sobre sua amizade com o Loureiro, gostaria que o senhor falasse um pouco mais.

Ele tinha muita confiança em mim. Então quando tinha qualquer problema, e não estava aqui veraneando, ele tomava o carro e vinha aqui para a minha casa, para o meu avarandado, no meu chalé. Quando ele estava muito nervoso, o secretário dele ligava para mim e pedia: – Dr. Fernando, pega o homem aqui e leva para Ipanema. E eu dizia: vamos Loureiro, vamos embora, me leva de carro que eu preciso ir para casa. E vínhamos conversando e à medida que descia a Tristeza, e o Loureiro enxergava a Pedra Redonda e o Guaíba, ele então acalmava. No dia do enterro dele eu estava com pneumonia. Tinha chegado da Europa, eu viajei muito e a mudança de temperatura me deu a pneumonia, e eu não pude ir ao enterro dele. Eu morava, na época, em um edifício que era da minha família, na Praça da Matriz, e eu vi passar o caixão pela janela do meu quarto. Senti muito a morte dele, pois eu gostava muito do Loureiro. Ele era uma figura fora de série. Ele sempre vinha conversar, trocar ideias, essas coisas. E aqui em casa muitos políticos vieram.

Mais ou menos em que período essas conversas eram mais frequentes? Antes ou depois da ditadura? Ou durante?

Antes, depois e durante também. Mais durante os anos 1960, porque o Teotônio foi do grupo do governo, antes de passar para a oposição. O Magalhães Pinto foi durante o período que ele foi líder do governo, porque o Magalhães foi Ministro das Relações Exteriores. Inclusive no período em que ele foi ministro, ele me indicou para a ONU. E foi aí que eu fui na segunda vez. Na primeira vez eu fui por causa do Afonso Arinos, que também era meu amigo, e todos tinham muita afeição e carinho por mim.

Qual era seu cargo na ONU?

Eu era um dos integrantes da Delegação do Brasil. A delegação tem 10 delegados, cinco efetivos e cinco suplentes. Isso na primeira vez. Na segunda vez eu fui como "*adviser*", conselheiro. E aí eu morei nos Estados Unidos. Depois eu fui para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO[3]), morei na Europa, mas aí eu era membro do Conselho Federal de Educação. Nos Estados Unidos eu já tinha morado antes, porque eu fiz pós-graduação em Nova Iorque na Universidade de Colúmbia.

Foi nesse período que o Senhor fez o pós-graduação, período em que conheceu a esposa do Roosevelt, a Eleonora?

Foi, foi sim. Eu levei a minha mãe junto comigo. Levei-a até o local onde morava a Eleonora Roosevelt. Fomos para almoçar.

Como vocês se conheceram?

Através do embaixador no Brasil lá, acho que era o Muniz Aragão. Porque a minha mãe manifestou vontade de conhecer a Roosevelt e ele organizou essa ida ao local onde ficava a casa de veraneio dela em Nova Iorque. E eu que levei a minha mãe. Eu, naquela época, era bem mocinho, eu já fui mocinho. O Roosevelt já era falecido.

Voltando para o Brasil, essas visitas que o Senhor recebia em Ipanema, eles vinham para tratar de assuntos políticos, mas eles gostavam do Ipanema?

Adoravam. Admiravam a paisagem. Eles todos brincavam que eu tinha recebido de presente e de empréstimo o rio Guaíba. Porque o rio era da cidade, não era meu. Mas então eles brincavam que eu tinha por empréstimo a fruição do Guaíba.

E era limpo nessa época?

Ah, sim. A minha família toda, e eu também, tomamos banho na praia. Era só atravessar a rua. O meu pai já era apaixonado por Ipanema. Quando eu comecei

[3] Sigla do inglês *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*.

a vir para cá tinha 13 anos. Antes disso, nós vínhamos também, primeiro alugávamos casa. A primeira que nós alugamos era a casa do Oscar Pereira. Depois alugamos outra na Gávea. Até que eles resolveram comprar um terreno e construir. Porque não era fácil comprar, porque todos que tinham não queriam se desfazer. Foi antes do meu casamento, porque a minha mãe me deu de presente de casamento o chalé de veraneio em Ipanema. Eu tinha 21 anos de idade. Então foi, eu acho, 1944. E depois eu comprei esse terreno aí ao lado, que era uma garagem do Geyer da Casa Masson, e eu construí essa casa. Mas acaba que eu não via meus filhos porque eu saía cedo de manhã e voltava de noite e eles estavam dormindo e foi aí que eu resolvi ir de muda de novo para a cidade (centro), e vinha só nos verões aqui.

Ficou sendo a casa de veraneio?

Aqui ficou só chalé de veraneio. E ao lado depois eu vendi. O Geyer tinha apenas uma garagem onde guardava barcos. O Oswaldo Vergara tinha casa de veraneio aqui na Avenida Guaíba, a casa está lá ainda. E tem uma inscrição na casa que diz assim: "*quisisana*" – em latim "aqui se cura". Ele dizia que a gente que vinha para cá ficava saudável, se curava dos males, apenas com os banhos no rio. Os descendentes dele ainda estão lá. Eu acho que uma filha casada com o Claudio Martins Costa, advogado. E a senhora que mora ali é a filha do Telmo Vergara, que era filho do Dr. Oswaldo Vergara.

Eu pesquiso também na Revista do Globo e achei uma reportagem sobre um *Garden Party* oferecido a Darcy Vargas em 1938, na residência da Vila Clotilde, em Ipanema. O Sr. lembra? Eu trouxe a matéria para o senhor ver.

Eu fui a essa festa. Eu era bem guri e minha mãe me levou. Eu tinha 15 anos. Eu me lembro da festa, foi um sucesso. Eu tenho a impressão que essa aqui é a minha mãe. Eu não vou dizer nada, mas eu estou aqui. A minha mãe é esta e eu estou aqui. Ela de preto aqui. Eu não tenho dúvida de que sou eu. Eu era muito mocinho, não me interessava muito, mas a minha mãe me levou e eu fui. Mas foi muito lindo. Eu lembro que, na época, chamou a atenção porque foi muito bonito, foi uma festa lindíssima.

Eu trouxe aqui também para o senhor ver uma reportagem do Correio do Povo, que traz os 100 anos no Correio, e esta matéria fala o seguinte: "uma chácara na tristeza". Porque o senhor deve saber que a Pedra Redonda pertencia à Tristeza. E aqui era a casa de veraneio do Oswaldo Aranha. E diz o seguinte: a chácara de Oswaldo Aranha deve ter sido o palco da elaboração dos planos revolucionários – da Revolução de 30. Por isso Getúlio vinha muito aqui na Zona Sul.

Ah, isso eu não lembro.

O senhor era muito guri, né?

Eu me lembro da Dona Luiza, mãe do Oswaldo Aranha. Ela morava atrás da caixa d'água, na Rua Santo Inácio. Lá no centro de Porto Alegre. Eu me lembro de ter ido lá com a minha mãe, para minha mãe levar uma documentação em 1930 para a Câmara daquele movimento contra o divórcio que a dona Luizinha, assim a chamavam, o nome era Luiza Freitas Valle Aranha. Ela não ia, mas entregou para a minha mãe que ia ao Rio para entregar esse documento inclusive para o Oswaldo Aranha.

Com ele o senhor não teve nenhum contato?

Tive assim formal. Eu era criança e o Oswaldo era homem adulto. Era de outra geração. Conheci os filhos dele, os genros. Estive na ONU com o marido de uma das filhas dele.

Conta um pouco mais sobre o antigo Balneário Ipanema.

Da Rua Déa Coufal até aqui eu posso lhe dizer as figuras que eu conheci, que andavam por aqui e que veraneavam. Na esquina da Déa, que era Rua Ipanema, foi o Padre Antônio que conseguiu trocar para Déa Coufal, tinha o major Demésio Campos, que acampava ali naquele terreno de barraca. Inclusive, ele me convidou e eu fui lá e passei uns dias com ele naquela barraca. Depois vinha o Dr. Vergara, o Oswaldo Vergara, grande figura da História do Rio Grande, foi presidente da Ordem dos Advogados quase que eternamente. Foi suplente a deputado federal. E foi convocado ele e o irmão dele Pedro Vergara na Constituinte de 1946, porque o Oswaldo Vergara foi sempre membro do Partido Social Democrático (PSD). E quando depois da revolução, depois que se implantou o estado democrático, ele foi presidente do conselho administrativo do estado, que funcionou como semilegislativo até a Constituição estadual. Depois do Oswaldo Vergara, tinha o Dr. Hofmeister, que era um grande médico, Carlos H., cuja filha casou com o Martins Costa, o Antônio, que era filho do grande jurista e professor José Luís de Almeida Martins Costa. Ela tá viúva, tá ali, forte ainda. O Hofmeister atendia aqui em Ipanema. E quem tinha casa ao lado era o Alfredo Hofmeister, que foi deputado e foi do departamento estadual de saúde e morreu como aposentado do conselho do tribunal de contas do estado. Todos apenas veraneavam, não tinha ninguém dessa lista que morasse em Ipanema. Depois vinha a casa dos Telles de Freitas, da Dona Flor, que era viúva do Otávio Telles de Freitas, cuja filha, a Magda, que hoje mora lá na Pasqualine, lá em cima e é viúva de um grande deputado federal e deputado estadual, foi meu colega de turma, Jairo Getro de Macedo Brum, ele foi prefeito de Guaporé. Eles tinham um casa aqui, que depois eu comprei e hoje é do meu neto. Agora a casa virou verde, ele pintou de verde. O meu neto mora lá. Depois vem a casa do Agrifóglio, do Manio Agrifóglio, na esquina. E na outra esquina

está a casa dos Coufal. Ele era sócio do Coufal e era casado com a prima da Déa, a Emília Agrifógli. Atrás da casa do Manio, vinha a casa do Pedro Chaves Figueiredo, que era casado com a irmã da Emilia. E depois vinha o Dr. Tomás Mariante, que era em frente ao Santucci (restaurante), no meio da quadra. Na Rua Flamengo ficava o restaurante que todos frequentavam por causa dos filés e da batata-frita. Eu sempre frequentei. O dono era o Fernando e ela não me lembro, mas era uma criatura encantadora, fazia as batatas mais gostosas. E o meu primo José Gay Cunha tinha um chalé e ele foi comandante na Brigada Sul Americana na Espanha contra o Franco.

Como tinha gente ilustre, importante em Ipanema, não?

Sim, ele era comunista, mas uma pessoa muito boa e correta.

Em uma das fotos que está publicada no seu livro "Olhares", há o registro do jurista Paulo Brossard. Qual sua relação com o Brossard?

O Brossard foi meu colega de faculdade, então foi uma relação que durou a vida inteira. Até o fim, o fim da vida dele, porque eu continuo sobrevivendo. E era uma amizade muito respeitosa. Muito íntima, mas muito respeitosa. E é engraçado que a vida nos ligou em várias coisas. Eu fui secretário de justiça, ele também foi. Ele foi deputado estadual, eu passei pela assembleia como deputado estadual. Depois eu estive no senado, e ele foi senador. Então a vida nos colocou em muitas situações idênticas. Em muitas posições idênticas. E com isso a gente, sempre que se encontrava, brincava. Era uma amizade sem solenidades.

Ele também teve uma vida longa?

Menos do que a minha. Ele tinha a mesma idade. Ele faleceu com 90 e eu já estou com 92.

Essa relação então era de amizade?

E de coleguismo, porque começou na faculdade.

E ele vinha para Ipanema, para visitar o senhor?

Nós nos encontrávamos, nos esbarrávamos em tantos locais... Ele veio mais de uma vez aqui para me ver, para conversar.

Porque esses encontros, especialmente aqui na sua casa, seu Fernando, é que me interessa muito. Então conforme o livro, eu fui anotando alguns pontos bem importantes. Eram encontros na sua casa. Um deles e que me chamou bastante a atenção é do Golbery do Couto e Silva.

Eu ia com o Golbery sempre em Brasília, inclusive quando o Golbery deixou de ser chefe civil ou militar e assumiu o banco de São Paulo, que eu ia a Brasília, eu ia a princípio que eu fui para o Conselho e ia para a semana de reunião, mas depois acabei ficando, porque eu fui eleito três vezes ao conselho pelos meus

pares, eu tenho orgulho de dizer isso. Eu fui presidente por eleição unânime dos meus pares, que eram 25, representando os estados da federação. E homens ilustres como Afrânio Coutinho e assim por diante. E Golbery fazia questão, mesmo quando ele não estava mais na casa civil, que eu fosse almoçar com ele no banco cidade de São Paulo, lá em Brasília.

O Golbery lhe visitava em sua casa em Ipanema?

Ele passou por aqui, esteve aqui. O Golbery, quando vinha, me visitava aqui em Ipanema. Não era assim ficar para jantar. E nem se passasse, ele buzinava e mandava me chamar. Entrava, sentava um pouquinho e ia embora.

Mas o senhor era amigo do Golbery?

Muito!

E sobre o que conversavam?

Sobre tudo.

Sobre política?

Tudo e política. E o Golbery queria saber das coisas. Ele era muito atinado. Eu vou lhe contar só um episódio para a senhora ter uma ideia que figura era o Golbery. Ele estava na Casa Civil e eu recebi a visita de um diplomata espanhol, um grande e querido amigo, que estava como um ministro do turismo da Espanha. E ele tinha sido cônsul em Porto Alegre quando eu era secretário de justiça e com isso a nossa amizade se solidificou mais ainda. E quando eu estive na Espanha, ele me recebeu com muito carinho. Aí ele veio fazer uma visita ao Brasil e eu estava em Brasília – não sei o que eu estava fazendo em Brasília, não sei se eu já estava no Conselho. E ele me pediu: me arranja, eu tenho uma vontade de conhecer o Sr. Golbery. E ele tinha 48 horas em Brasília só, ou 24. Eu telefonei para Dona Lurdinha, que era secretária do Golbery e me conhecia e sabia da minha afinidade com o Golbery. Acho que a dona Lurdinha veio do tempo do Quintanilha Ribeiro. E eu pedi. Expliquei qual a situação. Agora o Golbery era de uma malícia, ele sabia tudo melhor que a gente. E eu consegui que ele recebesse naquela mesma tarde o meu amigo. Ele disse "olha, eu vou dar uns 15 ou 20 minutos de atenção a ele". E chegamos lá, eu levei esse meu amigo. Chegamos lá, o Golbery nos recebeu ali na mesa, nos fez sentar e contou que admirava muito o rei da Espanha e aí o Golbery falou durante 15 minutos sobre a sucessão da Espanha, como Franco tinha preparado bem a sua sucessão na escolha do rei da Espanha e não deu chance ao meu amigo de perguntar nada sobre o Brasil. Só ele falou, só ele. Terminado o tempo, "olha foi um prazer..." e não deixou o meu amigo interpelar.

Ele queria fazer perguntas sobre a situação atual do país?

Queria saber do Brasil da boca do Golbery que, naquele tempo, era o chefe da casa civil e estava mandando.

Ele mandava mais que os militares?

Não. Ele era general. Ele era amigo do Geisel. Ele foi chefe da casa civil do Geisel, que era também grande amigo meu.

Ele era aqui do sul, né?

Sim, de Estrela. Era meu amigo, eu tinha um carinho por ele. Era o Ernesto. Mas aí não sei porque o Golbery saiu da casa civil. Deve ter tido algum problema, algum desajuste. E eu continuei amigo dos dois. Acredito que foi qualquer coisa do Médici. Eu me lembro do Geisel, já era ex-presidente da República. Quando ia a Brasília e eu estava morando, ele mandava me avisar para ir ao aeroporto, sair com ele e depois deixá-lo no aeroporto.

Há muitas críticas com relação a esse período, o da ditadura.

Eu não chamo de ditadura, eu chamo de ciclo militar.

Eu queria a sua opinião sobre isso.

Porque não podemos chamar de ditadura um regime complexo na sua análise, na sua implantação, que coincidia que nós elegíamos deputados, elegíamos senadores e tantos processos eleitorais que não se coadunam com uma ditadura. Havia liberdade e uma porção de coisas. Se havia restrições, deve-se procurar com lupa. Então não vou chamar de ditadura esse regime. Eu acho que foi um ciclo revolucionário onde houve limitação do exercício de algumas liberdades e uma maior intervenção do poder público, dos militares, das forças armadas na vida pública.

O senhor fala que muitos vinham aqui se aconselhar com o senhor, conversar, trocar ideias. Nesse caso específico com o Golbery era uma troca de ideias?

Era tudo. Onde há afinidade, há compreensão. Uma vez, quando eu assumi o Senado, eu recebi um telegrama muito bonito dos meus alunos. Eu respondi com um discurso que eu fiz no senado naquela época. Eu não sei se eu tenho, onde eu dizia que o meu desejo era ver o Brasil reintegrado na vida democrática e que eu faria tudo nesse sentido, que era o meu objetivo.

E que ano foi isso?

Quando eu estive no senado, deve ter sido 1964.

Bem quando começa esse período que o senhor chama de ciclo?

O Golbery era o chefe da Casa Militar ou civil. Já tinha acontecido o golpe.

Em seu livro tem um trecho que fala do Brizola. Percebe-se uma relação de encontro e desencontro com o Brizola. Isso?

O Brizola sempre foi muito cordial comigo. Um dia, ele chegou lá em casa e para se tornar afável se sentou no chão com os meus filhos que eram pequenos. E brincou com eles.

Mas então ele tinha intimidade com o Senhor?

Tinha relativa intimidade, mas provocou uma maior intimidade e eu me lembro que a minha mulher tinha feito pipoca para as crianças e ele sentou e foi comer pipoca no chão. Ele queria que eu apoiasse o Jango. Eu não podia apoiar o Jango. E o Jango também me chamou.

Por que o Senhor não podia apoiar o Jango?

Porque havia divergências ideológicas. O Jango, quando eu saí da Secretaria de Justiça, fui à Europa e passei três meses na Europa. E o Jango era presidente da República. E quando eu cheguei daqui para viajar à Europa e eu pedi demissão do Governo do Menegheti, que era secretário.

Em 1963, quando o Senhor assumiu interinamente o governo do Estado?

Isso. E quando eu cheguei no aeroporto no Rio tá o Ferreira, que era secretario particular do Jango e que tinha sido meu contemporâneo no Tribunal de Contas. Encontrei no aeroporto e perguntei: mas o que tu queres? O que tu tá fazendo aqui? E ele respondeu: – Vim te buscar. Sim, o presidente não quer que tu viajes sem falar com ele. E aí eu fui, presidente da república, não ia dizer que não ia atender ao presidente da república. A minha mulher estava comigo e eu disse à minha mulher: Vá para a casa dos meus tios porque eu não sei nem o que vai acontecer, pode ser que ele queira até me prender, que eu não era partidário dele. Cheguei lá, e o Jango era muito cordial, era um cidadão. Ele não estava preparado para o cargo. Aí ele sentou e me convidou para ser ministro da educação. Eu não gosto que registrem isso, que é assunto particular. E eu disse a ele, não presidente, eu não posso porque eu não tenho afinidade ideológica com o senhor e muito menos com o seu cunhado, que era o Brizola, que eu vivia às turras aqui politicamente. Daí ele conversou muito: – Então o senhor vai à Europa? Eu digo: vou. Passar uns três meses. Até convite da Inglaterra, da França, eu tinha vários convites. E me disse: – promete uma coisa, quando voltar venha conversar comigo de novo. Eu disse: ora, o senhor é o presidente. Posso discordar, mas o senhor é o presidente do meu país. E fui-me embora. E ele mandou me esperar em todos os aeroportos que eu viajei como embaixador pelo Brasil. Se colocaram à disposição.

O senhor estava viajando como representante do País?

Não, eu viajava por minha conta, mas a convite dos governos. Quando eu estava voltando da Espanha, eu recebi a notícia que o Jango havia caído.

O golpe?

Da destituição dele. E que havia até tropas na Praça da Matriz aqui, e aí eu disse para a minha mulher: vamos embora.

Análise da Entrevista

Em 2015, tive o privilégio de conhecer o professor Dr. Fernando A. Gay da Fonseca. O encontro aconteceu durante minhas buscas por informações sobre o antigo balneário Ipanema, situado na Zona Sul de Porto Alegre. Na ocasião, estava pesquisando o veraneio no Lago Guaíba, e os usos deste para o lazer e o descanso na primeira metade do século vinte, tema de minha dissertação defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - em 2014, trabalho este com orientação da professora Dra. Claudia Musa Fay. Os encontros aconteceram em sua residência no bairro Ipanema e se prolongaram até as vésperas de seu falecimento em 2017. Os depoimentos e as memórias de Fernando possibilitaram a recuperação de parte importante da história vivenciada por ele ao longo de seus numerosos anos de vida (faleceu com 92 anos). Uma vida rica, como ele mesmo fazia questão de afirmar. A sabedoria e o letramento de Fonseca facilitaram e enriqueceram o trabalho de oralidade proposto para minha pesquisa naquela ocasião.

É importante que se diga que a história oral se constitui em fontes obtidas a partir da realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam acontecimentos do passado e do presente. Com certeza, a possibilidade de trabalhar com bons narradores enriquece a temática, ampliando a abordagem pretendida. Além disso, o trabalho com a oralidade desperta, muitas vezes, o lado afetivo e de gratidão da família, guardiã dos acervos. Consequentemente, esses "laços" afetivos permitem a liberação de valiosos materiais, muitas vezes guardados ou esquecidos. E foi isso o que ocorreu na minha relação com esse depoente e sua família.

Reforçaram-se os laços afetivos com a filha Graça Gay da Fonseca, responsável por facilitar a consulta ao acervo de Fernando.

Muitos memorialistas apresentam idade avançada e este era o caso de Gay da Fonseca, mas o que os diferencia de outros é a sua fantástica capacidade de lembrar. Meu depoente possuía uma fantástica memória, decorrente também de muitos estudos e leituras. Para Ecléa Bosi, estudiosa da memória e das lembranças dos mais velhos, "há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo. Nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar"[4]. Para a autora, "os velhos são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara"[5]. Eles são os guardiões do passado e a eles é dada a função social de lembrar e aconselhar, pois para esses grupos, a lembrança é a sobrevivência do passado, a qual se conserva no espírito de cada ser humano, aflorando a consciência na forma de imagens e de lembranças.

Ecléa salienta ainda a importância da convivência dos velhos com os mais jovens num processo pleno de aculturação. Assim, as memórias do professor, jurista, político e diplomata Fernando Gay da Fonseca foi o ponto central da presente pesquisa, a qual se pretende trazer para a sala de aula, de forma a facilitar a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental. As possibilidades de conhecimento por parte dos alunos a partir das vivências do depoente são inúmeras. Entre elas, podem-se citar, especialmente, os acontecimentos na área da política no contexto da primeira metade do século vinte no Estado do Rio Grande do Sul e também do Brasil. As histórias de Fernando Gay da Fonseca, bem como suas relações profissionais, acadêmicas e de amizade, estão ligadas de forma muito forte aos fatos históricos políticos ocorridos no

[4] BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 63.

[5] *Ibidem*, p. 18.

país, os quais podem ser explorados a partir das memórias e do acervo deste depoente. Abre-se ainda um leque de possibilidades quando descobrimos acontecimentos relacionados às relações entre Fonseca e personalidades do Brasil daquela época. Ele foi contemporâneo da própria história do século vinte.

Percebo, desta forma, que o trabalho com história oral funciona como um recurso pedagógico interdisciplinar importante. Ele permite desenvolver nos estudantes novas habilidades, não só na leitura e no seu entendimento, mas também na escrita de textos. A prática dessa metodologia em sala de aula pode estimular aos alunos a execução de trabalhos criativos, conectando-os à realidade de suas comunidades. De maneira resumida, minha proposta para a sala de aula envolve alguns procedimentos, entre eles: discussão com os alunos sobre fundamentos em História Oral; leitura de textos fornecidos pelo professor; auxílio aos alunos na elaboração de um roteiro de entrevistas; transcrição das entrevistas gravadas; elaboração da produção textual a partir dos depoimentos coletados; e, por fim, apresentação do estudo pelos alunos para toda a turma.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. SP: Companhia das Letras, 1994.

FONSECA, Fernando Gay. **Retratos**. Canoas: ULBRA, 2003.

_____. Entrevista concedida a autora. Porto Alegre, jul. 2016.

LABORATÓRIO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA ORAL DA PUC/RS (LAPHO). Disponível em: <http://www.lapho.com.br/>. Acesso em: 11 abr. 2019.

7

Do Sul da Itália para o Brasil Meridional: a trajetória do imigrante Nicolò Cassarà nos anos do pós-guerra (1946-1976)

Leonardo de Oliveira Conedera [1]

> *"O historiador recria o fato histórico, precisa reconstruir da melhor forma possível. Com História Oral estará, além do mais, criando as fontes, com a ajuda de quem vivenciou e narrou".*
>
> (Núncia Santoro de Constantino)

No presente capítulo, pretende-se realizar um exercício de reflexão acerca das potencialidades da metodologia em História Oral. A saber, visa-se prosseguir tal reflexão por intermédio de uma entrevista realizada com um imigrante italiano – que veio para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial – propondo considerações de como se pode trabalhar e elaborar inferências pertinentes para as pesquisas que tratam de História Social, especialmente aquelas relativas aos estudos migratórios.

A Entrevista[2]

Quando o senhor veio para Porto Alegre?

Eu cheguei, ao Brasil, em 12 de junho de 1953. Fiquei só seis meses em São Paulo.

---

[1] Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *E-mail*: leocone5@hotmail.com.

[2] Neste subtítulo, colocou-se a maior parte da entrevista realizada com o Sr. Nicolò Cassarà. A entrevista na íntegra encontra-se disponível no Laboratório de Pesquisa em História Oral (Lapho) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

E com que idade o senhor veio?

Eu estava com 23 anos. A guerra havia terminado oito anos antes e a crise era ainda grande lá.

E o Senhor veio por quê?

Vim movido por aquele espírito de aventura, porque América é América. Porque, pelo menos, é assim que se sonhava e se pensava em América. América era quase sempre sinônimo de prosperidade, de riqueza. [risos] E, claro que nem sempre é assim, mas, em todo o caso... Eu estava trabalhando em um sindicato na minha terra mesmo. E foi aqueles quatro, cinco anos que lhe falei, que eu fiquei na Sicília. Lembrando que cada sindicato estava vinculado a um determinado partido político. Por exemplo, aqui tem o patronato no Edifício Santa Cruz, no 23º andar. Conhece?

Sim.

Aquele lá pertence ao partido comunista. Mas eu trabalhava no Sindicato do Partido Democrático Cristão. Na *Confederazione Italiana Sindacato dei Lavoratori* (CISL), lá eu era secretário que recebia toda a correspondência diariamente.

Mas isso era na Sicília?

Sim, no meu *paese*[3], Alcamo, na província de Trapani (Tp), que está situada entre Palermo e Trapani, e fica no litoral. E é um *paese* maravilhoso, com uma pequena indústria, com produção de vinho, de destilaria. E isto aí nesta zona que se produz vinhos e derivados.

Mas o senhor nasceu nessa cidade? E também a sua família?

Sim.

E qual o nome dos seus pais?

O meu pai se chamava Pietro Cassarà e minha mãe, Giuseppa Cassarà, porque naquele tempo não se tinha o costume de incluir no nome de casamento o nome da noiva.

Então, o senhor veio por quê?

Bem! Naquela Itália não havia trabalho, eram tempos difíceis. E recebi uma circular um belo dia que dizia, a partir de tratativas existentes entre o governo italiano com o governo brasileiro, que quem quisesse vir para o Brasil agora poderia se transferir para ficar. Não que eles pagavam, ou custeavam a passagem ou alguma outra coisa, mas deixavam entrar. E, naquela época, ninguém deixava

[3] *Paese* é uma palavra que se refere à pequena cidade do interior da Itália. É como muitos imigrantes italianos se referem à sua cidade.

entrar no pós-guerra. Inclusive, na própria Itália, para se evitar as transferências em massa de uma região para outra, eles proibiam a transferência de pessoas de uma região para outra dentro do próprio país. Não podia você sair da Sicília e ir para o Piemonte, para a Lombardia, ou para a Toscana, mesmo para trabalhar, porque senão aconteceria a saída de algumas regiões para outras, onde se poderia encontrar trabalho, neste caso no norte da Itália.

Claro! Para onde havia um forte setor industrial.

É. Por isso ir para o exterior nem se fala. Então quando eu li (a circular), bem... eu estava ganhando pouco, e já estava com quase 23 anos. Perguntei-me: o que faço aqui? Esperar o que? As promessas dos políticos? Que diziam: – espera, aguarda, vamos ver!

Promessas sempre existiam, de que a vida melhoraria.

É. Você sabe como são as coisas. Elas não podem mudar assim de um dia para outro. Aquele lero-lero político, você sabe como é?

Sim.

Para não perder o eleitor, mas ao mesmo tempo.

Não se alterava nada.

E eu me disse: olha, vou-me embora [risos]! E então, cheguei em casa, falei com meu pai, dizendo que havia recebido esta circular lá na CISL e disse que achava que iria para o Brasil. E ele ficou apavorado (o meu pai). Eu era o caçula da família e nós éramos em três filhos. E me disse: – "como? Você nunca esteve antes no exterior". Dizendo que nunca havia estado em outro lugar fora da Itália pelo menos para imaginar a situação nova em que eu me encontraria. E me disse: – olha, no exterior não é bem assim como você está pensando, mesmo que você vai à América não é como ir ali e depois vem para cá. É sacrifício, é não sei o que, você não sabe o que vai encontrar! E qual é a sua profissão? Você não tem nenhuma! Porque eu tive de largar de estudar depois que terminei o colegial. Até porque a maioria dos colégios não dava condição de prosseguimento. E ele me disse bem assim: – "Tenha paciência! Fique aqui! Porque aos poucos tudo se ajeita." Mas eu disse que: aos poucos que nada. Eu estou cansado de esperar! Então eu me preparei e comprei a passagem. Aliás, eles me compraram a passagem, até porque ela custava 148 *mille lire*. Esse era o preço da passagem de navio, até porque não havia ainda a possibilidade de vir de avião. Nem pensar, só de navio em classe turística. E vim para cá. Fui para São Paulo, onde fiquei por um tempo.

O senhor desembarcou no porto de Santos?

Sim, a primeira entrada era no porto de Santos, onde cheguei em 12 de junho de 1953. Depois, fui para São Paulo, porque, o que se podia fazer em Santos? Até

porque São Paulo é São Paulo. Até foi onde encontrei alguns amigos que haviam saído de lá (em Alcamo), seis meses ou um ano antes, e que eram mais velhos que eu. E eles estavam trabalhando em indústrias lá em São Paulo. E quando os encontrei, eles até me ajudaram na sistematização de um lugar para morar, pois eu até morei com eles por alguns meses, digamos. Depois de um tempo lá, resolvi vir aqui para o sul.

Mas o senhor teve alguma proposta de vir para Porto Alegre?

Não, eu simplesmente me juntei com outros quatro amigos mais chegados e decidimos vir para Porto Alegre. Nós éramos amigos que tínhamos nos conhecido durante a viagem no navio *Giulio Cesare*. Então, viemos para o sul, até porque se dizia que lá havia muitos descendentes italianos. Então, vamos para lá.

Então o senhor veio com os amigos?

Sim, nós éramos em quatro.

E quem eram esses amigos?

Ah! Agora nem adianta mais falar. A maioria já morreu. Bem, um deles se chamava Giuseppe Siragusa. Ele foi um amigo com o qual mais tive convívio. Ele era filho de gente que havia propriedade (na Sicília) com vacas leiteiras, onde se produzia queijo e derivados. Até porque nós nos conhecíamos de vista, pois éramos vizinhos lá em Alcamo.

Vocês quatro eram todos da mesma cidade?

Sim!

Mas o navio em que o senhor veio trazia apenas sicilianos?

Não, vinha gente de toda a Itália. E ele saía do porto de Nápoles, passava por Genova e vinha para a América do Sul, Brasil e Argentina.

Então, o senhor veio para o Brasil graças àquela circular?

Sim, porque aqui no Brasil me ofereciam o visto para entrar. Na polícia federal, onde se registravam os estrangeiros, davam uma carteira que se chamava modelo 19. E de lá nós viemos para o Sul. Para o sul nós viríamos direto para Porto Alegre. Mas no trem, que era Maria Fumaça, movido à lenha. E eu perguntei ingenuamente qual era o horário de chegada em Porto Alegre. [risos] – O, meu filho, aqui só se sabe o horário de saída [risos]. Se chegava depois de dois ou três dias. E foi isso mesmo. Três noites e quatro dias de viagem. Chegamos pretos em Porto Alegre, pretos de fumaça. A ferrovia foi feita pelos ingleses, que faziam a ferrovia por quilômetro, e eles evitavam as subidas, fazendo então desvios. Por isso se fazia mais voltas e assim não se chegava nunca. Quando chegamos na divisa de Santa Catarina com o Rio Grande, encontramos um padre que era de Frederico Westphalen e ele nos indagou

para onde nós íamos, e dizendo que era Pároco em um Seminário na cidade de Frederico Westphalen. E nos disse: – o que vocês vão fazer em Porto Alegre? Venham para Frederico Westphalen! O que vocês sabem fazer? Ele perguntou. Eu não respondi nada, porque não sabia fazer nada. Mas o meu amigo, Giuseppe Siragusa, disse que sabia fazer queijo e também aquilo ali etc. Então nos disse: – venham os quatro, que nós arrumaremos tudo para vocês virem trabalhar. Bem... nós nos olhamos. Não havia nada o que perder e fomos. Hospedaram-nos no seminário e ficamos lá dois a três meses, e eles, por intermédio dos fiéis da Paróquia, arrumaram todas as máquinas para que montássemos uma pequena fábrica de queijo. Assim, começamos a trabalhar. Todavia, a produção de leite era muito fraca. Porque a maioria das pessoas da região tinham aquela vaca que não serve nem para o corte, nem era leiteira. Era daquela raça Jersey, que dava dois a três litros de leite, quase a mesma quantidade que uma cabra. E como se ia trabalhar com essa pouca produção de leite? Arrumaram-nos até cavalos com charrete para passar para pegar o leite nas pequenas propriedades dos paroquianos, duas vezes por dia. Lá na colônia era uma vida dura, sacrificada. Então, passava-se para pegar o leite, tomar nota no caderninho, para depois acertar o pagamento. Mas essa produção não aumentava nunca, pois só se tinha aquela vaquinha Jersey. Não existia uma para a produção leiteira. Bom... nesse lero-lero foram quase dois anos de trabalho. Então, falei com os meus amigos, dizendo: estamos perdendo o nosso tempo e quando isso vai melhorar? E argumentavam: – com o tempo, os colonos vão melhorar a produção. Com o tempo? Mas como eles poderiam melhorar? E em quanto tempo? Não mudava nada nunca! E disse: vamos deixar isso de lado e ir para Porto Alegre. E viemos para Porto Alegre, mas perdemos dois anos lá.

Então, em 1955 o senhor chegou em Porto Alegre?

Sim, cheguei em Porto Alegre. E aqui, quando cheguei, comecei a trabalhar em uma fábrica, porque naquele tempo é o que tinha para se sobreviver. Mas o serviço era fácil naquela época.

E qual foi a fábrica em que o senhor trabalhou?

A primeira fábrica em que eu trabalhei nem existe mais. Era uma empresa de São Paulo. Agora não me lembro do nome. Mas era do Matarazzo. *Ma il nome mi vieni dopo* (Mas o nome me vem depois). Era uma fábrica que produzia elásticos. E ficava na rua São Paulo. Você conhece a rua São Pedro?

Sim.

No quarto distrito, com a esquina São Paulo. A São Paulo corta a São Pedro de um lado a outro. Ela ficava próximo à Voluntários da Pátria, digamos. E produzia elásticos, assim, por metros. E também artefatos de elásticos: cintas, meia-calça para mulheres, entre outros produtos. Era uma grande fábrica, que era do Matarazzo. E nós começamos a trabalhar lá à noite. Nós preparávamos o

material para aqueles que trabalhavam no turno do dia poderem usar o material para produzir. Nós preparávamos os roquetes de fio pronto. E depois, de manhã, eles pegavam aquelas caixas com os fios prontos e levavam para as máquinas deles e as carregavam para produzir elástico. E trabalhei lá cinco ou seis meses. Essa fábrica era a Eltex. Bem... eu saí antes, mas depois eles tiveram de se mudar para São Paulo, porque até o mercado que se destinava para a venda era São Paulo. A matéria-prima, aliás, vinha de São Paulo para se produzir aqui. E, na época, o famoso Brizola... Você ouviu falar nele?

Sim.

Ele afugentou a maioria das indústrias, que se foram para São Paulo, porque ele inventou um imposto para a entrada das matérias-primas e também depois para a saída dos manufaturados. E assim eles mandaram mais de 90% das indústrias para São Paulo. É... eu trabalhei naquela fábrica cinco a seis meses, porque era o que se tinha para sobreviver ganhando um salário baixo. Todavia, eu te digo que aquele salário baixo seria considerado médio hoje, porque ele cobria as despesas, pois hoje haja dinheiro para se pagar as despesas. O que é hoje um salário mínimo?

E depois onde o senhor começou a trabalhar?

Eu fui procurar trabalhar com representações. E sim, acabava indo viajar. E tive sorte! Porque primeiro fui procurar na Adria. Você conhece?

Sim.

Nas massas Adrià, que hoje não é mais a original. Já passou por "várias mãos". Mas a Adria naquela época era na Guido Mondin, perto da rua Benjamin Constant. A rua Guido Mondin é aquela primeira paralela à São Pedro. E eu trabalhava na São Pedro na Eltex. E entrei para ver o acontecia. Eu percebi que o gerente era italiano, como o dono. A Adria era de italianos. E me disseram que entrasse em um escritório envidraçado e "fala para ele vê se ele te arruma alguma coisa". Entrei. Me mandaram sentar. Conversamos um pouco. E consegui o trabalho. [risos] E eu mal sabia falar o português.

Mas o senhor falava o italiano ou o dialeto siciliano?

Não, eu falava italiano. Apenas entre nós falávamos o dialeto. E me deram na Adria a condição de pegar todo o Estado de Santa Catarina para visitar todas as cidades, e depois veríamos o que vinha de pedidos. E assim comecei a viajar.

Como representante de vendas?

Sim, mas comissionado. É ganhando por comissão. Assim eu ganhava "X" por cento de comissão pelas vendas realizadas por mês. E a gente anotava os pedidos que depois na fábrica despachavam. E iam via ferroviária, que era a Maria Fumaça aqui no Rio Grande do Sul, ou também por via rodoviária. A ferroviária

era mais barata, mas demorava muito mais para o pedido chegar, pois ia de Porto Alegre para Florianópolis, Joinville, seja outro lugar, se despendia muito tempo. Mas aqueles pedidos que não havia pressa fazia-se via ferroviária, porque era mais barato. E viajei muito. Depois de Santa Catarina, me deram a fronteira toda, que também entrava por Santa Maria, Bagé, Cacequi. Fazia-se toda fronteira e depois chegando em Santa Maria se pegava o Minuano. Bom... você não chegou a conhecer! Seria um trem de dois vagões movido a óleo cru, que chamavam de Minuano na época. Depois de Santa Maria eu voltava direto para Porto Alegre. Depois me aumentaram mais ainda. Me deram a parte da colônia italiana. Eu começava em Caxias, Garibaldi até Passo Fundo. Toda aquela zona. Era solteiro, naquela época, era livre. Então eu viajava muito. Claro que eu fazia um cronograma para fazer as visitas nas vendas dos clientes. Eu viajei por muito tempo mesmo. E depois casei. Eu conheci a Dalva aqui na sociedade italiana.

O senhor frequentava a sociedade italiana?

Bem! Eu frequentava, mas eu era solteiro, então mais nos fins de semana. Na época havia todos os sábados as reuniões dançantes, porque havia o som mecânico, sem conjunto musical. Todos os sábados havia essas reuniões. Assim reuníamos a turminha e íamos para lá.

Essa turma era composta pelos seus amigos da Sicília?

Não, eram os amigos que a gente fazia aqui na cidade de residência. Porque a maioria daqueles lá, havia apenas o Giuseppe Siragusa que veio para cá, que foi comigo para Frederico Westphalen, o Nino Mulè, que já faleceu. Nino, que se chamava Antonino Mulè, e o resto ficou em São Paulo. É isso aí. Depois conheci a Dalva e larguei de viajar, porque casar para bancar o marinheiro também não serve. E então comecei a trabalhar como propagandista aqui na praça, onde trabalhei por muitos anos.

Então o senhor trabalhou como propagandista até se aposentar?

Não. Depois, junto com um amigo, que também era siciliano, mas não da mesma cidade. Ele tinha uma alfaiataria lá para baixo.

O nome dele era?

Salvatore De Lima. E depois fui trabalhar na construção de casa na Zona Sul, no bairro Ipanema.

O senhor trabalhou como construtor?

Sim, e também vendendo casas. Bem... esta é a minha vida!

E voltando para a sua vida, na Sicília, o senhor me disse que viajava muito?

Não. É que o meu pai era enólogo e funcionário de uma empresa do norte da Itália. Como enólogo, a empresa o encarregava de viajar para outros lugares.

Como as vinícolas daqui, Garibaldi, Aurora, que enviam seus funcionários para outros pontos. Então, o mandavam para um determinado lugar para gerenciar a produção e, assim, a família tinha de ir também. É por isso que eu vivi mais na Puglia e na Toscana, e por isso que fiquei pouco na Sicília. Então, não viajei muito. Apenas vivi nesses dois outros locais de residência, Puglia e Toscana.

Podemos, então, encerar a entrevista. Muito obrigado pela sua atenção e disponibilidade, senhor Nicolò. E eu gostaria de saber se o senhor autoriza o uso desta sua entrevista para futuros estudos acadêmicos?

Sim, mas o que tem aí de importante?

Não, o senhor acredite que é muito importante a sua história e contribuição.

Claro! Para mim foi um prazer!

Igualmente, muito obrigado!

Aspectos da Entrevista

A entrevista foi realizada em Porto Alegre, no dia 2 de dezembro de 2009. O depoimento ocorreu na residência do imigrante italiano, e teve uma duração de 30 minutos.

O depoente foi selecionado pelo entrevistador porque era um italiano, proveniente da Sicília, que emigrou no contexto do pós-guerra (1946-1976) para o Brasil[4]. O contato com o imigrante transcorreu por intermédio de sua esposa, a Sra. Dalva Di Martino, que é professora de italiano e lecionava na Associazione Culturale Italiana do Rio Grande do Sul (ACIRS), e que dialogou com seu esposo para colaborar com o projeto de pesquisa do pesquisador Leonardo de Oliveira Conedera, o qual estava desenvolvendo um estudo a respeito dos sicilianos que se inseriram em Porto Alegre nos anos subsequentes ao final da Segunda Guerra Mundial.

O local da entrevista foi proposto pelo Sr. Nicolò Cassarà, e ocorreu no seu apartamento, e sua narrativa aconteceu na sala de

[4] O depoente integra o grupo de 11 entrevistados italianos, provenientes da Sicília, que se radicaram em Porto Alegre no período do pós-guerra. Acerca deste trabalho encontram-se os seus resultados na Dissertação de Mestrado de Leonardo de Oliveira Conedera intitulada "A imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre: memórias, narrativas, identidades de sicilianos (1946-1976)".

estar. O ambiente escolhido foi muito conveniente para conhecer melhor o contexto do entrevistado e sua família.

Na sala de estar da família Cassarà encontram-se, além das fotos de familiares, vários objetos que indicam a permanência dos laços identitários do Sr. Nicolò e sua esposa com o seu país de origem, a Itália. A partir de quadros, *souvenirs*, objetos cerâmicos, dentre outros itens, revelam o forte elo que persiste entre o imigrante e sua terra de origem.

Para o historiador da oralidade, algumas noções acerca da etnografia são imprescindíveis, visto que os espaços sugeridos pelos entrevistados também apresentam preferências objetivas ou não a respeito do que será relatado.

Vale lembrar que o uso da etnografia é aplicado pelo pesquisador em três fases sincrônicas: andar, ver e escrever. Hélgio Silva (2009, p. 171) aponta que:

> O percurso no campo, sua observação e a descrição do contexto percorrido e observado são três fluxos que se misturam pela reciprocidade, interdependência e (inter)influências enquanto se tencionam pelas contradições e heterogeneidades das disposições e habilidades em jogo.

Durante a investigação, especialmente nos locais e nos encontros para as pré-entrevistas e entrevistas, as observações realizadas no caderno de campo sobre os contatos com os depoentes viabilizam a produção de inferências mais enriquecedoras a respeito das suas narrativas, pois os ambientes visualizados também dialogam com as histórias, percursos e identificações mencionadas pelos entrevistados.

Sabe-se que os espaços comuns de circulação do narrador (ou seja, a sala de estar ou a cozinha da sua casa, o seu escritório de trabalho), onde podem ser entrevistados, manifestam indícios significativos acerca dos seus laços e preferências, entre outros subsídios que possibilitam ao pesquisador conhecer um pouco

mais acerca do sujeito com o qual conversa. Silva (2009, p. 178) assinala ainda que:

> Andar pelo espaço delimitado no qual a pesquisa transcorre permite que o etnógrafo se situe, isto é, adquira naquele contexto um lugar e uma identidade. Trata-se de um percurso marcado pela interação. Ora, interagir pela participação nos rituais, nos trabalhos, no lazer e pela interlocução nas entrevistas informais, nas conversas suscitadas pela participação, nos bate-papos.

Assim, o suporte proposto pela etnografia proporciona a observação de aspectos relevantes para o historiador e demais pesquisadores que trabalham com a metodologia da História Oral.

Análise da Entrevista

A História Oral viabiliza uma recuperação sistemática de memórias, proporcionando a formação de um *corpus* documental composto por um conjunto de narrativas (GONZÁLEZ, 2006, p. 12). Por exemplo, o percurso de deslocamento e de vida narrado pelo Sr. Nicolò é um tipo de fonte que raramente se pode encontrar em outros tipos de documentação. Sabe-se que as narrativas de depoentes revelam uma dimensão única, acrescentando elementos inexistentes em outras fontes.

De acordo com Alessandro Portelli (2000, p. 69), a História Oral averigua a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. Portelli percebe que a memória não é apenas a preservação da informação, como também é o sinal de luta e um processo em andamento. Então, encara-se a memória como um eixo da história; memória não apenas como um lugar onde um "lembra" a história, mas memória "como" história.

Vale recordar ainda que a História Oral se revitaliza por meio de um trabalho contínuo de recuperação e registro de memórias, conseguindo dar conta da diversidade temática,

viabilizando o estudo de diferentes grupos humanos cuja vivência e trajetória não se encontram arrolados na documentação oficial (GONZÁLEZ, 2006, p. 13).

Sabe-se que a fonte oral expõe o sujeito dentro do contexto no qual vive e transita, a contar a sua memória, da sua narrativa e da matéria textual produzida em conjunto com o pesquisador (PROCHNOW, 2009, p. 12). Como muitos imigrantes que vieram ao Brasil em busca de melhores perspectivas de vida e de trabalho, pois, após a Guerra, a situação de vida na Itália tornara-se bastante difícil[5], o Sr. Nicolò Cassarà (2009) – que imigrou em 1953, em Alcamo (província de Trapani) – narra que:

> "Eu trabalhava no sindicato do Partido Democrático Cristão. No CISL (*Confederazione Italiana Sindacato Lavoratori*), lá eu era secretário que recebia toda a correspondência diariamente. [...] Bem naquele tempo, na Itália, não havia trabalho, eram tempos difíceis. E recebi uma circular um belo dia que dizia a partir de tratativas existentes entre o governo italiano com o governo brasileiro quem quisesse vir para o Brasil agora poderia se transferir para ficar. [...] Quando eu li (a circular), bem, eu estava ganhando pouco, e já estava com quase 23 anos. Perguntei-me: o que faço aqui? Esperar o quê? As promessas dos políticos? Que diziam: espera, aguarda, vamos ver! Eu estava cansado de esperar! Então eu me preparei, comprei a passagem. E vim para cá. Fui para São Paulo onde fiquei por um tempo".

O Sr. Nicolò não acreditava, no início dos anos de 1950, que o contexto em seu país de origem se alteraria em um curto período; então, imaginava que o seu deslocamento para o Brasil

[5] Sobre a temática da História Oral e migração surgiram, felizmente, nos últimos anos, várias publicações e grupos de estudos, como é o caso do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom/USP), de São Paulo. Pode-se ainda citar a Associação AREIA, cuja sede é Genova (Itália), que há dez anos coleta e disponibiliza um acervo de entrevistas (de imigrantes) e que organiza trienalmente congressos que permitem o diálogo de pesquisadores europeus e americanos interessados na temática da migração e História Oral. Por fim, lembra-se a recente publicação sobre a temática: DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A voz do imigrante**: memória e oralidade nos estudos históricos das migrações. Porto Alegre: Fi, 2018.

("fazer a América") viabilizaria melhores expectativas, especialmente em relação ao trabalho.

Além das motivações para a sua emigração, o imigrante italiano em sua narrativa revela que a sua mobilidade foi possível a partir de acordo internacional bilateral entre Brasil e Itália, no ano de 1953. Vale lembrar que, na esfera diplomática entre Brasil e Itália, a questão da imigração era pauta corriqueiramente aventada. Os dois governos pretendiam viabilizar tratados para possibilitá-la; contudo, o entendimento demorou bastante para se efetivar. O primeiro Acordo de Migração, de 5 de julho de 1950, foi débil e pouco vantajoso (CERVO, 1992, p. 196). Apesar de a via diplomática não ter propiciado um grande fluxo migratório de italianos para o Brasil nos anos subsequentes ao final da Segunda Guerra Mundial, a trajetória do Sr. Nicolò revela que, em certa medida, essa foi importante para a entrada de alguns milhares de imigrantes peninsulares.

Figura 1 - Mapa da Sicília em destaque a cidade di Alcamo

Fonte: Peery (2017, *online*)

A narrativa do depoente também destaca que foi muito significativa a rede de contato com os seus compatriotas, visto que sempre se manteve próximo da coletividade italiana de Porto Alegre. Por exemplo, o Sr. Nicolò conheceu sua esposa (imigrante italiana como ele) nas festas e bailes organizados na Società Elena de Montenegro (atualmente, Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul).

Figura 2 - Sr. Nicolò Cassarà com sua esposa Dalva

Fonte: Acervo da família Cassarà, cedida para o autor.

O entrevistado ainda informa que, em algumas oportunidades de trabalho, não enfrentou dificuldades linguísticas, pois pôde falar em italiano, sua língua mãe, com seus chefes e colegas, quando ele trabalhou como representante comercial da fábrica de Massas Adria. Sabe-se que os imigrantes normalmente compartilham um conjunto de relações, a saber, cada imigrante representa um elemento relevante na rede social[6] constituída entre

[6] Rede social é "[...] um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se referir a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo

ele e seus compatriotas que vivem na mesma cidade. As redes sociais são consolidadas principalmente pelas relações de solidariedade e confiança.

Outro aspecto interessante mencionado pelo entrevistado é a questão do desejo de retorno à terra natal. Todavia, em sua fala, refere essa frustração, isto é, o Sr. Nicolò, em sua entrevista, comenta que a inflação dos anos 1970 e 1980 inviabilizou a possibilidade de retornar à Itália. As mudanças de planos econômicos não permitiram que o imigrante conseguisse juntar um capital para retornar e viver bem em seu país natal.

É importante lembrar que as histórias relatadas, como a do imigrante italiano entrevistado, possibilitam a identificação de indícios por parte dos pesquisadores. Carlo Ginzburg (2007, p. 178-179) enfatiza que "[...] a realidade é opaca, mas existem certos pontos privilegiados – indícios, sintomas – que nos permitem decifrá-la". As narrativas dos imigrantes apresentam diversos sinais e pequenos indícios que podem apontar fenômenos sociais mais amplos e complexos.

Então, o depoimento registrado do Sr. Nicolò é rico de indícios que remetem ao cotidiano dos imigrantes e de suas famílias, ao trabalho que desempenharam, ao seu *paese* natal que ficou para trás, dando lugar à capital gaúcha, que se transformou e que é mencionada pelo seu olhar desacostumado e distante daquele que foi um estrangeiro. Além disso, a narrativa do Sr. Nicolò colabora para que o historiador consiga entender um pouco mais sobre a complexidade do fenômeno migratório.

Portanto, como referido no início deste tópico, procurou-se apresentar questões pertinentes para se realizar, mas, principalmente, analisar uma entrevista de História Oral que tenha um imigrante como depoente ou trate sobre o tema da imigração.

---

bem definido e limitado, senão uma abstração que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes" (LOMNITZ, 2009, p. 18).

A ideia deste texto foi, em síntese, enfatizar as múltiplas possibilidades que a metodologia de História Oral propicia para os pesquisadores interessados nas temáticas dos processos migratórios.

Referências

CASSARÀ, Nicolò. **Imigração para Porto Alegre** [nov. 2009]. Entrevistador: Leonardo de Oliveira Conedera. Porto Alegre.

CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre e Brasil e Itália**: o papel da diplomacia. Brasília: UNB, 1992.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **A imigração italiana no pós-guerra, em Porto Alegre:** memórias, narrativas, identidades de sicilianos. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Revista Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 63-73, 2006.

DE RUGGIERO, Antonio (Org.). **A voz do imigrante**: memória e oralidade nos estudos históricos das migrações. Porto Alegre: Fi, 2018.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONZÁLEZ, Ana María Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción**: inmigración uruguaya en Porto Alegre. 2006. 457 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LOMNITZ, Larissa Adler. **Redes sociais, cultura e poder**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

PEERY, Edward K. Sicilia orientale cartina and e arrivare a Marsala com uma mappa dela Sicilia. **Seattle University Review**. Oct. 14, 2017. Disponível em: <https://seattleuniversitylawreview.com/sicilia-orientale-cartina/sicilia-orientale-cartina-and-e-arrivare-a-marsala-con-una-mappa-della-sicilia/>. Acesso em: 05 jan. 2019.

PORTELLI, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

PROCHNOW, Lucas Neves. **Memórias, narrativas e histórias**: a imigração espanhola recente em Porto Alegre. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Hélgio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

8

Entrevista com o imigrante italiano Renzo Biondani e um diálogo teórico-metodológico interdisciplinar

Regina Zimmermann Guilherme [1]

A Entrevista[2]

Entrevistadora: Estou aqui com o senhor Renzo Biondani, hoje é 28 de setembro de 2017. Em primeiro lugar: O senhor permite que esta entrevista seja publicada, na integra ou em parte?

Entrevistado: Pode.

Entrevistadora: (...) então, eu tenho interesse em toda a sua experiência de imigração. O senhor pode começar a contar desde o seus pais. Como é que aconteceu essa experiência. Eu vou anotando algumas coisas e no final, então, eu lhe pergunto. O senhor pode... tudo que vier na sua memória.

Entrevistado: (...) Sou de Verona eu. Veio tanti veronesi, má: muitos aguentaron, come eu. E tem muito que voltaron (1) porque:: a coisa não era fácil, né. Enton é isso aí. (5)

Entrevistadora: E os seus pais, porque que eles vieram?

Entrevistado: É, e, é::: Eles vierom pra trabalhar. Má pra botar negócio, uma coisa assim, né (2) é, especialmente. É, algum conseguiro, é, mai depoi cansaro, foro embora, né. Porque viro que nom:: (3) nom tem nada de=de=de=de=de

---

[1] Graduada em História pela PUCRS, Mestranda em História pela PUCRS.

[2] Transcrição de entrevista de acordo com o método de Narrativas Biográficas da socióloga Gabriele Rosenthal. O método "Narrativas Biográficas" orienta que a transcrição seja feita em um parágrafo único, apenas indicando as falas do *entrevistador* e do *entrevistado*, com marcação numérica de linhas, página a página (o que não foi possível aqui, em função da diagramação da obra). A fala deve ser transcrita fielmente, com erros de linguagem e sotaques. Todos os sons emitidos pelo entrevistado e os tempos de silêncios devem ser representados entre parenteses. As falas com ênfase são representadas em negrito Estes dados são indispensáveis nas várias etapas da análise.

chumbo né. A coisa tava pesada memo, é. Enton, muito=muito voltaron pra=pra terra deles, né. E muitos ficaron, que nem eu. Má cada um tem a própria profison. A minha profison é: construson civil. Enton, é mai ( ) ((riso)) ( ) é (tem bastante) (2) (Enton com a contruson deu trabaio pra muita gente) tem gente que vem da:::, marcinero, ferrero, tudo=tudo, era (1) isso começô assim (3) é a contruson civil, e. (2) E depoi, que que tem aí, é, gente que (2) gente que depoi muitos voltaron, porque non=non deu certo, negocio non funciono. É=e. Começô assim. Agora, non se vê quase. É, os italiano que ton aqui, ton, mai e muito voltô, é. Ainda se é tudo, é tudo: (1) um vai e vem, sabe. E gente que:: as vezes:: é::: compromisso com outra coisa, algum europeu é chamado pra de novo pra: (1) Pra::: começar uma vida nova lá, né, muitos von, muitos non von. É isso aí, é ( ) (6).

Entrevista interrompida por alguns segundos.

Entrevistadora: Senhor Renzo, eu tenho interesse em toda a sua vida, desde a Itália. (...)

Entrevistado: Sim, sim, passava com meu pai, minha mãe, tinha mais uma irmã. Fizemo uma=uma família unida memo, depoi minha irmã faleceu, depoi faleceu meu pai, minha mãe. É: isso aí memo é (4) É isso ai. Mais o meno as data, minha irmã faleceu mil novecentos e sessenta e dois, novecentos e tre alguma coisa assi, depoi morreu meu pai, meu pai é em cinquenta e nove (3) Depoi morreu minha mãe (3) Também é. Mai tu-, era dona de casa, minha mãe, e meu pai era construtor também (7) Então nói comecemo uma firma, uma empreiteira, é, a coisa foi memo, é, foi bem até. Tinha muita, muitas obra, muito movimento, civil, um sucesso bom, trabaiemo bastante. Agora chegou um certo momento que é pará né ((riso)) porque senão já viu. É mai, mai se vive, valeu, acho que valeu, NOSSO CASO, A NOSSA FAMÍLIA, VALEU. É. Ai depoi eu casei com uma moça, a moça: não deu certo, ai encontrei outra moça, essa que deu mai certo ((riso)) (7) É o que, bom ( )

Entrevistadora: O senhor me falou que sua irmã faleceu em torno de mil novecentos e cinquenta?

Entrevistado: sim.

Entrevistadora: Com é que foi isso?

Entrevistado: ( ) como é que é?

Entrevistadora: A sua irmã, como é que foi que ela faleceu, a sua irmã?

Entrevistado: Ah, minha mãe? /o

Entrevistado não houve bem/

Entrevistadora: A sua irmã.

Entrevistado: A minha irmã faleceu em quarenta e nove, quarenta e nove.

Entrevistadora: E como foi?

Entrevistado: Ah?

Entrevistadora: E como foi?

Entrevistado: É: como é: (2)?

Entrevistadora: Do que ela faleceu?

Entrevistado: A minha mãe, de velha.

Entrevistadora: A irmã?

Entrevistado: Não, não, minha irmã tinha vinte e três anos.

Entrevistadora: E do que ela faleceu?

Entrevistado: Meu pai, depoi faleceu, meu pai faleceu em cinquenta... sessenta e nove e minha mãe é mil oitocento: e cinquenta.

Entrevistadora: Que a mãe faleceu?

Entrevistado: Mil novecentos cinquenta.

Entrevistadora: O ano em que vocês vieram para o Brasil? **Entrevistado**: Cinquenta e dois.

Entrevistadora: ah, vocês vieram em cinquenta e dois. Mas então ela não veio, a sua mãe?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: A sua mãe não veio para o Brasil?

Entrevistado: Não, não. Não, ela veo aqui também junto, tudo junto. Veio uma, um navio caregado.

Entrevistadora: E veio muita gente da sua família?

Entrevistado: si:m. Sim, ela veio tudo junto. A família só. Noi que era em quatro, fiquemo em quatro, mai depoi não resistiu, era doente, velha, cheia de problema e aí teve que fazer tratamento, mai deu certo, com oitenta ano ela faleceu, é.

Entrevistadora: A sua mãe?

Entrevistado: A minha mãe, oitenta.

Entrevistadora: aqui no Brasil faleceu?

Entrevistado: Aqui=aqui. Quando ela saiu da Itália, ela tinha (3) cinquenta, cinquenta e dois. Depoi eu fui com meu pai em Itália. Depoi meu pai faleceu eu tive que i lá. Ai minha mãe veo junto, porque tinha negócio lá. (é como) eu tava

sempre junto, né. Minha irmã coitada era uma moça que adorava a praia, adorava tudo. Ela pintava esses quadros ( ) ela fazia. Ela fazia quadro, ela fazia: é: como chama? Muita:, muita=muita, muita=muita (arte) de pintu, muita=muita pintura, flor, pintura, tudo assim, é:

Entrevistadora: Me fala mais sobre o seu pai.

Entrevistado: Bom, meu pai, ele era uma pessoa, que ele gostava bem do, bem de mais. E, as=as vezes não dá ( ) dá pra entender cada coisa porque o sistema é diferente. Ele tava acostumado lá na Itália com construson, construson que era do governo. Ele tava bem, ai tava indo, mai depoi uma hora ( ) caiu tudo. É, a construson civil chegou um momento que fracassou lá. Tem algum velho que deu bem. É má: O temperamento dele não deu e enton ele dizia sempre pra mim: "eu tenho vergonha de ficá ali, eu não posso ficá, nói temo que dá um jeito, i em qualqué outro lugar. Aonde vamo?" (dizia ele) "Vamo arumá uma tera aí, platá fejon" dizia pra ele. "Não (mai ( ) não dá). O que que meu parente vai=vai dizer? Temo que dá um jeito e ir em bora". 'Aí se preparô, tinha alguma tia aqui, e viemo pra cá. Fumo morá, a primeira moradia na Curupaiti, não na: como é que chama? Era ( ) e a primeira moradia era, Câncio Gomes, Câncio Gomes, é. Ah, depois, depoi minha tia pediu apartamento. "O que que vamo fazê, que vamo fazê?" Já começo já a (vestiga), né, Sabe? E aí, digo, ué simples, vamo dá um jeito, vamo em qualquer outro lugar "má e onde?" "Tu fez duas casa, grande, bonita. Então vamo numa lá e a outra fica pra tu vendê". E tivemo uma sorte danada que vendemo. E ali compramo o tereno e comecemo a contruí de novo, e a trabaiá- e trabaiva pra terceiro, obra pequena, obra média, grande, e: trabaio grande era particular, é. É: funcionou bem, depoi ele more:u, minha mãe morreu, minha irmã, eu fiquei sozinho. Ai depoi, conheci a (Isa) e dai se casô, casemo, agora vamo indo, vamo vê no que vai dá, mai vai dá, vai dá, né.

Entrevistadora: E porque que a construção civil fracassou lá na Itália?

Entrevistado: O que?

Entrevistadora: O senhor me falou que a construção civil fracassou lá na Itália, o trabalho que o seu pai tinha? O que houve que a construção civil fracassou? O senhor sabe?

Entrevistado: É, não, o problema é que a construson civil não andava bem ((tosse)) muito, muita obra. Enton, tendo muita obra, chegô uma hora que a obra aumentô muito, **lá**, e tinha concorrência, **é a concorrência.** Aí, enton, muita gente saiu. Gente foi até na Africa, e. Forom em tudo que é lado. E muitos tivero sorte e muitos não. Tivero que voltá. Nói aguentemo porque nossa profison era uma profison de acabamento fino. Fazia toda obra, trabaio bem feito. Enton, com isso, ajudô muito a:=a: (melhorar) a vida. E depoi ( ) de quando noi saimo de lá, cinquenta e dois até agora, tá bem. É:, bem, bem, nói

nunca tá bem, bem, má tá: be:m tá. É isso aí, é (2) Batalho grande, que por isso que, pra nói que tivemo uma guerra. Eu peguei toda ela. Não se morreu. Se viveu, má male, má male. Mai vivemo. Eh.

Entrevistadora: E a sua tia? Que o senhor tinha uma tia aqui?

Entrevistado: Bom, eu tenho uma filha ( )

Entrevistadora: A tia que o senhor tinha aqui quando seu pai veio?

Entrevistado: A, morava aqui. Era a esposa do irmão de meu pai. Ela era esposa, depois ela foi na Itália e depoi, quando ela voltou, meu pai pediu pra vim pra cá. Aí ela disse "tá" ela disse "eu mando a você chamada". E mandou chamada. E nói viemo aqui. E tivemo **mu:ita** sorte. Porque trabaio tinha e noi **sempre** trabaiando sabe né. Trabaiemo departamento de engenharia de Santa Casa. Eu fiz obra mais importante cemitério da Azenha, cemitério da Azenha, e vário, vária obra mai pequena, maior, tinha de tudo tamanho. Sabe? E me:io que: fui bem, até que fui bem. E esse aqui é a história, é mai importante. Agora, depois, enton que a vida começô assim, agora depoi, moreu pai, minha mãe, minha irmã. Aí depoi me separei, depoi me separei e conheci a (Isa) aqui. Aí casemo. (4) É mudanças também ( ) a gente não é acostumado a isso. **Má**, tem que pegar. O que que a gente vai fazer? (5)

Entrevistadora: O senhor me disse que vocês compram um terreno quando saíram lá da tia.

Entrevistado: Um terreno grande, uma casa fantástica, era um imóvel importante, tanto que nói vendemo o imóvel para a Companhia Grasso. Ouviu falar?

Entrevistadora: 'Não'.

Entrevistado: É uma companhia grande, é inglesa. E funcionou bem, andou bem, sempre=sempre, fui, e fui nunca fui recuado. O troço caminhou memo, e sempre nem uma linha, nom exagerada, nom, uma linha boa. Sabe? (4) É isso aí. (3)

Entrevistadora: O senhor disse que trabalhavam com acabamentos finos?

Entrevistado: Sim, e fazia obra de=de importante, obr- obra que tinha= que tinha, como chama? Que tinha=que tinha (2) **que tinha acabamento,** com acabamento bem feito, tentava fazer o melhor possível. ( ) ba, porque se apresentar bem. Eh. Fazer muita firma, muita casa, muita loja. Até hoje se vê. Tem cada prédio aí que não é brincadeira. Que tem que tirar o chapéu. Que son mai adiantado que nói. Nói deu uma freada. Mai naquela época que nói viemo aqui, a coisa funcionou memo. Tinha muita, muita obra, muito trabaio. Depois

tinha engenheiro amigo, arquiteto. Trabaiô com uma série de: muit-muita=muita gente tabaiava (6)

Entrevistadora: O senhor falou sobre a chamada que a tia fez.

Entrevistado: Sim, a chamada que a minha tia fez, nói dissemo pra ela "tia a coisa aqui non tá bem". "É má tu vem aqui e tem trabaio". Era brincadeira. E viemo e tinha memo. ( ) "**pomba**, podia esperá mai um poco" (riso) "A nom, você precisa trabaiá, precisa: seguir." Ai, se=se abraçô bem, se trabaiô, fez obra, se fez prédio

(gravação interrompida por alguns segundos)

(muita) obra com acabemento bom, perfeito, o melhor possível. Depoi, é, é: depoi=depoi se começô a contruí pra nói tamém, prá alugá, é isso ( ) (6) eu agora vivo com penson que eu tem, penson, que trabaiava: com, assim com a firma né e depoi então começô=começô a trabaiar em=em construson sim, má pra terceiro, pra terceira pessoa (2) má trabaiá um pouquinho pra todo mundo (2) Ai=ai mai tem tanto trab-, tanta obra, i: mama mia, agora dizê qual é, **monte.**

Entrevistadora: Os senhores trabalharam muito pra os cemitérios da Santa Ca-, cemitérios da Azenha?

Entrevistado: É exatamente, até ( ) fui eu que fiz.

Entrevistadora: Faziam túmulos?

Entrevistado: Quatro mil túmulo.

Entrevistadora: Quatro mil? (3)

Entrevistado: **CONSTRUIMO QUATRO MIL TÚMULO** (4) (a esposa completa "a igrejinha também"). N**ão é pouco**. Aí depois chegou o momento que o chefe meu, era uma pessoa mara:vilhosa, é velho e (era gordo), e ele "agora chega, e é outra pessoa me sustituí" e fui outra pessoa, má nom, non é a pessoa ( ) pega amizade, pega né, e ai começô a enfraquecê e enfraquecê, má sempre tinha obra, manutenson, muita manutenson, é isso aí. (3)

Entrevistadora: E o senhor falou que tinham muitos amigos engenheiros e construtores.

Entrevistado: É=É tinha, agora deu uma baixada, mai e;xistem ainda, só que nom som aqueles daquela época, é diferente (2) mai tudo pessoa legal, **arquiteto**, **engenheiro**, sempre se trabaiô lá com isso (4) É: isso aí, fui=fui, é uma história, uma história grande, agora de explicá exatamente é=é complicado dona. A nói interessava achar o cliente e fazer. Enton, ir produzindo. Trabalhava com tudo. E deu, é deu. (Lutou-se) e deu. (8)

Entrevistadora: E a respeito da guerra que o senhor participou?

Entrevistado: A nossa casa Kaputt.

Entrevistadora: Na guerra?

Entrevistado: A nossa casa Kaputt.

Entrevistadora: É?

Entrevistado: Bomba destruiu. E aí, também, era um problema. Fazê o quê? Reformá o quê? Que tinha caído tudo. Deu uma bomba. Caiu bem no centro da minha casa. E fui. (2) **É isso que, é um conjunto de coisa grande**. É antes da guerra, é depoi: a=a=a economia fracassada, depois viemo pra cá, é isso aí. (3) E ainda tive a coragem de fazê a minha casa. É isso. Isso.

Entrevistado: Lá?

Entrevistado: Nom, aqui. Eu nom posso trazê aqui, é? (riso). E aqui, depoi fiz a casa, e obra média, nom média:, nom obra grande, nom, se fazia obra toda importante com acabamento bem feito, isso sim. Igreja também, igreja da=da Santa Casa, ali do cemitério, ( ) que eu fiz, eu mandei fazer, né.

Entrevistadora: Pode me contar mais.

Entrevistado: A mocinha agora bota nos jornais.

Entrevistadora: Não, não vai pro jornal.

Entrevistado: Ah, faculdade, é. A minha filha=a minha filha, a minha neta, tá na faculdade de: farmácia. Acho que agora em fim de ano é capaz de chegar ao fim./Neste momento a esposa interrompe dizendo: Meu bem, eu acho que o que a Regina quer saber é como vocês decidiram vir pra cá, como chegaram aqui.../

Entrevistado: ah, cheguemo aqui, primeira coisa, tinha=tinha um problema, que era obrigado a sair de lá porque lá não tem trabaio, isso aqui é uma história mais importante. E depoi começô aqui, comecemo a funcionar, né. E começô lá de baixo e viemo. Devagar, viemo. É, comecemo lá de baixo, fazendo pequena coisa, depois se começô trabaio memo. (7) É: (9). (O

Entrevistado ficou em silêncio)

Entrevistadora: O senhor tem mais alguma coisa pra contar? **Entrevistado**: Olha moça, eu não sei, coisa te:m, muita. O corpo mesmo, aquilo que se vive, tá aqui, tá tudo incorporado aí. Viemo de navio, fui depois de navio, voltei de navio, depois fui de avion e voltei de avion. Eu fiz **nove viagem**, entre avion e navio.

Entrevistadora: Pra onde estas viagens?

Entrevistado: Noi saimo do Porto de Gênova. E saindo de lá, viemo até Porto Alegre.

Entrevistadora: Isso na primeira?

Entrevistado: É na primeira tocada. Aí depois vem o resto.

Entrevistadora: E depois o senhor voltou para a Itália?

Entrevistado: Voltou porque lá 'tinha uma casa e vendemo a casa'. ( ). (riso) (mai eu levei uma) a esposa, perque: a esposa, a minha primeira esposa foi aquela que veio comigo à Itália, depois a mesma esposa levei na segunda vez, mai neste intervalo, levei minha mãe também, pra ver os parente dela, né. E começô assim. E: (4) agora tem muita gente que: trabaia em outras coisa, bota um negócio, um comércio, né. Eu, nói, tinha **só a construson**, porque o meu pai começô com a construson, que era nova, e depoi, e depoi viemo nói. Mai lá tinha um tio (2) esse tio (4) **apareceu agora**, **com cem ano de vida** (2) ele é, mora-mora: mora lá na: (2) na Texas, lá em cima lá, mora na (estados unidos). O ano passado veo, aqui, veo, e depois ficô aqui um dia, dois e depoi saiu, fui pas praia, aqui, fui=fui fazer a visita de Porto Alegre, e:, e: ( ) (4) .

Entrevistadora: E esse tio foi pros Estados Unidos, então?

Entrevistado: O que?

Entrevistadora: Esse seu tio italiano foi pros Estados Unidos?

Entrevistado: Sim, esse é, esse é meu **tio**, ele foi nos Estados unidos porque ele brigou com o pai dele (3) ele deu=deu problema, então ele queria ganhar, o pai dele queria ganhar, ele só tirava de- o mais fraco, né (2) até que ele foi, separaro, aí meu tio resolveu saí de ( ) **Entrevistadora**: Ele vive no Brasil agora?

Entrevistado: sim, agora veo visitar os amigo, é: fui: meio de: (3) fui: em abril, março, abril, por aí.

Entrevistadora: Quantos anos o senhor disse que tem?

Entrevistado: Ele veo em abril.

Entrevistadora: E quantos anos ele tem?

Entrevistado: **Cem, fechou cem ano.**

Entrevistadora: É? E com quem ele veio?

Entrevistado: Como?

Entrevistadora: Com quem?

Entrevistado: Ele veio, tinha (2) era novo (2) (era novo), e fui em 1827 (2) e tem outro meu tio, mai eu, quando nói viemo qui, se achava que ele era morto, porque tantos ano, né, má nom, i:: apareceu aí.

Entrevistadora: Ele vive ainda?

Entrevistado: Nom sei se ele vive (2) po:de ser. Pode ser porque o meu pai nom tá mai, tá morto, enton ele, pra ele ficar aqui, pra ele fazer uma viajem, ele precisa de uma, de pessoa: **amiga**, ele com meu pai não se dava, e: a:: briga e:: ( ) e: bobagem e:: (2) ((riso)) ( ) que aí é outra história, né. É a (história) faze cem ano (9)

Entrevistadora: O senhor falou que alguns foram pra África. **Entrevistado**: Sim.

Entrevistadora: O senhor falou lá no começo, que alguns foram pra África.

Entrevistado: Sim, sim, teve um técnico especializado que::: ( ) má nom na construson, nom, ele era::, da, d-, ele era especializado, nom sei em que, comércio, ( ) E depoi, veio aqui, aqui tinha, mai ele ficou um pouco aqui, depoi voltô pra Verona, tem muito veronese aqui, é: (5) Meu pai era armador ferroviário. Significava que ele fazia a estrada de ferro. Enton, esse armamento ferroviário era gente especializada é:: na=na ferrovia. E ele, enton, fazia essas obras, se especializou mai a obra foi ( ) da guerra (de Espanha). E dai, depois, foi trabaiô também pra Alemanha, mai alemon, u:::::: 'aí ganhou dinheiro' aí ganhou dinheiro pra valer.(2) Trabaiô para Hitler(3)

Entrevistadora: É?

Entrevistado: É::: aquela cambada braba, né (4) é (3) é:: meio que eu me lembro, quando eu era rapaz, eu tinha quinze ano, e quando tava nas obra, me levava, as vezes ( ) a guerra ((tosse)) aí dizia "bom, agora vamo fazê isso, isso, isso ( ) má quando é nove hora nós temo que ir embora daqui, nom podemo ficá aqui, perigoso, por causa bombea- bombardea, enton noi se ia embora. E se morava fora da cidade, da cidade principal pra evitar de morer, é: ((riso)) (3) Ali também tinha o: depois das guera sim que deu bastante trabaio, foi um impulso, mai durou pouco (2) não tinha dinheiro:, e:ra: uma fase=uma fase=uma fase meia, ai entom que me ( ) que viemo embora, "vamo pra lá" (5) ( )(2)

Entrevistadora: A cidade que o senhor morava era Verona?

Entrevistado: Verona, é.

Entrevistadora: Aí vocês ficavam fora da cidade, em que lugar?

Entrevistado: Nói ( ) durante a guerra?

Entrevistadora: sim.

Entrevistado: no **Bunker.**

Entrevistadora: Bunker?

Entrevistado: Bunker, era=e:ra. Bunker era uma gruta. E se enfiava na gruta, ali era seguro, porque era profundo, era **grande** e depoi tanto tinha gente que se

escondia ali pra nom se::r preso, é:: tudo quanto (3) ali=ali foi= ali foi outros, né, e quando começava, de manhã, nove hora nói saia, vinha e: vinha pra Verona, quando era nove hora da manhã, botava, das dez da manhã botava, parava um pouco, aí depoi, só no outro dia a mesma coisa (3) era tudo u::m vai e vem e: um- medroso (2)

Entrevistadora: Ia muita gente pra este lugar?

Entrevistado: Sim, muita gente. Agora, colégio, escola, faculdade, tudo parado, não tinha, não funcionava nada, (3) é: (5)

Entrevistadora: Me fala mais sobre a sua tia que já morava no Brasil quando vocês vieram.

Entrevistado: Morreu tudo.

Entrevistadora: Quem era, como ela se chamava?

Entrevistado: Elenita, Elenita.

Entrevistadora: Elenita.

Entrevistado: Elenita. (6) é: agora, entre ele e meu tio, nom se davam, e separaron.

Entrevistadora: O tio, o esposo?

Entrevistado: É esposo, e: separaron, é:

Entrevistadora: Ela era sua tia ou ele?

Entrevistado: Ela.

Entrevistadora: Ela?

Entrevistado: Ele era meu tio (2) Ele era tio, e minha tia era minha tia, é:

Entrevistadora: Esposa dele.

Entrevistado: depois separaron.

Entrevistadora: Mas ele era irmão? Quem era tio mesmo, era ele?

Entrevistado: Ele. O símbolo é ele.

Entrevistadora: Ele era irmão do seu pai?

Entrevistado: É irmão do meu pai. /teve dificuldade de definir que Elenita não era tia e sim esposa ou ex-esposa do tio/

Entrevistadora: Como se chamava ele?

Entrevistado: Ele se chamava **Pedro** (2) 'Pedro' **Pedro Biondani** (3)

Entrevistadora: Quando é que ele veio pro Brasil?

Entrevistado: 27 é: (aqui houve um comentário da esposa) mai quando nói viemo qui ele nom tava mai, tava no Estados Unidos.

Entrevistadora: Foi pros Estados Unido?

Entrevistado: Ele ó:: ele deu o fora. E botou empresa lá também.

Entrevistadora: E nesta época o que é que ele fazia aqui?

Entrevistado: É::: construtor, son tudo na família. (4) É: (4) .

Entrevistadora: O que mais que o senhor lembra dele? .

Entrevistado: Dele só me lembro que é magro, eu vi, E::: brigon, também, temperamento forte, sabe, e ele, aqui, quando ele veio aqui ele veio procurá eu, não procurá meu pai, não se davam, herança e paiaçada, é:: (2) e aí, enton ficou comigo, **horas**, e depois, ele foi embora. **Ele... pensa que ele veio de carro (2) da Los Angeles, da Los Angeles, até Porto Alegre, ele veio de carro. Sabe o que que é isso?** É milhares de quilômetros. Ele me dizia pra mim "E: eu não aguento mais" "É, porque tio?" "Eu não aguento mais, to cansado" "Ah também, **burro que tu é**. Porque não veio de avion?" "É, porque tu sabe avion, é::: porque não tem confiança em avion?" "Não, tenho, tenho" "Enton vem de avion! É isso que tem que fazê." Aí depois voltou ( ) não falou mai. Não mandou carta, mandou mai nada. Mai tá, ficou contente. Ficou horas aqui, horas (3) É (7)

Entrevistadora: Mais alguma coisa que o senhor lembre a respeito da sua imigração?

Entrevistado: É: a minha tia p- exemplo, era dona de casa Elenita, Elenita era dona de casa. E Pedro era construtor. E que que é mai, é? (8) (o

Entrevistado demonstrou-se cansado)

Entrevistadora: Mais alguma coisa que o senhor queira me contar a respeito da sua vida?

Entrevistado: Olha, por enquanto, é:::: é isso, né (2) a nata, a nata da história tá aí (2)

Entrevistadora: Então, tá. Se nós-

Entrevistado: Serviu? Serviu?

Entrevistadora: Serviu! ((riso)). Se nós lembrarmos de mais alguma coisa, a gente pode ter uma segunda entrevista, um segundo momento da nossa entrevista?

Entrevistado: Tá bem, tá, se tivesse.

Entrevistadora: Tá. Eu lhe agradeço muito pela sua disposição, pela sua atenção.

Entrevistado: É: É:, forte, pesado, mai foi bom também porque, é::, agora escolhemo Porto Alegre por causa da minha tia, porque São Paulo e::: Rio, não gosto, não, pesado, son cidade grande, má pesado. Enton nói se locomovemo aqui, mai ante se experimentou a: São Paulo. A gente experimenta um pouco de tudo(2) Que: a luta da vida é assi memo, né ((riso)).

Entrevistadora: E como foi essa experiência em São Paulo?

Entrevistado: São Paulo, São Paulo, é uma loucura e Rio é outra.

Entrevistado: Em que ano vocês foram pra lá?

Entrevistado: Não, eu fui só a passeio. Só voltei quando casei, primeira vez eu fui com a esposa, São Paulo, Rio, tudo, Santos. Depois voltemo. Aí começo o trabalho também. E:: ma::i é::: uma locura. Agora, enton, piorou ((riso)). É isso aí, moça. É o que eu posso dizer agora ( ).

Entrevistadora: Então, tá. Muito obrigada senhor Paolo.

Entrevistado: Nada. Se precisar de alguma coisa, dá um grito aí.

Entrevistadora: Tá ok.

Entrevistado: Sabe onde eu moro.

Entrevistado: Agora eu já sei. Muito obrigada!

A interdisciplinaridade na análise da entrevista

Trata-se da entrevista realizada com o senhor Renzo Biondani, imigrante italiano que fazia parte da rede de relações do marmorista Leone Domenico Lonardi, também imigrante italiano, do qual o estudo de caso constitui o tema da minha pesquisa de mestrado. A análise parte do diálogo entre o aporte teórico-metodológico de "Narrativas Biográficas" da socióloga alemã Gabriele Rosenthal e as abordagens dos teóricos da História Oral. Nesta última, distintos especialistas tratam dos subsídios teóricos e metodológicos para entrevista e interpretação. No Brasil, atualmente, quando tratamos de história oral, as orientações de José Carlos Sebe Bom Meihy têm sido as mais requisitadas para a condução de entrevistas, enquanto a "Análise de Conteúdo" de Roque Moraes é a metodologia mais recorrente na interpretação das histórias de vida.

Nota-se, entre os historiadores, certa resistência em relação às abordagens de Rosenthal. Entretanto, este diálogo interdisciplinar entre sociologia e história pode trazer grandes contribuições para a história oral, principalmente quando aplicada à história social. Um dos grandes diferenciais da autora é que ela procura fundamentar teoricamente suas escolhas pelos próprios procedimentos adotados na produção e análise dos dados, ou seja, a teoria emerge da pesquisa e da análise dos dados pesquisados. O método para a condução da entrevista visa narrativas biográficas produzidas pelos próprios Entrevistados, sendo que a interferência do Entrevistador deve ser a mínima possível. O primeiro item a ser seguido no método de condução das entrevistas de Rosenthal é que a entrevista deve ser aberta. O Entrevistador não apresenta um questionário ao Entrevistado ou estrutura a entrevista de antemão, apenas anuncia o tema da pesquisa e solicita que o Entrevistado conte toda a sua história de vida, desde os seus pais. No exemplo aqui apresentado, apenas foi dito ao Entrevistado que me interessavam as suas experiências de imigração. Neste item, as orientações da autora não se afastam muito dos pressupostos de Bom Meihy, que diz que, na história oral de vida, o sujeito deve ter autonomia e espaço para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal (BOM MEIHY, 1996). Para Rosenthal (2014, p. 171), a entrevista deve ser aberta a fim de "evidenciar os processos interativos da produção de significado e de conhecimento". O "princípio de abertura" oferece ao autobiografado "espaço para o desenvolvimento da *Gestalt*"[3] (ROSENTHAL, 2017, p. 251). E deve ser solicitado que a narrativa inicie pelos pais. A autora considera que a história da família é de suma importância para entender a história do indivíduo. Além disso, evita que o relato se restrinja ao eixo temático. Tanto em Narrativas Biográficas quanto na História Oral, estímulos podem ser utilizados no decorrer da entrevista, como esboçar um "sim", por exemplo. Rosenthal (2017, p. 242) orienta que o Entrevistador proceda a uma

[3] Doutrina que defende que, para se compreender as partes, é preciso, antes, compreender o todo.

escuta atenta e ativa, oferecendo apoio não verbal, sobretudo por meio de gestos, contato visual e postura corporal. Desta forma, o Entrevistador demonstra seu interesse pelo relato do Entrevistado.

Eis que Rosenthal traz uma novidade que considero uma das maiores contribuições no que se refere ao método da entrevista: o Entrevistador, em constante atenção ao Entrevistado, deve anotar os tópicos da sequência temática espontaneamente proposta pelo Entrevistado, respeitando mudanças repentinas de assunto e de ritmo. A estruturação do fluxo dos relatos do Entrevistado deve ser respeitada. Desta forma, o fluxo de memória não será interrompido. O principal objetivo deste procedimento é obter relatos mais longos, formulados autonomamente sobre histórias de vida ou a respeito de determinada temática. Os tópicos anotados constituirão o roteiro para a segunda fase da entrevista, que deve se iniciar após o Entrevistado sinalizar o término de sua narrativa. Esta é a fase de perguntas e estas devem levar em conta os códigos linguísticos do Entrevistado (deve ser anotado tal como o Entrevistado falou) e a sequência da narrativa. Nesta fase, haverá o desdobramento dos temas apontados como importantes pelo Entrevistado, confirmando passagens do relato ou aprofundando algum assunto tratado. Obviamente, o Entrevistador terá sua participação na escolha destes temas. Ele irá destacar os temas que vão surgindo e os que o Entrevistado dá mais ênfase. Entretanto, será inevitável assinalar a menor menção, que surja no relato, relacionada ao eixo temático da pesquisa do Entrevistador. Neste caso, sobre o evento migratório. Se, porventura, o tema principal da pesquisa não for mencionado, na última fase da entrevista, o Entrevistador poderá propor relatos sobre aspectos até então não mencionados, mas que podem ser de seu interesse.

Para a transcrição da entrevista, Rosenthal estabelece que esta deva ser completa e de acordo com sua forma audível, ou seja, o mais fielmente possível, reproduzindo erros linguísticos, sotaques e os mais diversos sons produzidos pelo Entrevistado, como tosse, suspiros etc. Para representar estes sons, assim como

os silêncios, interrupções, ênfases etc., a autora oferece uma série de sinais de transcrição que serão observados na transcrição apresentada aqui (ROSENTHAL, 2017, p. 293). Creio que apenas dois sinais precisam ser previamente explicados. Quando um número aparece entre parênteses, representa a duração de uma pausa, em segundos. Quando há um espaço vazio entre parênteses, o comprimento deste espaço corresponde mais ou menos à duração de uma declaração incompreensível.

Para os historiadores, após a transcrição da entrevista, o depoimento oral fora convertido em documento escrito e, portanto, deve ser analisado e interpretado de acordo com os mesmos pressupostos empregados em análise e interpretação de textos escritos. Para tal, no Brasil, o método de Análise de Conteúdo é o mais utilizado e Roque Moraes oferece o aporte mais consistente e que mais se adapta à história oral. Resumidamente, Moraes orienta que após uma leitura atenta do material, o pesquisador deve definir unidades de análise e a partir daí proceder à categorização, agrupando dados, considerando a parte comum existente entre eles. Em seguida, é realizada a descrição, como primeiro momento da comunicação do trabalho. E por fim, deve-se procurar atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens através da inferência, na pesquisa quantitativa, e da interpretação, na pesquisa qualitativa. Neste último caso, deve haver um movimento de procura de compreensão, um esforço de interpretação, tanto sobre conteúdos manifestos pelos autores como também sobre os conteúdos latentes, explorando tanto a objetividade quanto a subjetividade das informações (MORAES, 1999, p. 12-20).

Para Gabriele Rosenthal, assim como a entrevista não deve ser orientada por hipóteses, seguindo o "princípio de abertura", na análise de dados o texto não deve ser submetido a categorias, evitando classificar partes tomadas isoladamente e incluir o texto em sistemas cotidianos e científicos de relevância e de hipóteses. Antes sim, deve-se procurar reconstruir as regras de sua estruturação. Se na realização da entrevista deve ser oferecido, ao

Entrevistado, espaço para o desenvolvimento da *Gestalt*, na análise, deve-se evitar a destruição da *Gestalt* (ROSENTHAL, 2017, p. 251). O trabalho da autora na análise dos dados é exaustivo, numa série de procedimentos, relacionando sempre a história de "vida narrada" e a história de "vida vivenciada", baseados em três princípios: 1) Reconstrução – baseado no procedimento da abdução[4]; 2) Sequência – análise sequencial da estrutura temporal e da estrutura temática; 3) Contraste da *Gestalt* (ROSENTHAL, 2017, p. 252). Para tanto, é necessário realizar previamente um levantamento de dados da "vida vivenciada" do autobiografado. Trata-se de acontecimentos vivenciados pelo Entrevistado, relatados ou não na entrevista, como: casamento, nascimento de filhos, falecimento dos pais, formação profissional, constituição de uma empresa, fatos históricos (guerras, catástrofes etc.). Considero este procedimento bastante útil ao trabalho de análise e interpretação das fontes orais pelo historiador, na medida em que o contexto do indivíduo não é apenas apresentado, mas, antes, a sua história de vida é reconstruída através da relação entre os dados levantados pelo pesquisador e os dados narrados.

Outro procedimento que considero importante é o estabelecimento de hipóteses sobre o genograma e sobre os dados levantados sobre a família do Entrevistado, assim como sobre a análise do texto da entrevista e seus campos temáticos. O pesquisador deve levantar todas as hipóteses que seus conhecimentos sobre o tema e sobre a vida do Entrevistado possam sugerir, comprováveis ou não. O levantamento de hipóteses que o pesquisador sabe, de antemão, que são falsas é um procedimento utilizado pelos antropólogos. Elas possibilitam que o pesquisador perceba as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo, que seu destino não estava determinado previamente, que havia

[4] A abdução, na filosofia, é uma das três formas canónicas de inferência para estabelecer hipóteses científicas, utilizado certos dados para se chegar a uma conclusão mais ampla.

outras possibilidades, outros caminhos e que ele fez escolhas e desenvolveu estratégias.

Objetivos da entrevista

Através destes pressupostos teórico-metodológicos, procuro entender como se deu o evento migratório para Renzo Biondani, quais foram suas dificuldades, suas estratégias e seus êxitos. A partir do relato desta experiência, procuro me aproximar da experiência imigratória de Leone Lonardi, meu objeto de estudo, considerando a impossibilidade de obter dele próprio tal relato. É importante salientar que a surdez e as falhas de memória do Entrevistado ocasionaram certas dificuldades à entrevista. Entretanto, o registro destas impressões é de suma importância, uma vez que poucos imigrantes deste período, década de 1950, sobrevivem. Além disso, Renzo Biondani era detentor de uma memória herdada, sobre a imigração de seu tio Pedro Biondani e do amigo Leone Lonardi, na década de 1920. Após esta entrevista, foi realizada uma segunda entrevista a fim de esclarecer alguns pontos mencionados e elencar pontos não mencionados, importantes para a pesquisa. Poucos meses após as entrevistas, o senhor Renzo Biondani faleceu, o que torna mais importante a preservação deste registro, considerando a impossibilidade de se realizar novas entrevistas.

***Memo* da entrevista**

Conforme estabelece o método de análise de "narrativas biográficas", logo após a entrevista foi realizado um *memo*, a fim de registrar detalhes e impressões do contexto da entrevista. Algumas destas anotações merecem destaque: A entrevista foi realizada na casa de Renzo Biondani, uma casa antiga, em uma rua bastante tranquila do bairro Glória, em Porto Alegre. A entrevista durou cerca de 40 minutos. Cheguei às quatorze horas, como

combinado. Fui recebida por sua esposa que disse que ele ficou feliz ao saber do meu interesse por sua história. Ela disse também que ele gosta muito de falar do passado. Quando cheguei, o senhor Renzo estava descansando, após o almoço. Eu disse que não se preocupasse, pois não havia pressa e eu aguardaria o tempo necessário. Quando acordou, a esposa o acompanhou até a sala, onde eu o aguardava. Na sala de estar, bem arejada e iluminada, a porta de entrada permaneceu aberta durante a minha visita. Quando o Entrevistado chegou à sala, a esposa fez as apresentações, nos cumprimentamos e iniciamos a entrevista. A esposa já havia explicado o propósito da entrevista por conta da sua deficiência auditiva, em função da idade. Ele se mostrou interessado em contar sua história. A esposa disse que ele adorava contar suas histórias de vida e que ele tinha ótima memória. As primeiras falas foram muito curtas. Parecia esperar que eu tivesse um questionário. A deficiência auditiva atrapalhou um pouco a comunicação. A esposa ficou sentada diante de nós e se mostrava ansiosa quando ele parava de falar. Houve um momento em que ela procurou estimular sua memória. Enquanto eu o ouvia falar, o canto dos pássaros se impunha na calma da rua e chamava a minha atenção em alguns momentos. Em um único momento, houve certo tumulto no ambiente causado pela entrada de um caminhão na rua que alvoroçou o cãozinho da família. O celular tocou e a entrevista foi interrompida por alguns segundos. O Entrevistado é bastante simpático e solícito. Senti-me um pouco constrangida em ter que falar mais alto, em função da surdez do Entrevistado. Ao final da nossa conversa, após a entrevista, ele comentou sobre sua memória, dizendo que se lembrava de tudo como em um filme.

Reconstrução biográfica

Alguns resultados surgiram da reconstrução biográfica realizada a partir do confronto dos dados da “vida narrada” com a

"vida vivenciada" do Entrevistado. Quando o Entrevistado, Renzo Biondani estava com 96 anos. Nasceu em Verona, Itália, tal como seus pais. O pai, Ghino, nasceu em 26 de abril de 1900 e a mãe, Maria, nasceu em 18 de maio de 1902. Os avós paternos se chamavam Angelo e Maria, e os avós maternos, Giuseppe e Adele. Segundo ele, os avós também eram veroneses. Renzo não mencionou os avós e o tio Natale na primeira entrevista, assim como não mencionou as datas de nascimento dos pais e da irmã. Estes dados foram colhidos em uma visita posterior, que teve como objetivo montar o genograma da família. Acessei, também, os dados de nascimento de Renzo, dos seus pais e de sua irmã, através das fichas de imigração encontradas no site *familysearch*. Soube, então, da existência de dois tios paternos, Pedro e Natale. A única irmã de Renzo, Anna Maria, nasceu em 22 de outubro de 1935, em Verona. Na Itália, o Entrevistado vivia com o pai, a mãe, e a irmã. Seu pai, seus tios e seu avô eram construtores civis. Renzo chegou ao Brasil em 1952, com os pais.

Os pais de Renzo nasceram na virada do século XIX para o XX. Em 1914, no início da Primeira Guerra Mundial, eram, portanto, pré-adolescentes. Em 1915 a Itália aceitou o convite britânico para se unir aos aliados na guerra. Para sorte de Ghino, pai de Renzo, ao chegar à idade militar, em 1918, a guerra chegava ao fim, porém a situação econômica na Itália não era nada animadora, após esta ter envolvido importantes recursos no combate. Em 1920, o jovem Ghino vivenciou a famosa Greve Geral que envolveu mais de dois milhões de trabalhadores na Itália. Em 1922, ocorreu a Marcha Sobre Roma, uma manifestação que exigiu que o rei Vitor Emanuel III entregasse o poder ao ditador fascista Benito Mussolini. Mussolini ganhou a adesão da população por promover o desenvolvimento econômico da Itália. Apesar deste contexto, em 1927, o tio de Renzo, Pedro, construtor civil, veio para o Brasil, quatro anos antes do nascimento de Renzo.

Na década de 1930, em alguns países da Europa, surgem os governos totalitários com fortes objetivos militaristas e

expansionistas, como o nazismo, liderado por Hitler, na Alemanha, e o Partido Fascista, liderado por Benito Mussolini, na Itália. Tanto a Itália quanto a Alemanha passavam por uma grave crise econômica no início da década de 1930, com milhões de cidadãos sem emprego. Uma das soluções tomadas pelos governos totalitários foi a industrialização, principalmente na criação de indústrias de armamentos e equipamentos bélicos (aviões de guerra, navios, tanques etc.). Em 1935, os exércitos italianos ocuparam a Etiópia. O poder e o prestígio do fascismo estavam em plena ascensão. Em 1939, iniciou, então, a Segunda Guerra Mundial. O pai de Renzo trabalhou para Hitler, construindo estradas de ferro. Em 1944 sua casa foi destruída por uma bomba.

Em 1952, Renzo, o pai, a mãe e a irmã chegaram a Porto Alegre. Em 1953, ele e o pai abriram uma empresa de construção civil nesta capital. Em 1959, sua irmã Anna faleceu. Em 1963, casou com a primeira esposa, Jandira. Jandira foi professora no Colégio Glória. Em 1969, faleceu o pai. Em 1982, faleceu a mãe. Em 2012, faleceu a primeira esposa, Jandira. Em fevereiro de 2017, constituiu união estável com a então atual esposa, Marisa.

Interpretações

O contraste entre "vida narrada" e "vida vivenciada" e o estabelecimento de hipóteses sobre todos os dados levantados deu origem a algumas interpretações. É possível imaginar que o depoente, ao ser solicitado a falar sobre sua história de vida, desde a Itália, antes da imigração para o Brasil, poderia tanto ter iniciado seu relato evidenciando sua própria trajetória de vida quanto ao que chamo de grande grupo familiar (formado por ele, os pais, os irmãos, os avós e os tios), ou pelo que chamo de pequeno grupo familiar (formado por ele, a irmã e os pais). O Entrevistado diz que se passava com o pai, a mãe e a irmã. Portanto, escolheu começar sua narrativa pelo pequeno grupo familiar. É razoável supor que ele desse especial importância à família, simplesmente por seguir a

tradição italiana que tem nos grupos familiares suas principais estratégias de sobrevivência. Esta importância da família na vida de Renzo pode ter se intensificado em determinados momentos de sua vida, como durante a guerra, no período de crise econômica do país, no pós-guerra ou no evento de imigração da família. O fato de a família ser um elemento de permanência entre o passado mais remoto, na Itália, e o passado mais próximo, no Brasil, que, portanto, permanece mais viva em sua memória, em relação à Itália, pode explicar sua preferência. Entretanto, deve-se levar em conta que esta escolha pode ter se dado também pelo fato de ter sido feita a referência, antes da entrevista, ao evento de imigração, remetendo assim às lembranças de Entrevistado ao pequeno grupo familiar, que esteve presente no referido evento.

Na sequência, o Entrevistado diz que formavam uma família unida. Esta avaliação da situação do pequeno grupo familiar na Itália como de união, poderia ter em vista a desunião do grande grupo familiar, incluindo avós e tios. Sabemos que seu tio Pedro havia partido para o Brasil em 1927. Esta ideia de união familiar de Renzo poderia também ter sido reforçada pela resistência da família às adversidades enfrentadas durante a guerra e a crise econômica do pós-guerra. A ideia de união familiar igualmente pode ter sido reforçada pela própria experiência imigratória do pequeno grupo familiar. Outra hipótese é de que a ideia de união familiar tenha sido reforçada pelo falecimento precoce da irmã, aos 23 anos, seguido do falecimento do pai e da mãe.

Um dos dados importantes nesta reconstrução biográfica é a vinda do seu tio Pedro para o Brasil, em 1927. A Itália vivia um período de desenvolvimento urbano e tecnológico promovido pelo fascismo, o que oferecia também grandes vantagens a uma família de construtores. Tendo em vista que a família paterna de Renzo tem em comum o ofício de construtores civis, podemos supor que ele tenha nascido em uma família com boas condições financeiras. Neste período em que somente os homens saíam para o mercado de trabalho, uma família como a do pai de Renzo, que possuía

quatro homens adultos, tinha grandes possibilidades de ser bem sucedida financeiramente. Além disso, Renzo não mencionou que a família passasse por problemas financeiros antes de seu nascimento. Desta forma, não possuímos dados para relacionar a migração do tio com as tradicionais estratégias familiares de sobrevivência dos italianos que imigravam para o Brasil. Portanto, uma hipótese para a migração de Pedro poderia ser a de conflitos familiares. Podemos considerar também que Pedro tenha sido impulsionado por seu espírito aventureiro. Elenita, a esposa brasileira de Pedro foi quem enviou o chamado do Brasil, em 1952, para a família de Renzo que estava na Itália. Na segunda entrevista, Renzo disse que Pedro já não estava no Brasil quando a família aqui chegou. Havia abandonado a esposa e o filho e partido para os Estados Unidos. Não sabemos se quando Elenita visitou a Itália, Pedro estava com ela. É possível imaginar que não, considerando que ele não foi mencionado neste relato.

Não sabemos se o pai de Renzo, Ghino, continuava trabalhando junto com o avô e o tio Natale na construção civil e se mantiveram unidos os bens e a família, em 1931, quando nasceu Renzo. Mesmo supondo que tivessem boas condições financeiras, é possível que houvesse grandes conflitos familiares. Neste período em que Ghino e os irmãos definem os novos rumos de suas vidas, constituindo ou planejando constituir novas famílias, poderiam surgir disputas em torno dos bens adquiridos pelo grupo familiar. No caso de uma ruptura, esta poderia ter se dado no âmbito das relações financeiras, ou seja, em torno dos negócios da família ou nas relações familiares, ou, até mesmo, nas duas instâncias.

Durante a Segunda Guerra Mundial, como já foi dito, o pai de Renzo, construtor civil, trabalhou para os alemães, construindo estradas de ferro. Renzo relatou que, neste período, o pai ganhou muito dinheiro e que trabalhou para Hitler, mas enfatiza: “aquela cambada braba, né”. Negando, assim, cumplicidade com as ideias nazistas. Renzo fica em silêncio por alguns minutos após este relato. Ele lembrava, vagamente, que, quando tinha em torno de

quinze anos de idade, acompanhava o pai no trabalho. Este lhe ensinava e dizia que quando chegasse às nove horas, tinham que ir embora, em função dos bombardeios. Moravam fora da cidade e dormiam em um *bunker*, onde muita gente se refugiava. Viviam num vai e vem, sempre com medo. Renzo mencionou que colégios, escolas e faculdades não funcionavam. Esta ênfase, provavelmente se deva a um ressentimento de Renzo por ter tido seus estudos prejudicados. Ele não menciona o fechamento de outros estabelecimentos, como comércio, por exemplo.

Em 28 de março de 1944 a casa de Renzo foi bombardeada. Verona estava sob a Linha Gótica que representou uma das últimas e grandes defesas elaboradas pelos alemães. Sua finalidade principal era retardar ao máximo, e se possível bloquear, os avanços aliados. Utilizando mais de 15 mil trabalhadores escravos, os alemães e fascistas italianos criaram mais de dois mil pontos de fortificação; ninhos de metralhadoras, casamatas, *bunkers*, postos de observação e artilharia. Entre 1943 e 1945, ocorreu a chamada campanha da Itália: uma série de perpetrações dos aliados que pretendiam reconquistar o Mediterrâneo. Invadiram a Sicília e depois o sul da Itália, avançando gradativamente para o norte. Renzo começou o relato da destruição de sua casa com a expressão alemã *Kaputt*, que significa quebrou: "A nossa casa *Kaputt*". E demonstrando o desespero da família ao perder a casa, Renzo diz: "Fazê o quê? Reformá o quê? Que tinha caído tudo. Deu uma bomba. Caiu bem no centro da minha casa." Esta última frase, em que ele diz "minha casa", sugere que a perda da casa teve uma grande importância pessoal para Renzo. Um lugar de memória. Ironicamente, a casa que possivelmente tenha sido construída com o dinheiro ganho nos trabalhos realizados para os alemães, em função da guerra, fora destruída por esta mesma guerra. A Linha Gótica foi parcialmente rompida pela primeira vez durante a "Operação Oliva" – também conhecida como a "Batalha de Rimini" – em setembro de 1944. Porém, as forças alemãs foram ordenadas a se retirarem.

A família Biondani chegou a Porto Alegre em 1952. Renzo relatou que o motivo da imigração seria uma crise na construção civil, na Itália, e que ele e seu pai enfrentaram dificuldades para conseguir trabalho, em função da concorrência. Sabemos que, na Itália, este é também um período em que a economia está em alta. É o período de grande desenvolvimento industrial conhecido como "Milagre Econômico", que compreende especialmente de 1950 a 1963. Se considerarmos o contexto nacional italiano, a justificativa de Renzo para a imigração poderá cair por terra. Entretanto, devemos considerar a hipótese de que eles não tenham se adaptado às técnicas mais modernas de construção, decidindo imigrar para o Brasil onde suas técnicas eram consideradas modernas. Sabemos que Porto Alegre vive, neste período, um processo de modernização urbana e verticalização da cidade. O crescimento populacional e os investimentos em obras públicas expandem o mercado da construção civil, exigindo, assim, mão de obra especializada. Podemos desconsiderar também a hipótese de que conflitos familiares – financeiros, afetivos, ou ambos – entre Ghino, o pai e o irmão Natale na Itália, tenham determinado a mudança para Brasil. Uma terceira hipótese para a decisão da família de migrar pode estar relacionada com o fato de que a família Biondani, no pós-guerra, por ter sido fascista, tenha sofrido problemas de adaptação social e inserção no mercado que se abria na Itália nesta fase.

No ano seguinte à sua chegada, em 1953, Renzo e seu pai abriram uma empresa de construção civil, uma empreiteira, em Porto Alegre. Sabemos que no final dos anos 1950 a verticalização da cidade foi acentuada pelo primeiro Plano Diretor de Porto Alegre, fazendo o município conhecer o maior crescimento edilício de sua história, o que alterou significativamente a morfologia urbana. A segunda metade do século XX foi caracterizada por um acelerado crescimento urbano e populacional.

Considerações finais

A análise e a interpretação da entrevista de Renzo Biondani ajudam a entender o fenômeno migratório; os diversos contextos dos imigrantes italianos, na Itália e no Brasil; as dificuldades enfrentadas por estes imigrantes; as estratégias desenvolvidas para o enfrentamento destas dificuldades; e os motivos de suas escolhas. Sem buscar confirmação das hipóteses levantadas, não houve a pretensão de alcançar a verdade, e sim, de promover a reflexão a fim de nos aproximar do entendimento do período e do fenômeno.

Referências

AMBROSINI, Maurizio. **Sociologia dele migrazioni**. Bologna: Il Mulino, 2005.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 78 p.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às "outras Américas". **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 7-37, jul. 2007.

DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maíra Inês *et al.* (Org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

LEVI, Giovanni. Reflexões sobre parentela. In: VENDRAME, Maíra Inês *et al.* (Org.). Micro-história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: Oikos, 2015.

MENEGOTTO, Renato. **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre**: 1892-1930. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

ROSENTHAL, Gabriele. **História de Vida Vivenciada e História de Vida Narrada**: Gestalt e estrutura de autoapresentações biográficas. Tradução do alemão por Tomás Costa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

_____. **Pesquisa Social Interpretativa**: uma introdução. Tradução de Tomás da Costa; rev. Hermílio Santos. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

SALLES, Maria do Rosário R. Imigração, Família e Redes Sociais: a experiência dos 'deslocados de guerra' em São Paulo, no pós Segunda Guerra Mundial. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., 2004, Caxambu, MG. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1330/1294>. Acesso em: 10 fev. 2019.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

Fontes digitais

Site de genealogia *Family Search*: https://www.familysearch.org.

Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/segundaguerra/>.

Participação da Itália na Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/participacao-da-italia-na-segunda-guerra-mundial>.

9

A resistência antifascista entre os imigrantes italianos em Porto Alegre

Tamara Zambiasi Superti de Oliveira

Entrevista

Transcrição de parte da entrevista realizada com Norma Superti (nascida em 16 de abril de 1943) concedida à autora em 15 de dezembro de 2018, em Porto Alegre

... O que eu ouvia falar – não é? – no caso, é... muito pela minha tia Giosefina. Meu pai falava muito pouco, então eu soube através da minha tia, soube através de outros tios, né? Dos primos, enfim, que a gente começou a... a se informar melhor, se interessar, né, melhor. E então, vieram de... da província de Cremona, foi 1921.

Quem veio?

O... o Luiz... existe aí uma controvérsia assim, sempre eu tinha o meu avô como... Atílio Superti, que é o nome da rua, né? Porém, quando eu pedi o... a certidão de nascimento dele para fazer a cidadania, aconteceu o seguinte, quando eu recebi, eu fiquei surpresa, porque não tinha Atílio, era (Luigi) Superti, né? Eu não sei porque é que aqui ele... resolveu ter outro nome. Era Atílio Superti.

E ele veio com quem da Itália?

Ele veio com toda a família, não é? Veio... o meu pai veio com... com os meus avos, né?

O teu pai, quem era?

O pai, Tranquilo Superti. Ele veio com os meus avós. Agora eu não sei se eu digo Atílio Superti ou (Luigi) [risos] Bom, e com nona (Anunciata Bottini), que era a minha avó, tá? Que era natural de Bozzano. Então, eles vieram por conta própria, eles não vieram como imigrantes, eles vieram fugidos do regime Mussolini. Estavam com muitas dificuldades lá, não é? Então vieram meus avós, quatro... três filhos, o

mais velho, ou seja, os quatro filhos seriam: o meu pai, o Tranquilo, o Giordano e a Giosefina. O Carlo, que era o mais velho, não veio junto, ele ainda não aparece no passaporte porque estava na idade de servir na Itália. Ele veio, acho, como clandestino, ou seja, fugido, eu acho, porque ele não poderia ter saído. Entendeu? Então ele não aparece no passaporte. A foto dele não está no passaporte. Então, eles vieram... eles vieram com dinheiro, então se estabeleceram – segundo eu sei – na... na Andradas, compraram um hotel. Acho que eles foram morar nesse hotel e já servia de... de negócio, né, deles então. O... o meio de sobrevivência deles. Mas como eles tinham muita dificuldade como se comunicar, né? Não falavam... ninguém falava português, eles fo... começaram a ser roubados, de roubar talheres, roubavam roupa de cama. Enfim, eles começaram a sentir que estavam sendo prejudicados, resolveram vender. E foram comprar terras para fazer aquilo que eles que faziam na Itália, que eles eram contadinos, né? Meu avô era contadino.

Norma, qual era o nome do hotel? Tu lembras?

Pois eu não sei. Eles foram procurar terras para comprar, para fazer o mesmo que eles faziam na Itália, que eles eram agricultores, né? E aí eles conseguiram terras no bairro Campo Novo, lá onde mora o André. Só que lá – segundo uma prima minha, que isso eu também ainda não sabia –, eles foram também passados para trás por uma família alemã, que venderam as terras, fizeram uma negociata lá e eles perderam. Aí eles compraram... eles conseguiram comprar terras ali na... na própria Atílio Superti, hoje é... do Juca Batista.

A rua Atílio Superti é... é em função do teu avô.

Sim. Onde eles moravam, sempre moraram, né? Era uma... uma pequena estradinha e no meio, porque era uma zona rural, né? Era uma estradinha e meio... a um mato, né? E ali eles fizeram, colonizaram, plantaram... plantavam ameixa, pêssego, é... uva, é... verduras, legumes. E tinha... a minha tia Giosefina plantava flores também, e eles levavam para o mercado. Todos faziam a mesma coisa, mas todos tinham... eram independentes, tinham as suas terras, o seu pedaço de terra que era bastante, não era pouca coisa. E cada um tinha a sua maneira de viver ali. Não era tudo junto, cada um tinha os filhos, tinham, né? E então, é... como eu te falei, o Juca Batista tinha um armazém lá embaixo em Ipanema, que era mais ou menos perto. Porque as terras deles ficavam mais perto da Eduardo Prado, Cavalhada, do que do bairro Vila Nova propriamente dito, né? Porque ela começa, na verdade, a Atílio na Vila Nova e termina na Cavalhada. Bom, então ali eles se estabeleceram com ajuda do Juca Batista, é... tem um episódio que a minha prima me contou, ela até botou uma nota na Zero Hora agradecendo a família Juca Batista, que ajudaram muito eles quando eles vieram pra cá. Porque os italianos mesmo, porque a Vila Nova era só italiano. Dá até para eu te dar uma relação de italianos que... na Vila Nova, incrível, que vieram antes. Eles não eram muito de se ajudar não, segundo a

minha tia. E então o Juca Batista ajudou eles. Tem um episódio assim que eu não... eu não consigo assim, te explicar bem porque eu não sei bem a fundo, mas eu vou procurar me informar. Que Juca bati... que os meus... meus é... vamos dizer assim, meus tios, eles tinham um negócio com o carvão com eles. Carvão. Eu não sei se eles é, produziam carvão e davam para ele vender, o Juca Batista vendia pra ajudar. Mais ou menos uma coisa assim. E... que não era o meu pai que falava, né? Era o meu tio, pai da Gileza, que me falava isso. Bom, então ali eles se estabeleceram, né? E... fizeram a vida ali, né? Eles tiveram uma vida boa, de fartura, porque eles tinham tudo que precisavam, né? Eles levavam aquelas quitandas para o mercado, enfim. Porém, meu pai casou, né? Casou com... com... minha mãe era uma família da... que veio da Itália também. E... ela veio de... da Toscana, cidade de Pescia. E eles vieram um ano depois, e eles se conheceram aqui no Brasil. Porque quando eles vieram, eles vieram... vieram, parece que vieram eles... o navio aportou em... Rio de Janeiro e eles vieram direto pra cá.

Mas eles também vieram fugidos do... do regime do Mussolini?

Sim, a mesma coisa. A família da minha mãe veio um ano depois, então... da minha mãe não sei bem se meu avô veio, acho que ele não veio junto também, ele veio meio clandestino.

E o Atílio Superti, ele veio... tu sabes se ele tinha alguma ação política, se ele desenvolvia um papel político na Itália?

Eu tenho impressão que sim, porque ele era um... diziam que ele era um sindaco, não sei o que é que significa sindaco, né? É o tipo de um... que era uma província, né, que eles moravam. Ele acho que era um tipo de um... prefeito, de um... de uma pessoa que... que controlava a cidadezinha muito pequena, né? Eu acho que é mais ou menos [corte] avós. Não, só a nona Anunciata que eu conheci, mas eu era pequeninha, muito pouca lembrança, rara assim dela, né? Bom, aí então... quando o meu pai e a minha mãe se conheceram, o... pai da minha mãe comprou um... um terreno ali perto, porque na verdade aí eu vou ter que te contar toda a história deles. Eles vieram porque um primo já estava morando aqui no Brasil.

Qual é o nome da família da tua mãe?

Da mãe é... Piattelli (Bini). Quando a família da minha mãe veio, meu avô, eles se estabeleceram na Azenha, porque um primo do meu avô já estava estabelecido, né? E ele veio para trabalhar em uma marmoraria, eles trabalhavam com mármore, esse primo. Ele veio trabalhar ali e ficaram morando ali, até construíram uma casa ali na Azenha. Meu avô. E ela era... Emília Piattelli (Bini), a minha avó. E eles se estabeleceram ali, depois houve um desacerto entre eles, entre o meu avô e o primo. Aí ele veio então, comprou o terreno ali pertinho de onde eles moravam, no bairro Vila Nova. E ele foi morar ali. E o meu pai não sei por que cargas d'água ele se desencantou com a agricultura, porque ele queria mesmo

era... trabalhar... ele gostava muito de trabalhar com pedras, meu pai. Cortar pedra, pedreira, essas coisas assim. E lá nessa... nesse lugar tinha... tinha umas pedreiras. E o meu avô materno convidou o meu pai pra trabalhar com ele, aí ele começou a se desinteressar pela... pela chácara, né? Começou a se desinteressar. E a minha mãe como era uma moça da cidade, acostumada com outros tipos de vida, não era uma vida de interior onde tinha galinha, vaca, porco e... e plantação e coisa. Ela também começou a se desgostar – não é? – daquilo, aí o meu pai resolveu vender a parte dele das terras, comprou aquele terreno lá que as gurias trabalhar com pedra, cortar pedra e vender pedra. Até para... pra fazer as... como é? Esses asfaltos assim, na... na cidade, né? E até pedras para a catedral metropolitana ele chegou a cortar. Uns "pedrãos" enormes.

Ele tinha uma empresa ou ele trabalhava na...

Naquela época eu acho que nem tinha, era eu acho que era uma coisa assim... como um pedreiro, né? Vamos dizer assim, né? Trabalha e faz os trabalhos dele. Ele... eu acho que era assim, que eu não sei porque eu era muito pequena, né? Aí ele começou a trabalhar assim, e aí a minha... e aí alugou uma casa no bairro Campo Novo para nós morarmos, enquanto que ele não construía casa na Juca Batista. Aí ele construiu uma casa, uma obra para nós, aí depois nós fomos morar na Juca Batista.

E o teu pai tem lembranças do avô... do pai dele, do teu avô, de histórias do teu avô na Itália?

Meu pai nunca falou, meu pai era uma pessoa muito revoltada. Segundo a minha tia, quando eles vieram o meu pai já tinha 14 anos, ele era uma adolescente, né? E quando ele chegou aqui o meu avô não deixava... não queria que falasse o... o italiano, que tinham que aprender a língua da terra que acolheu. Entendeu? Ele não fez questão de botar em uma escola pra aprender português. E na escola eles eram... como é se chama? *Bullying*, faziam *bullying*, riam, debochavam. E ele se revoltou, não estudou mais, não quis mais estudar. Então ele era bem revoltado assim. Entendeu? E eu acho que... devido a isso eu acho que ele também vivenciou uma vida não muito boa lá na Itália, ele não queria falar, ele nunca falou para nós, de nada. Como é que era a mãe, como é que era o pai, onde é que vieram. Nunca, eu soube através das minhas tias que foram contando. E a gente também não se interessava em saber, porque aquilo para nós, nós éramos crianças. A gente não tinha aquele interesse de saber. A gente começou a se interessar depois, né? Parece assim que abriu, né? Sou filha de... de imigrantes, tem uma história tão boa. E tem história para contar, sabe? Aí a minha tia começou a falar. Aí o Giordano também falava com as filhas, e as filhas, minhas primas, a gente contava coisas uma para as outras.

Mas tu tinhas comentando que o teu pai teve alguma atuação política aqui em Porto Alegre, né?

Sim, sim. O pai, ele era comunista, né? Ele era um admirador do Luís Carlos Prestes, ele... ele tinha livros, ele tinha tudo sobre o Luís Carlos Prestes. Inclusive, é... falavam que eles tinham encontros com pessoas influentes na política e tal. Que eles faziam... era tudo às escondidas, eram encontros que eles faziam até nas pedreiras, no meio do mato. Não sei se é a Gileza que tem uma foto, eu vou pedir, que aparecem eles em uma pedreira, numa reunião, né? Porque era tudo, era... era muito escondido, né? Entendeu? E ele... a mãe tinha muito medo, a mãe tudo que era o Luís Carlos Prestes, informativos, livros, enfim, ela escondia, ela tinha muito medo. Devia ter motivo pra ter medo. E ele... sempre atuou assim, ele ajudava muito as pessoas, é... muito pobres, né? Na nossa zona lá. É... pessoas que não tinham uma assistência social, não sabiam como iam fazer, ele ajudava nesse sentido. Eu me lembro bem disso aí, né? E eu lembro também assim, eu acompanhei muito a atuação dele política, porque eu fiz parte, né? Porque eu lembro que a mãe fazia baldes de cola, cola de polvilho. [risos]

Tu lembra dela fazer?

Claro. Era para colar os cartazes nos postes, fazendo aquelas propagandas políticas. E o pai também saía de madrugada às escondidas assim, na calada da noite com... uma lata de cal, uma brocha e fa... e para pintar a faixa, que naquela época lá já tinha uma faixa de [piche], onde você, né? A Juca... Juca Batista. E ele pintava o nome do candidato assim, né? Isso ele fazia também.

Em época de eleição ou...

Sim, época de eleição. Época de eleição. É... eu lembro do Doutor Marino dos Santos, que era... aí... aí vem a história do... hoje eu acho que é assim, né? É... existia o partido comunista e existia um partido que era... é... vamos dizer assim, um PR, Partido Republicano. Que para mim hoje, que eu começo a pensar, pensar, seria o partido comunista. Então tinha o Doutor Marino dos Santos, Pedro Alvarez, que o Ricardo chegou a trabalhar com o neto dele aqui, né? Na prefeitura. Eu fui lá conhecer ele. E outros que eu não tenho lembrado, né? Eles iam lá em casa, visitavam o pai e tudo. Porque o pai na verdade ele era um... vamos dizer assim, uma pessoa que trabalhava, vamos dizer assim, que fazia um meio de campo pra eles, né? Eles faziam as propagandas para eles. Isso tudo eu lembro. Então o meu pai era comunista.

Uhum. E tinha reuniões na tua casa com essas pessoas?

É... é, não... as primeiras assim, eu não sei, eu não tenho ideia de quando foi isso, é nas pedreiras, escondidas. Agora, depois que já tá... já tinha um pouco de entendimento, eu lembro deles irem lá, o pai também quando eu adoecia Doutor

Marino é que atendia. Aí íamos em festinhas assim, que tinha festa de fim, de bolo, coisa, mas tinha... era um... de cunho de político assim, isso eu lembro.

E a família da tua mãe também era comunista?

Não, não sei. A mãe não sei. Eu só sei que o meu avô, pai da minha mãe lá ele era procurado... um político procurado que ele... a... a minha mãe contava que ele se escondia e que eles vinham na casa delas procurar por ele e ameaçavam, diziam que se elas não contassem que eles iam... eles botavam pólvora ao redor da casa, que iam botar fogo na casa. Faziam essas ameaças. Agora, aqui no Brasil, as duas famílias, acho que politicamente eu acho que não, acho que vô como ele... eu acho que ele morreu muito cedo meu avô materno. Então ele não tinha essa ligação política com... com meu pai assim. Pelo menos eu não sei, né?

O Tranquilo chegou a se filiar a algum partido político aqui? Ou ele só trabalhava assim por fora?

Não, eu... olha, eu não sei te dizer, Tamara. Nesse sentido eu não sei. Mas eu acredito até que sim, sabe? Eu acredito, que sim. Então a mãe tinha um certo medo, porque ele era um admirador do... Luís Carlos Prestes. Olha, Tamara, o que eu sei assim, ó: quando eles vieram foi quase... é a última família quase de italianos que se agregou à Vila Nova. Porque o resto todos já estavam ali, muitos [enfatizou] anos, né? Eles foram umas das últimas. É por isso que eu te falo, que eles se queixaram porquê... eles... que eles tinham uma... uma mágoa que eles não foram... ajudados pelos italianos, entendeu? Foi... ajudado... brasileiros, né? Quando eu souber de mais alguns detalhes, que eu tenho que conversar... porque eu tenho... os meus primos que são filhos da minha tia Giosefina, eles devem saber mais coisas que eu até. A madrinha do Ricardo, a Nélia. Né? Porque mulher, eu acho que a mulher fala mais, né? E a minha tia falava com eles sobre as coisas que aconteceram. E eles sabem, sabem mais porque eu... eu soube através dos meus primos, da minha tia. Através do meu pai, nada. A mãe falava sobre a família dela e sobre até a família do meu pai, mas ele não tocava no assunto para nós. Nunca falou. Eu acho que ele tinha alguma mágoa, alguma coisa assim, né? Como ele era adolescente. Porque quem saiu de lá com 14 anos, tu pensa bem. Tá? Né? Vem pra outro país, outra cultura, outra vida.

Transcrição de parte da entrevista realizada com Gileza Superti concedida à autora em 18 de dezembro de 2018, em Porto Alegre.

E eles fugiram lá da Itália, eu sei porque depois um padre foi lá e contou tudo para nós, como é que ele ficou lembrando lá na Itália. Ele era prefeito de uma cidade, Voltígio. É, parece que era Voltido. Voltido, uma coisa assim a cidade. Ele era prefeito da cidade. E aí... mas só que ele era contra o governo, né? Ele não era do governo, era oposição, esquerda, não sei como é que chamava. E aí ele foi vivia numa discussão com as coisas. E ele... estava na missa, e chegou o assessor dele e

disse para ele: "vão te prender ao terminar a missa". E ele de fininho saiu e foi em casa. Chegou em casa, pegou a documentação e falou para a nona: "arruma o que der numa sa... numa bolsa, pega as crianças e me espera no porto". E essa saída dele da missa ele saiu em uma bicicleta, então ele ficou conhecido como o prefeito que fugiu na bicicleta, foi a última coisa que souberam dele. E tio Carlo, como era maior de idade, ele já veio trabalhando no navio, porque ele tinha... eles vieram com passagem paga, eles não vieram como imigrante. Eles vieram com dinheiro, o nono veio com dinheiro.

Eles tinham uma vida...

Uma vida boa.

Confortável na Itália pelo que eles contam.

Confortável lá, deixou tudo. É. E ele veio com dinheiro. E aí quando chegou na... não sei no... no Rio parece assim, a coisa era... descobriam mais rápido onde é que estavam os que vinham, sabe? Porque na verdade ele era um fugitivo político, né? Ele fugiu de lá, sei lá por que é que fugiu, né? A polícia de lá (de certo estava) atrás.

Mas fugi... eles já vieram com a... com o intuito de vir para Porto Alegre?

Não, eles vieram porque... eles vieram para Brasil porque a nona tinha uma irmã que morava no Rio de Janeiro. A nona Anunciata.

Análise da entrevista

Sou descendente de italianos que vieram para o sul do Brasil no período da grande imigração, no final do século XIX. Para mim, as histórias da colonização italiana eram sempre sobre imigrantes que deixaram seu país de origem durante uma grande crise agrícola para tentar a vida na América por meio das subvenções concedidas pelo governo brasileiro. Eram agricultores, em sua maioria, e vinham encorajados pela perspectiva de tornaram-se proprietários de terras e quem sabe, assim, melhorar a condição de vida para sua família. O estado do Rio Grande do Sul recebeu mais de 60 mil italianos entre 1882 e 1914, a maior parte composta por agricultores provenientes do Vêneto, o que reproduziu nas colônias italianas "um tipo de sociedade vêneta de fins de século XIX, tradicionalista e católica" (TRENTO, 1988, p. 95). Esse tipo ideal de imigrante, se é que seja possível caracterizar dessa maneira, era a minha referência

do que seria um imigrante italiano no sul do país. Agricultor, pobre, disposto a arriscar a sua vida e a de sua família em navios lotados de outros como ele, sem garantias de que aqui encontraria a dignidade que tanto almejava.

Assim, quando escutei pela primeira vez a história da família Superti, que chegou ao Brasil no início dos anos 1920 fugida do fascismo, não pude conter o interesse em investigar a história de vida do homem que ficou conhecido em sua cidade natal como o "prefeito que fugiu na bicicleta". Em primeiro lugar porque se trata de uma imigração relativamente recente, o que me possibilitou entrevistar duas descendentes diretas dos membros da família Superti que para cá imigraram. O segundo ponto de interesse ao desenvolver esta pesquisa foi o fator político, tão evidente nos depoimentos coletados. Atílio saiu da Itália fugido do regime fascista, que ameaçava sua liberdade. As tendências fascistas, porém, extravasaram as fronteiras da Itália e a família enfrentou repressões similares no Brasil. Por essa razão decidi traçar um paralelo entre as lutas encampadas por pai e filho.

A primeira entrevistada, Norma, é filha de Tranquillo Superti, que chegou ao Brasil com 14 anos. O depoimento de Norma foi o que deu o tom da pesquisa que se desenvolveria. Quando decidi entrevistá-la sobre a história de vida de Atílio Superti não sabia muito bem aonde esse caminho me levaria. Por essa razão, optei por interferir o mínimo possível na entrevista. A minha intenção era deixar que Norma falasse e, à medida que a conversa fosse avançando, eu extrairia dali os pontos sobre os quais iria me deter mais adiante. Posteriormente, surgiu a necessidade de entrevistar outros descendentes diretos para confrontar informações e preencher lacunas. A segunda entrevistada é Gileza, filha de Giordano Superti, que tinha apenas cinco anos quando a família chegou no Brasil. Com Gileza segui o mesmo procedimento, deixando a entrevistada falar com o mínimo de interrupções de minha parte, embora desta vez eu já estivesse munida de um roteiro

com perguntas específicas, de modo a complementar a primeira entrevista.

Norma e Gileza não foram as protagonistas dessa história como é de se esperar ao utilizar a metodologia da história oral. Contudo, estavam ali como observadoras e ouvintes, o que nos permite vislumbrar como a trajetória da família foi interpretada por essas duas mulheres, e de que forma as experiências pelas quais passaram ficaram retidas em suas memórias. Halbwachs (2013, p. 31), ao falar da memória coletiva, lembra que as lembranças podem ser evocadas por outros que não necessariamente vivenciaram determinados acontecimentos, visto que para "confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível". De fato, o que o depoimento das descendentes nos permite analisar não é propriamente como os eventos aconteceram para os protagonistas, mas como ficaram fixados para quem assistia ou ouvia como mero expectador.

Eles não eram imigrantes

Norma começa a narrativa a partir da vinda do seu avô e do seu pai para o Brasil. E assinala que seu pai contava muito pouco, quem falava mais era a tia, Giosefina. Para Norma, isso se devia ao fato de ser mulher: "Porque mulher, eu acho que a mulher fala mais, né?". Logo no princípio diferencia os Superti dos imigrantes italianos: "Então, eles vieram por conta própria, eles não vieram como imigrantes, eles vieram fugidos do regime Mussolini". Gileza assinala o mesmo aspecto, apenas começa a falar: "eles vieram com passagem paga, eles não vieram como imigrante. Eles vieram com dinheiro, o nono veio com dinheiro".

É perceptível a preocupação das duas entrevistadas em estabelecer desde o início a categoria em que se encontravam os Superti ao partirem da Itália. Não eram imigrantes porque vieram com dinheiro, e fugidos do fascismo. É possível que a história tenha

sido contada a elas assim? Podemos especular que sim, mas qual seria o conceito do que é um imigrante aos olhos de Atílio Superti, ou aos olhos das duas entrevistadas? Segundo o dicionário Caldas-Aulete, imigrante se define como "pessoa que imigra ou imigrou, estabelecendo-se em país estrangeiro". O que o depoimento de Norma e Gileza nos informa, contudo, é que existe um imaginário do que seria um imigrante italiano naquele período, referindo-se ao grande êxodo da imigração italiana no final do século XIX.

A lembrança do nono e do pai, que vieram com dinheiro, por razões políticas, determinou que por essa razão não eram imigrantes, seja porque a história lhes foi contada assim, seja porque se construiu dessa maneira na memória das primas. Nesse sentido, Bosi (1995, p. 54) afirma que aquilo que será lembrado, que está guardado na memória do indivíduo, está condicionado pelos quadros sociais, por "seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão". A memória está sujeita aos grupos de convívio do indivíduo e também às instituições sociais que ele integra.

O não-dito

Ao entrevistar Norma, notei um ar de apreensão ao relatar diversos momentos. Muitas vezes, ela utiliza as palavras clandestino, fugido, às escondidas. É este o tom que acompanha a entrevista do começo ao fim. Norma está chamando atenção para o que não era falado na família, o que nunca foi esclarecido. Fala da suspeita de que o tio veio "como clandestino, ou seja, fugido eu acho, porque ele não poderia ter saído. Entendeu?", e depois levanta a questão sobre o nome do avô. Eu pergunto quem veio da Itália, e ela responde:

> "O... o Luiz... existe aí uma controvérsia assim, sempre eu tinha o meu avô como... Atílio Superti, que é o nome da rua, né? Porém, quando eu pedi o... a certidão de nascimento dele para fazer a cidadania, aconteceu o seguinte, quando eu recebi eu fiquei surpresa, porque não tinha Atílio, era (Luigi) Superti, né? Eu não

> sei por que é que aqui ele... resolveu ter outro nome. Era Atílio Superti".

Os termos se repetem na narrativa de Gileza: "Porque na verdade ele era um fugitivo político, né? Ele fugiu de lá, sei lá por que é que fugiu, né? A polícia de lá (de certo estava) atrás". Parece evidente que existe um espaço não contado, um assunto não tratado em família. Há uma história não contada sobre o tempo que precede a chegada no Brasil. Para Pollak (1989), estas são as zonas de sombra. Não se trata do esquecimento, mas sim do não-dito, seja porque foi julgado insignificante no contexto da narrativa, seja porque rememorar lembranças pode abrir feridas já cicatrizadas.

A resistência

Atílio Superti (na frente, o segundo da esquerda para a direita) na pedreira, em reunião de cunho político. ao fundo, cravado na rocha, os dizeres: viva la libertà. acervo pessoal

Atílio, contudo, não deixou de militar contra o fascismo ao chegar no Brasil. Aqui, fundou inclusive um centro antifascista[1], operando em conjunto com outros italianos da Vila Nova. Isto não quer dizer que podia atuar livremente. O contexto político no Brasil neste período não era favorável a movimentos mais à esquerda, especialmente sob o governo de Arthur Bernardes, que governou em estado de sítio por praticamente todo o mandato. Além disso, desde 1921 estava em vigor a Lei de expulsão de estrangeiros, que permitia a deportação de estrangeiros que perturbassem a ordem. Posteriormente, no governo Vargas, as disputas entre os dois espectros políticos só aumenta. No entanto, os movimentos fascistas passam a servir como um suporte para o governo de Vargas e a resistência antifascista organizada passa a sofrer perseguições.

Nas colônias italianas foi ampla a aceitação do fascismo. Para Angelo Trento (1988, p. 302), mais do que o mito da figura de Mussolini, o verdadeiro fascínio sobre os emigrados se deu pelo aumento do prestígio internacional da Itália. Dessa maneira, o imigrante que havia deixado a Itália no final do século XIX, que tinha guardado na memória um país desolado, encontrava no fascismo o orgulho de ser italiano. Consequentemente, valorizava o nacionalismo e o imperialismo italiano, acusando os antifascistas de inimigos da pátria.

Neste ponto, chamo atenção para o relato de Norma, que conta:

> "Olha, Tamara, o que eu sei assim, ó: quando eles vieram foi quase... é a última família quase de italianos que se agregou à Vila Nova. Porque o resto todos já estavam ali, muitos anos, né? Eles foram umas das últimas. É por isso que eu te falo, que eles se queixaram porquê... eles... que eles tinham uma... uma mágoa que eles não foram... ajudados pelos italianos, entendeu?"

[1] Centro Antifascista Giacomo Matteotti. Correio do Povo, Porto Alegre, ano XXXII, n. 136, p. 4, 12 jul. 1926.

Em meio a tantos silêncios, a família não escondeu a mágoa de não ter recebido ajuda de seus conterrâneos ao chegar no Brasil. É possível que não tenham recebido ajuda por serem antifascistas? Não há evidências para responder esta questão nesta pequena análise. Contudo, embora o fascismo fosse a ideologia dominante nas colônias italianas, é razoável afirmar que na própria Vila Nova havia um núcleo de resistência antifascista. Um exemplo é o centro antifascista que Atílio Superti fundou em conjunto com demais moradores do local, como os Bini e os Piatelli[2] [3].

O objetivo dos antifascistas era disseminar o entendimento de que Itália e fascismo não eram sinônimos, tampouco o povo italiano havia aderido completamente ao regime. Baseavam suas ações em comportamentos opostos aos dos fascistas, de modo a conquistar a simpatia também dos brasileiros. Entre estas ações está o incentivo dos antifascistas para que matriculassem seus filhos em escolas brasileiras, ao contrário dos fascistas, que matriculavam os filhos em escolas italianas.

Norma conta que o pai, Tranquillo, não falava sobre a Itália. Para ela, está relacionado ao fato de ter sido proibido por Atílio de falar italiano ao chegar no Brasil:

> "Meu pai nunca falou, meu pai era uma pessoa muito revoltada. Segundo a minha tia, quando eles vieram o meu pai já tinha 14 anos, ele era uma adolescente, né? E quando ele chegou aqui o meu avô não deixava... não queria que falasse o... o italiano, que tinham que aprender a língua da terra que acolheu. Entendeu? Ele não fez questão de botar em uma escola pra aprender português. E na escola eles eram... como é se chama? *Bullying*, faziam *bullying*, riam, debochavam. E ele se revoltou, não estudou mais, não quis mais estudar".

[2] Constituem o comitê diretor: Amilcar Ferrari, Carlos Galti, Antonio Campagna, Aman Piattelli, Geremia Bini, Luigi Superti, Afonso Diquigiovanni, Eugenio Zannini, Eriberto Piovesan, Enrico Gherard, Ferrucio Piattelli e Arduino Bernardo.

[3] Geremia Bini é o pai de Serina Bini, que se casaria com Tranquillo Superti mais tarde.

É provável que a decisão de Atílio fosse consonante com seus ideais políticos antifascistas, e por esta razão tenha matriculado os filhos em escolas regulares brasileiras. Para Norma, no entanto, a recusa em falar italiano estava relacionada com a decisão da construção de uma nova vida no Brasil. O discurso deve ser sempre submetido a uma "crítica das fontes", não deve ser tomado como uma verdade absoluta, mas deve, sim, ser entendido como uma interpretação da realidade.

A herança antifascista

Boa parte do que foi relatado sobre a atuação política de Atílio Superti descobriu-se por meio de uma investigação após a entrevista com Norma. O convívio com o avô foi praticamente inexistente, portanto as memórias de Norma eram formadas pelas histórias que os tios haviam contado. Ao falar sobre o pai, no entanto, Norma se coloca como protagonista. Pergunto se ela lembra da atuação política do seu pai. Ela diz, com ênfase:

> "Eu me lembro bem disso aí, né? E eu lembro também assim, eu acompanhei muito a atuação dele política, porque eu fiz parte, né? Porque eu lembro que a mãe fazia baldes de cola, cola de polvilho. [...] Era pra colar os cartazes nos postes, fazendo aquelas propagandas políticas.

Ao falar sobre o pai, Tranquillo, Norma conta sobre as reuniões às escondidas, as saídas à noite para pintar o asfalto e colar cartazes, sempre trazendo ao discurso a memória do que era oculto, clandestino, quase secreto.

> "O pai ele era comunista, né? Ele era um admirador do Luís Carlos Prestes, ele... ele tinha livros, ele tinha tudo sobre o Luís Carlos Prestes. Inclusive, é... falavam que eles tinham encontros com pessoas influentes na política e tal. Que eles faziam... era tudo às escondidas, eram encontros que eles faziam até nas pedreiras, no meio do mato".

É relevante esclarecer que Norma está relatando um período em que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) estava na ilegalidade. Desde 1947 o registro do partido havia sido cassado, e em 1948 todos os parlamentares eleitos pelo PCB tiveram seus mandatos extintos.

Conta que "a mãe tinha muito medo, a mãe tudo que era o Luís Carlos Prestes, informativos, livros, enfim, ela escondia, ela tinha muito medo"; "E eu lembro também assim, eu acompanhei muito a atuação dele política, porque eu fiz parte, né? Porque eu lembro que a mãe fazia baldes de cola, cola de polvilho". [risos]

Tu lembra dela fazer?

> "Claro. Era pra colar os cartazes nos postes, fazendo aquelas propagandas políticas. E o pai também saia de madrugada às escondidas assim, na calada da noite com... uma lata de cal, uma brocha e fa... e pra pintar a faixa, que naquela época lá já tinha uma faixa de [piche]".

Tanto Atílio Superti quanto Tranquillo Superti foram atuantes de movimentos que tinham como pano de fundo ideias antifascistas. No caso de Atílio, havia uma ligação direta com o fascismo, o que determinou a emigração da Itália para o Brasil, e o impeliu a seguir atuando politicamente no Brasil. No caso de Tranquillo, embora sua militância não esteja diretamente relacionada ao antifascismo, está fundada em um movimento que tinha a mesma natureza. O relato de Norma, de que Tranquillo era comunista e um grande admirador de Prestes, naturalmente conduz para uma convergência de ideologias entre Atílio e Tranquillo, porém mais que isso, os transforma em atores da resistência em duas situações diversas de autoritarismo.

A reflexão que proponho é que o relato de Norma se estende por um longo período temporal e acontece em um amplo espaço geográfico, tempo e espaço estes em que as liberdades forma

banidas e ideologias foram perseguidas. No entanto, estas limitações não impediram a atuação de movimentos marginais de resistência. A História Oral se propõe a contar a história dos homens comuns, e por meio dela é possível compreender nuances que nem sempre estarão evidentes em uma história mais positivista, dos documentos oficiais.

Conclusão

Na afirmação de Paul Thompson (1992, p. 27), "a história oral implica, para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque, implica na abertura de novas áreas de investigação". Penso que uma entrevista é o prelúdio para um mar de possibilidades que se materializa ao analisar o que foi dito. Quantas informações pode-se extrair de uma entonação diferente, de palavras repetidas, de pausas e silêncios. As entrevistas realizada com Norma e Gileza contribuem para os estudos das imigrações, especialmente para a temática antifascista, pois descortinam um movimento que não foi tão evidente em Porto Alegre, embora tenha sido de grande influência em São Paulo e Rio de Janeiro.

Procurei verificar as informações concedidas pelas entrevistadas. Confirmar datas, nomes. É estimulante quando os fatos narrados se comprovam. Ao mesmo tempo, descobri outros fatos e consegui complementar a história que estava sendo contada. Norma não sabia que seu avô tinha participado de forma ativa na resistência antifascista em Porto Alegre. Foi por meio da pesquisa em jornais que encontrei a informação da criação do Centro Antifascista. Este aprofundamento trouxe, porém, outras possibilidades de pesquisa. Houve de fato uma resistência antifascista em Porto Alegre? Quais eram as redes transnacionais nas quais estas atividades se desenvolviam? Sem dúvidas, este é um assunto ainda pouco explorado e que merece atenção dos historiadores, especialmente em se tratando de um período em que a democracia está sendo alvo de constantes ameaças.

Sugestão de Prática em Sala de Aula

Trabalhar com os alunos a verificação das informações concedidas pelos Entrevistados. Buscar em jornais, arquivos públicos, documentos de acervo pessoal etc. informações complementares, confirmatórias ou não, que sirvam como suporte para a construção do metatexto, com a finalidade de estimular a pesquisa no plano discente.

Referências

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Schwarcz, 1995.

CALDAS AULETE, Francisco. **Dicionário *online* Caldas Aulete**. [S.l.]: Lexicon Editora Digital, [20--]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 8 jan. 2019.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O italiano da esquina**: imigrantes na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 1991.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, p. 3-15, 1989.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel/Instituto Italiano di Cultura di San Paolo/Instituto Ítalo-brasileiro, 1988.